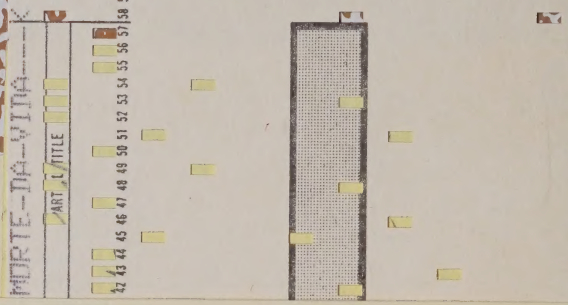
UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA

BOOK CARD

Please keep this card in book pocket



THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA
AT CHAPEL HILL

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.M3784
M6

a 00001 64617 9

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Form No. 513

CARMEN MARQUES

A MORTE DA VIDA

(ROMANCE)

1.º MILHAR

DEPOSITARIO
Livraria AILLAUD & BERTRAND
Rua Garrett — LISBOA
1928

A Morte da Vida

Composto e impresso nas Ofic. da Sociedade
Nacional de Tipografia — Rua de Seculo, 59
LISBOA

C

CARMEN MARQUES

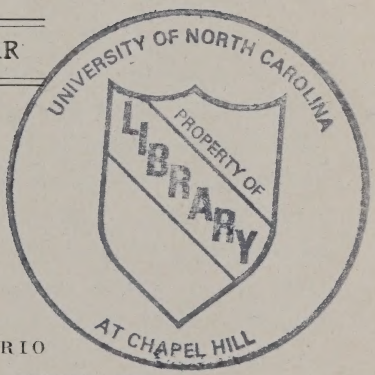
MWC

PQ9261
.M3784
M6

A MORTE DA VIDA

(ROMANCE)

1.º MILHAR

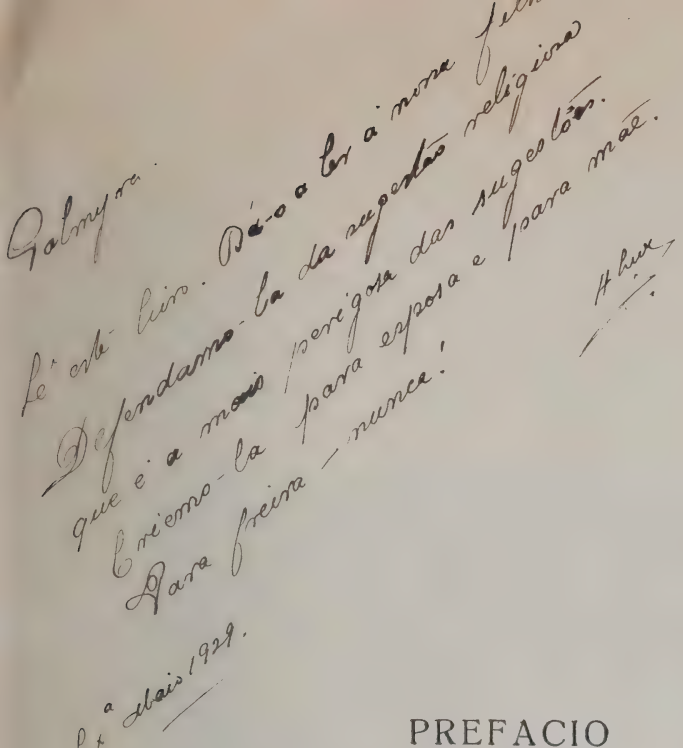


DEPOSITARIO
Livraria AILLAUD & BERTRAND
Rua Garrett — LISBOA
1928

(ROMANCE)

A MORTE DA VIDA

CARMEN MANGUES



PREFACIO

Não se busque neste livro, a linguagem purissima dos mestres, que sirva para lição da lingua portuguesa; não tenho conhecimentos de humanidades, nem o trabalho me permite que me dedique a eles, e para escrever português, como esses homens, é indispensavel ter bebido, meditado longamente, e assimilado o que escreveram classicos portugueses e latinos, sacrificando-lhes a actividade espiritual da vida inteira, e possuir o genio que vem do berço.

Este livro é menos um livro de literatura propriamente, do que um livro escrito por dever de consciencia: na hora presente, mais que em todas as outras, aqueles que sabem o que é o ensino conventual, e as suas consequencias, têm o dever de fazer quanto possam por torná-lo conhecido.

A reacção religiosa que jámais deixa de minar, desenvolve-se mais que nunca, e não é segredo para ninguem que por esse pais fóra, contra a lei, ha já muitos colegios de freiras, trabalhando-se activamente para que as autoridades fechem os olhos á sua existencia.

E' perigoso o ensino nos internatos, tanto mais perigoso quanto mais completa é a separação da familia e da sociedade; o individuo, totalmente

separado da vida, cria uma concepção da existencia á semelhança do internato, ganha vicios de todas as espécies, no contrafazer permanente da natureza, e quando chega ao mundo, encontra-se tanto mais imcompatibilisado com ele e com a vida de familia, que ignora, tanto mais quanto mais completa e duradoura foi a reclusão.

Este defeito é pertença de todos os internatos, porque ainda que neles se pretenda educar para a familia, o certo é que a vida de familia, menos que qualquer outra coisa, póde aprender-se com teorias; mas a educação conventual é mil vezes mais perigosa que a de qualquer outro internato, porque ahi, toda a educação tende a fazer uma religiosa de cada internada, cuidando-se as freiras as eleitas do Senhor entre toda a humanidade, tanto mais preferidas quanto maior fôr o rigor da ordem a que pertencem; e o seu amôr ao divino Senhor, ser-lhes-ha compensado com tanta maior gloria no ceu, quanto maior fôr o desapego de todos os bens do mundo, entre os quais contam os proprios pais e filhos, se os tiveram, e quanto maior fôr o numero de creaturas que conseguirem arrastar para a mesma vida.

Para alcançarem este efeito, a educação de to-

dos os instantes, persistente e sistematica, é orientada no sentido de aniquilar o instinto da vida nos desgraçados que cáem sob o seu imperio; os rapazes são creados no maior horror á mulher, e a mulher no maior horror ao homem.

Toda a atenção, toda a curiosidade, todo o olhar o mais inocentemente demorado, ou sequer o pensamento que não venha misturado com um sentimento de horror, dum sexo pelo outro, é um pecado mortal, que é necessario não guardar na consciencia, durante uma só noite, sem confissão. O casamento, tão vilipendiado que os casados sómente por favor ficarão á entrada do céu, se houverem tido uma vida de sacrificios, é tratado de forma tão ambigua, que nenhum dos educandos, ainda que em idade de compreender, é capaz de pensar nem de longe, que ele não é mais do que a mais alta expressão do tal horrivel pecado mortal, praticado por dois, durante toda a vida, depois da benção dum padre.

O facto é que o horror dum sexo pelo outro, é tamanho, que o educando dum convento, ao alegrar-se com a vista duma rapariga bonita, estremece, baixa os olhos e vai confessar-se; e a rapariga que deu com os olhos num rapaz, e tenha o máu pensa-

mento de não lhe encontrar aspecto desagradavel, horrorisa-se, e durante meses, privar-se-ha da sobremesa e fará meditações, sem conseguir purificar-se do pecado.

Quando esses desgraçados se conservam nos conventos até aos 16 ou 18 anos, vêm de lá completamente aniquilados para uma vida sã; alguns nunca chegam a atrever-se a olhar para o sexo contrario; outros, enfrentam corajosamente com o pecado, preferem o inferno, e quer casados quer solteiros, levam vida libertina, e continuam a rezar, como tantos que se encontram no Chiado; e outros finalmente, aqueles em quem a natureza apesar de tudo permanece sã, revoltam-se contra a origem de tanta mentira, compreendem que o homem foi creado para a mulher e a mulher para o homem, mas completamente estranhos á vida, sem nada que os ampare contra a maldade, principalmente a mulher, perdida a possibilidade de abrir a alma áqueles que a guiariam e tambem desconfiada contra todos os conselhos, quando todos os que ouviu desde a infancia, eram a negação de toda a verdade, perde-se; e só os que se encontraram algum dia deante do problema da vida, com o peso dos anos de toda a existencia e das meditações anteriores, em contra-

dição com ela, podem avaliar as tragedias despedaçadoras que se passam nessas almas.

A educação feita nos conventos é um crime contra o qual toda a reacção é pouca; de entre os mil casos que poderiam apresentar-se, uns mais tragicos que outros, em que esse problema póde ventilar-se, escolhi este porque nele nada tive de compôr ou adivinhar; foi feito sobre o que vi e ouvi nos dois anos em que estive no convento; das teorias que ouvi e dos casos que presenciei e por mim passaram, enquanto lá estive, nada foi sequer ageitado; tudo que está nele é verdadeiro até ao suicidio dessa rapariga; basta pôr-lhe nomes. E tanto nos castigos, como nas tragedias que com algumas das educandas se deram, depois da sahida do convento, poderia eu escolher ainda pior.

Poderia apontar por exemplo, o castigo que foi dado a uma pequenita que ainda não tinha 10 anos, que por ter manifestado certa disposição curiosa e mais ou menos incerta, para o que seria o casamento, foi separada das outras, durante mezes—até que veio a Republica! não lhe sendo nunca mais permitido falar com ninguem. Puzeram-na em mesa áparte, a um canto do refeitorio, já sob um vão de escada; puzeram-na numa sala sosinha, á hora do

estudo; grande parte dos recreios, passava-os encostada a um canto, e se alguma vez lhe permitiram por excepção que tornasse a andar nas danças de róda, nunca o faziam, sem primeiramente lhe infligir um discurso ou observação de tal naturesa, que as companheiras tinham repugnancia em lhe dar a mão.

O quadro não foi pois demasiadamente carregado; a tragedia posterior poderia ser ainda maior, que mais tragico seria certamente o exame da vida daquelas que depois de toda a inocencia da figura principal deste romance, tivessem acabado por viver perdidas, remoendo para sempre um remorso imenso, como a algumas sucedeu.

Todos sabem que as afirmações que aqui acabamos de fazer são verdadeiras; e não ha muito, que eu ouvi a uma familia sinceramente catolica praticante, narrar factos passados com uma das filhas num internato que recebia externas, que se aproxima de alguns que aqui aponto; dum colegio de freiras que ha actualmente em Santarem, foram retiradas duas sobrinhas dum advogado de Lisboa, porque os pais se alarmaram, ao verem que uma das pequenitas com seis anos de idade, tornada macilenta, inerte, e triste, nos dias em que

foi a casa pelo Natal, foi pedir á mãe que lhe dissesse as horas a que havia de fazer a meditação!

Uma creança de seis anos roubada á vida, á alegria, á luz do sol, sucumbida já ao peso das meditações, e das resas, para salvação dos pecadores! Quantos discursos as freiras terão feito ás outras, sobre a desgraça daquela creança de tão nova escolhida para santa, ter uns pais tamanhos pecadores, que assim a roubaram ao caminho da perfeição! E terão falado sobre o despreso das amizades terrenas, as ligações da familia, que são o maior impecilho para se entrar no caminho dos eleitos, e de como aquelas que amam a Deus sobre todas as coisas devem desprender-se de todas essas miserias!

E tudo que digo aqui, é apenas um levissimo esboço do que disseram as freiras do convento onde estivemos, quando de seis noviças que vieram da Madeira, de passagem para a Casa-Mãe, em Castres, uma voltou para traz por não ter coragem de abandonar os pais, que eram velhos e doentes.

Reuniu toda a comunidade com as noviças e as alunas, para ser exprobado o procedimento da indigna; durante dias, foi o assunto das prelecções diarias; e de ahi por diante sempre que o assunto se prestava, vinha o exemplo daquela infeliz, que

pior do que Saulo, na Estrada de Damasco, não tinha querido ver a luz com que o Senhor a iluminava!

No momento em que tantas actividades se movem para que as comunidades religiosas se apossem novamente, ás claras, e com toda a liberdade das almas da infancia e da mocidade, para que nelas continuem a aniquilar a independencia de espirito e o instinto da vida, escrevemos este livro para que o leiam todos os que nisso se empenham, todos os que para tal forem solicitados, para os que alguma vez pensaram em atender semelhantes pedidos, e acima de todos, para os que tenham filhos ou filhas que possam cair naquela fonte de aflição e de perdição para toda a vida sã e feliz.

Janeiro—1927.

(a) *Carmen Marques.*

PARTE PRIMEIRA

O SONHO

A MORTE DA VIDA

PARTE PRIMEIRA

O SONHO

I

Clarita, mal abriu os olhos, fechou-os, e não se mecheu mais, não fossem dar por ela. Daquela vez era certo, e os sonhos não mentiam: ali, mesmo defronte da caminha, estavam duas cabeças de macaco, a sair da parede; e matavam-na, se a vissem, pois toda a noite haviam corrido atraz dela.

Passou algum tempo, e Clarita não se mexia, á espera de que a mãe aparecesse para afugentar os macacos—os macacos ou o diabo—pois dum a outros não fazia ela grande diferença.

No fundo estava convencida de que macacos, gatos de olhos brilhantes, luzes longinquas, tudo era maneiras que o diabo tinha de disfarçar-se. Ainda na véspera, ao serão da quinta, a tia Rosa tinha contado a historia do Barba-Azul que pela noite, acendia cinco velas nos dedos das mãos, e esse era tambem o diabo...

Nem ela podia dizer ha quanto tempo sonhava com todas aquelas coisas; tinha a impressão de que mal fechava os olhos e se apagava a luz, começava

uma vida diferente da outra, mas tão real como ela, cheia de aventuras e peripecias, em que jogava ás escondidas com o diabo. Aquela outra vida, mais misteriosa e cheia de imprevisto, divertia-a e aterrorisava-a; de dia pensava nela com receio e desejo de continua-la ao mesmo tempo; de noite, principalmente, não fazia senão desejar o dia para acabar finalmente aquela perseguição do demonio que lhe aparecia continuamente, e ás vezes a fazia correr léguas. O sol que lhe enchia o quarto, ainda levava um certo tempo a dissipar aquele mal estar; ia mexendo um pé, depois uma perna, depois um braço, e quando se convencia finalmente de que o diabo não estava debaixo da cama para apanhá-la, saltava para o chão em camisinha e desatava a cantar e aos pulos como um passarito. Então esquecia-se dos mêdos da noite, e da porta da rua que deitava para o largo, ria-se para o sol e para a alegria do campo limpido e transparente, e continuava numa cantiga perdida. Não parava para traz e para deante; arregaçava a camisa, e na exuberancia de vida e alegria, até os dedos dos pés lhe serviam para brincar.

Por vontade dela ia mesmo em camisa para a rua; mas a mãe dava-lhe dois açoites se tal fizesse... Nada! ia a correr vestir-se e aparecia com as meias do avesso, os sapatos trocados, as calças a cair e o bibe desabotoado.

A mãe largava o trabalho e ia vesti-la a direito; mas Clara apressava a mãe quanto podia e ia apanhando um puxão de orelhas para estar quieta enquanto a penteavam, para deixar abotoar o

bibe, para deixar pôr o laço; por fim lá se apanhava solta e corria para o sol do campo...

E era uma festa...

Mas á noite, deante da luz misteriosa do candieiro, entre os quartos escuros, recomeçava para Clarita a vida estravagante que mais a prenderia ainda, ao fechar os olhos...

Naquela manhã, porém, não era um sonho: na parede defronte estavam as cabeças de dois macacos; e a pequenita, imovel, mal se atrevia a olhar por uma fresta dos lençois. Passou muito tempo sem que a mãe aparecesse e o mêdo aumentava.

—Oh! Clara, oh! grande preguiçosa! então hoje não acordas?—preguntou por fim uma voz.

Mas Clara não respondeu; os macacos ainda não tinham dado por ela; que lhe fariam se ela falasse e a mãe não estivesse ao pé para acudir-lhe?

Já o sol ia alto, quando a mãe admirada daquele socego desacostumado, veiu ter com ela:

—Olha que daqui a pouco, são horas do colegio...

Clara ia ao colegio da Helena que ela tratava por tu.

Logo que viu a mãe no quarto, afoitou-se a deitar a cabeça fóra da roupa, muito devagarinho.— Já tardava; que farta de estar na cama! mas os macacos não se iam embora...

—Então que é isso? não te mexes?...

Apontou-lhe para os macacos, fazendo um gesto a recomendar silencio.

—Que é?

Mas a mãe já estava junto á cama, e Clara dei-

tando-lhe os braços ao pescoço, disse-lhe que os macacos estavam ali na parede, á espera dela...

—Os macacos? quais macacos?

—Ali, um maior e um pequeno, ao pé da mala.

—Onde? onde vês tu os macacos?

—Ali... não vê? — e apontava para umas manchas negras.

—Tu és uma pateta; aquilo são dois buracos que a outra gente cá deixou, não são cabeças de macacos.

Clara ao ouvir isto, soltou-se rápidamente das mãos da mãe, e correu a certificar-se: Era verdade, eram dois buracos... como podia aquilo ser? E a pedir uma explicação:

—Mas oh! mãe! olhe que eu ouvi ontem a tia Rosa dizer que quem tem rabo de palha sempre cuida que lhe vai a arder...

A mãe não fez caso, vestiu-a deu-lhe almoço e mandou-a para o colegio.

No entanto Clara pensava e repensava em tudo que tinha sucedido desde a véspera e parecia-lhe singular a coincidencia do que tinha ouvido á tia Rosa, do sonho e dos buracos que lhe pareciam diabos em figura de macaco.

Recapitulava para entender:

Na vespera tinham deixado a quinta do outro lado do campo, e voltado para a casita branca, de largo horisonte, onde já tinham morado.

Tinha ido a correr á tia Rosa que estava ao pé da nóra, a falar com o tio Joaquim e ouviu-o dizer-lhe:

—Sabes o que te digo?

«Quem tem rabo de palha sempre cuida que lhe vai a arder...

Não, ela não tinha rabo de palha; mas á noite, reparou em que o colchão era de palha; e se o rabo ardia, porque não havia de arder o colchão?—De ai a nada estava a dormir. Mas logo apareceu o diabo, vestido como de costume, com um fato de triangulos vermelhos, amarelos, azues, verdes, brilhantes e rangidores como a palha dos chapéus que punha para o sol, um diabo muito esguio, alto como um primeiro andar, a convida-la para subir a escada mais a irmã, para lhes dar uns vestidos como o dele. O vestido pareceu-lhe bonito; acedeu com receio, mas mal o diabo, dobrado ao meio, lhes enfiou os vestidos, pegou na mão da irmã, e aproveitando uma distracção dele, deitou a fugir com uma velocidade incrivel: queria o fato, mas não queria o diabo.

Era preciso ir depressa; a *casa do diabo* era muito longe, ao pé do caminho de ferro, no Campo Pequeno, e elas para fugirem, precisavam de chegar á linha antes de começar a passar o comboio sem fim. Não as deixaram atravessar; as cancelas estavam corridas, e o comboio já ali vinha. Então, com a mão da irmã presa, começou uma espera impaciente e cheia de mêdo, de que o diabo aparecesse para as levar outra vez. Os fatos que ele lhes dava, convinham-lhe, eram bonitos; mas porque lhes não dava ele os fatos e não as deixava ir embora?

Ela bem tinha ouvido dizer ao sr. Prior que em o diabo agarrando uma pessoa nunca mais a larga; por isso tinha mêdo... para mais diziam que tudo

quanto é ruim era feito pelo diabo... Nada! aqueles fatos eram bem bonitos; mas lá ficar presa é que não queria.

O comboio não acabava de passar; nem se lhe via o fim; e o diabo já devia ter dado pela falta delas.—Ainda faltaria muito para fugirem? Ah! se elas pudessem ter posto aquele comboio entre elas e ele, a esta hora já estariam bem escondidas, e ele havia de estar todo desesperado, á espera de que o comboio passasse, e nunca mais havia de encontra-las. Mas assim, que iria acontecer?

Lá vinha ele! e corria, com umas passadas muito grandes, que atravessavam a estrada, um olhar trocista e furibundo, direito a ela. Não queria a irmã, queria-a a ela... Ah! bem! o comboio estava a acabar! e deixando a pequerrucha, que o diabo não queria, pôs-se a fugir desesperadamente, tão desesperadamente que já o diabo ficava muito atraz.

Agora vinha o adro da Igreja que ficava no meio da quinta da Helena, rodeado dumas grandes arvores e arbustos, lá estavam os degrausinhos... e quando menos esperava, apareceu-lhe o diabo correndo em sentido inverso; chegou a vê-la, e Clara retrocedeu, até que numa volta se lhe escapou. Ele passou para deante sem dar pelo esconderijo; depois, percebeu que fôra logrado, e voltou atraz, andou á volta dela, mas nessa ocasião, Clara segurava umas contas de rezar muito lindas, como nunca vira nenhumas, que estavam no puchador duma porta, ali á mão, e o diabo não podia fazer-lhe mal.

Então saiu para o largo, com aquelas contas amarelas, translucidas, grandes, e começou a bai-

lar e a dançar deante dele, fazendo-lhe surriada porque com aquelas contas, não podia agarra-la. O diabo deu um grande grito e fugiu...

Depois tinha sido a vingança. Quando Clara estava na cama, não tinha contas nenhumas; e visto que o colchão era de palha, o diabo bem sabia que fazer: era deitar-lhe fogo. Mas ao diabo não lhe convinha ir com aquele fato: Clara podia reconhece-lo; o que lhe convinha mais era disfarçar-se. E a pequenita quando rompeu a manhã, e acordou, estava absolutamennte convencida de que o colchão ia começar a arder; escutava atentamente o menor ruido; o diabo estava debaixo da cama, e já devia ter os fosforos ao lado...

Nisto deu com os olhos na parede: não era debaixo da cama! era ali! estavam ali! o diabo, para melhor fazer a sua, tinha-se feito em dois macacos!!

E agora, desfeito o sonho, Clara divertia-se com a lembrança, ligando-lhe contudo certa rialidade:

A partida tinha sido engraçadissima; daquela ainda escapára, visto que os macacos eram apenas faltas de caliça.

O diabo não podia nada de dia!...

E depois de penteada, não pensou mais nisso.

II

Clara, quando ainda não andava no colegio, passava os dias em casa da senhora D. Amelia.

Desde pequenita que ia para lá de manhãsinha e voltava para casa dos pais só para dormir. Sentia-se lá em casa, como uma rainha; todas as atenções eram para ela, e escutavam quanto ela queria e dizia.

Só com uma coisa a atormentavam constantemente: era a mania de a obrigarem a brincar com bonecas. A senhora D. Amelia, as primas, as visitas, todos se cuidavam na obrigação de a presentear com um môno de trapos ou de loiça, que não falava nem se mexia. Clara não podia perceber porque a mandavam ir buscar as bonecas de vez em quando e, nessas ocasiões, quedava-se a olhar longamente para o caixote onde elas se amontoavam: era uma preta enorme, com um preto do mesmo tamanho, feito de trapos: uma branca tambem grande, de setineta cheia de qualquer coisa, que mais tarde, viu ser semeas, tres de loiça, mais pequenas,

e uma infinidade delas feitas de trapos, pequenas, maiores, senhoras, creadas, meninas...

Clara lá vinha com o caixote, com uma esperança vaga de que elas daquela vez tivessem ao menos uma cara diferente—mas isso! sempre quietas, sempre caladas... Pegava num lapis e começava a fazer os olhos maiores a uma, a boca mais carregada... Uma vez, ás escondidas, foi aos dois pretos, agarrou numa tesoura, meteu-se atraz duma porta, e zás, zás, descoseu, puxou, e dai a bocado, tinha uma data de trapos de côres muito lindos que lá estavam dentro! E foi a correr mostrar o achado á Elisa, que morava ao lado.

D. Amelia quando deu pela falta, pediu-lhe os trapos e aproveitou-os para fazer mais uns vestidos á branca grande, com muita pena da Clara que assim via desaparecer os seus ricos trapinhos de flores. E tambem lhe recomendou que se não ralasse, pois dai a pouco, havia de fazer-lhe outro casal de pretos ainda maiores.

Clara pôs-se a scismar no caso, e naquele dia, levou o caixote das bonecas para casa, esperando vagamente que D. Amelia, não as vendo, se esquecesse de fazer os pretos... Mas oh! ideia salvadora! andavam a pintar a casa, e as latas das tintas estavam ali a um canto: no dia seguinte, a mãe de Clara foi encontrar todas as bonecas, grandes e pequenas, completamente metidas nos baldes das tintas!

E como castigo—que feliz ideia!—nunca mais lhe deram bonecas.

* * *

A casa de D. Amelia era a casa da Clara, e tanto se tinha habituado a ser o alvo de todas as atenções, que imaginou começar a mandar em todos

Era na creada, a Rosa, que a adorava, era no papagaio, era no cão... Mas com estes não se metia senão de longe, pois o cão tinha-lhe dado uma dentada, e o papagaio rebentara-lhe dois daqueles balões de côres que o sr. Capitão lhe tinha dado no domingo. Mas ainda havia o sr. Capitão e a sr.ª D. Amelia com quem ela tinha de contar...

Ora uma bela manhã, a Clara, ao café declarou pomposamente que queria mais açucar:

—O café está doce, Clarita, não precisa de mais, disse-lhe o velhote, o pai da senhora D. Amelia.

—Mas eu quero mais açucar!—gritava Clara.

E por fim, vendo que não lhe faziam a vontade, sai de lá com um dedito e beiço ameaçador:

—Pois se não me derem mais açucar, não bebo.

—Oh! Rosa, disse o sr. Capitão com serenidade, leva o café da Clarita, e não lho dás, nem que ela o peça.

Agora é que a Clara ficou aflita; já queria mesmo assim; o café estava doce, que lho dessem!... Nada, ninguem a ouvia! quando se levantaram, foi á cosinha, na esperança de convencer a Rosa... Mas

o sr. Capitão ia atraz dela, e naquele dia, teve de passar sem café.

Clara nunca mais teve birras.

*

* *

No jardim havia um canteiro que era dela; era ao pé da parede das glicinias e debaixo da parreira da entrada da casa. Tinha um craveiro, uma roseira, salsa e hortelã, que ela fornecia com orgulho para o jantar. Clara tambem lá queria pôr uma arvore, e metia na terra azeitonas, caroços de pecegos, de nesperas, o que calhava... No dia seguinte ia esgaravatar para ver se tinha nascido, e é de ver que nunca chegou a ter arvore nenhuma.

Quando foi tempo de pôrem couves no quintal da trazeira, conseguiu que lhe puzessem tambem duas couves no canteiro dela; na manhã seguinte, o seu primeiro cuidado foi puxar pelas couves, porque lhe tinham dito que as couves pegavam e ela queria saber se era verdade...

Quando Clara fez quatro anos, a senhora D. Amelia entendeu que era tempo dela aprender a ler, e para esse feito, comprou-lhe um pacote de massa de letras. Achou muito esquisito que a sopa se fizesse de letras e ia preguntando:

—E esta como se chama? e esta?

Ao fim de alguns dias, disseram-lhe:

—Bom agora vais juntar as letras.

Isto fazia grande confusão na cabeça da Cla-

ra; explicaram-lhe que era pô-las a duas e duas, até dizerem uma coisa. Que descobrisse...

Então ela pegava no banco pequenino, no pacote das letras, numa tabuinha, e vinha sentar-se ao pé do seu canteiro com uma fatia de pão com manteiga. Ia tirando o A, o B, e punha-as uma ao pé da outra, que tempos... Não diziam nada... Era o B. que era máu e comia-o, depois era o A. e comia-o tambem, e procurava outros para os substituir, mas em vão. Por fim resolveu ir lá dentro fazer queixa de que o A. e o B estavam zangados com ela, e de que não queriam dizer-lhe coisa nenhuma.

—Oh! pateta, então não descobres que um B e um A, faz BA?

«Vai ver agora, B-E, B-I...

A Clara foi e dai a bocado veiu dizer:

—O B e o A já não são maus; nem o I nem o E.

E já sabia BE, BI...

Um dia D. Amelia apareceu a chorar, e com um fato todo preto; a Rosa tambem estava de preto e nunca mais cantou. A' tarde já não vieram para o muro do jardim conversar com a mãe da Clara, e o sr. Capitão não apareceu...

Clarita olhava em volta como se aquela tristeza se lhe estendesse e punha-se a preguntar pelo sr. Capitão, porque chorava a senhora D. Amelia e porque estava com aquele fato...

Disseram-lhe só que o sr. Capitão não voltava... Clara não entendeu; mas daquele silencio triste que lhe ocultava um misterio, e daquele fato pre-

to que ficou e parecia vestir tudo, caiu nela, pela primeira vez, uma sombra vaga e tenue, que lhe parecia morar principalmente naquele canto escuro do jardim, mas que poderia vir crescendo, um dia, sem saber porquê, nem quando...

Não preguntou mais nada a esse respeito; mas quando via a senhora D. Amelia pôr sobre as roupas brancas aquele fato negro, Clara ficava-se a olha-la, e via crescer a tal sombra...

Mais tarde, só muito mais tarde, soube o que era a morte e que o sr. Capitão tinha morrido de repente, no serviço.

Levaram-na para ela não vêr nada dos oficios funebres; mas d'aquele dia de ausencia, do desaparecimento do pai da senhora D. Amelia e do fato negro, ficava-lhe já, na alma, uma saudade vaga e triste...

Mais tarde, não podia dizer quanto tempo depois, vieram uns homens e levaram a mobilia da sala. A senhora D. Amelia e a Rosa estavam muito tristes emquanto eles iam levando aquelas coisas para a carroça. Clara lembrava-se de lá ter estado um sugeito, dias antes, a vêr as cadeiras e sofás; tinha olhado e revirado o tapete, enquanto ela, em cima do banco pequenino estufado, gritava:

—Este é o meu banquinho, este é o meu banquinho!

E D. Amelia tinha dito ao homem:

—Este banquinho fica.

E foi o unico objecto que ficou da sala.

A sala era uma casa triste e sem claridade; a mobilia era escura.

Raras vezes ali iam, e Clara naquele sitio, falava baixinho, como se fosse lá sómente para dizer segredos; e se alguma vez falava alto, a voz soava-lhe falso e fazia-lhe efeito de vir do outro mundo.

E talvez por isso mesmo, agarrada ao banquinho que eles tinham atirado para um canto, sentia-se tambem triste, como a senhora D. Amelia e a Rosa...

Passaram mais uns tempos, e uma vez, uma senhora que Clara nunca tinha visto, veiu visitar a senhora D. Amelia. Viu-as chorar a ambas... E dahi a poucos dias, vieram mais carroças, e levaram o resto da mobilia. Depois sairam todos; D. Amelia fechou a porta á chave, e foram lá para diante esperar o electrico... Daquela vez Clara não foi com a senhora D. Amelia; voltou para casa com a mãe, e ficou á porta da rua, sem saber para onde ir...

III

O colegio era muito divertido.

Corria tudo perfeitamente até á hora da Helena lhe preguntar: dois e dois? quatro e quatro?

Clara olhava para ela com um ar muito aborrecido, insusceptivel de compreender a razão nem o fim de semelhantes preguntas. Pensava noutra coisa; via o burro que andava á nóra, no pateo para onde deitava a grande porta da sala, o chapeu do José com um buraco, lembrava-se da lição dum menino que estava a ler... E a Helena mandava-a embora, sem Clara ficar sabendo ao menos que havia numeros para contar.

Clara tinha cinco anos e não descansara sem a deixarem ir para o colegio da Helena. Era na quinta para onde deitava a janela do quarto dela; quem ensinava era a Helena, a Etelvina, e a Elisa, a quem ela tratava por tu, e eram crescidas. No dia em que a Helena fez 12 anos, a tia Rosa tinha ido ao colegio, e dito:

----Agora todos tratam a menina Helena por

senhora, ouviram? Já não é uma menina, é uma senhora.

----E eu tambem? preguntou a Clara.

----Pois claro, redarguiu a tia Rosa, tu mais que os outros que és a mais pequena.

Clara não gostou de tratar a Helena por senhora, e passou a chamar a Etelvina para tudo.

---Ao menos a ti, não és senhora! -- disse lhe quando a apanhou ao pé.

---Mas olha que a Helena é que manda, e é a professora.

A Clara meditou um pouco, e respondeu:

---Pois sim! Mas gosto mais de ti.

Quanto á Elisa, essa era pouco mais velha que ela e por isso não lhe dava importancia; nem sequer podia pegar-lhe ao colo; mas gostava de andar a correr com ela, pela quinta fóra, depois de acabado o colegio, e em não estando ao pé da Elisa, já andava a gritar:

---Oh! Elisa, Elisa! onde é que tu estás?

No colegio andavam muitos meninos. Ao principio eram menos, mas agora, eram ás vezes tantos que quasi não cabiam na sala grande, onde antigamente estavam as camas.

Clara lembrava-se daquelas camas, do tio Joaquim e da tia Rosa, da Helena e da Elisa, com umas flores pintadas nos ferros, separadas por grandes cortinas encarnadas,

Porque seria que as tinham levado? Naquele tempo, a Helena, a Etelvina e a Elisa andavam no colegio da D. Alice, e Clara estava todo o dia em casa da senhora D. Amelia. Pouco depois desta ir

para longe, a Helena apareceu transformada em professora. Era a mais velha do colegio da D. Alice, que a chamou um dia, á parte, e disse-lhe:

---Tenho de mudar-me; se quizeres mando-te para lá os mais pequenos, e vai-los ensinando porque tens geito.

E assim apareceu o colegio para onde Clara quiz ir sem demora, logo que ficou sem a senhora D. Amelia e a Rosa.

O que a Clara gostava do colegio! volta e meia aparecia a tia Rosa, desembaraçada, com o fato da quinta, dando ordens ao lanche, ordens aos pequenos que não tinham bastante respeito á Helena; e a pequenada calava-se. Mas o mais divertido era á tarde, quando se costurava.

A madrinha da Helena, uma velhota de oculos era quem ensinava a coser. A senhora Ana era adorada por todos. Punha-se no meio, com as costas para a janela, e as meninas formavam meia-lua em torno dela, para aprenderem e ouvirem as historias que ela contava.

Nos dias em que a chuva batia na vidraça, e o vento assobiava lá fóra, sentia-se um agasalhado e doce conforto; e enquanto a chuva ia caindo, cá dentro, escutava-se, num silencio religioso, a voz das que iam contando coisas extraordinarias que tinham acontecido.

Umas vezes era a senhora Ana que dizia historias de fadas com mantos de luar e corôas de estrelas, numas serras muito altas de onde aparecia finalmente um rio de prata que ia dar ao céu; outras vezes, a Alice que lia bem, ia buscar o livro

da 4.ª classe, e lia aquela historia, nunca bastante repetida, da «Náu Catrineta».

Já passava d'ano e dia
Que andam na volta do mar...

Ao fim já todos sabiam de cór aquela historia tão linda; o bater da chuva lembrava o rugir do mar, o barco perdido, abandonado... E diziam em côro:

Já não tinham que comer
Já não tinham que tragar;
Deitaram sola de môlho
Para o outro dia jantar...

Os que nunca viram o mar adivinham-no; uma agua verde, profunda e triste, sem fim, a rolar sem fim, e o barco, sem comer, que nunca mais via terra...

Mas a sola era tão dura,
Não a puderam tragar:
Deitaram sortes á ventura
Qual se havia de matar...

E parecia que andavam todos no alto mar, e que a todos podia cair a sorte; como um sopro de morte que a todos abrangesse, vagamente conscios de que se perdia o guiador, continuava-se:

Logo foi calhar a sorte
No capitão General.

Depois eram as tentativas da derradeira esperança:

Acima, acima gágeiro
A'quele tope Real!
Vê se vês terras de Espanha
Areias de Portugal!

Mas a esperança era uma ilusão:

Não vejo terras de Espanha,
Nem areias de Portugal,
Mas vejo sete espadas nuas
Que te estão para matar!

E voltava:

Acima, acima gageiro
A'quele tópe Real!
Vê se vês terras de Espanha
Areias de Portugal!

E a par da tragedia do mar, aparecia o gageiro com o sinal de salvação, mas a preço de misterio ancioso:

Não vejo terras d'Espanha
Nem areias de Portugal!
Mas enxergo tres meninas
Debaixo dum laranjal:
Uma sentada á costura
Outra na roca a fiar
A mais formosa de todas

Está no meio a chorar.
---Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as dera abraçar!

E no meio da alegria de já ver a terra que esperava nunca mais pisar, diz ao gageiro milagroso:

A mais formosa de todas
Contigo ha-de casar.

Começa então a descobrir-se algo de misterioso nesse salvador que quando tudo era perdido, trazia á vista a terra desejada:

Eu não quero a vossa filha
Que vos custou a crear...

E seguia-se na alegria louca de viver e no reconhecimento sem limites, o oferecimento de todas as riquezas e a negativa misteriosa:

Dar-te-hei tanto dinheiro
Que não o possas contar
---Não quero o vosso dinheiro
Que vos custou a ganhar...

---Dar-te-hei o meu cavalo branco
Que nunca houve outro igual!
---Não quero o vosso cavalo
Que vos custou a ensinar.

---Dar-te-hei a nau Catrineta
Para nela navegares.

Mas esse gageiro a quem davam assim, como num sonho, o gráu de capitão, respondia:

---Não quero a Náu Catrineta
Que a não sei governar.

E o capitão que não tem mais que dar, pregunta enfim:

---Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te hei-de dar?

O escuro tentador revelava-se, enfim:

---Capitão! quero a tua alma
Para comigo a levar!

Sentia-se o estremecimento de horror da equipagem toda, na resposta viva do capitão:

---Renego de ti demonio
Que me estivestes a tentar:
A minha alma é para Deus,
O corpo deito-o ao mar.

Mas estavam bem certas de que o horror não se consumaria e de que o premio e castigo seriam dados conforme os meritos, a par da salvação de todos: o milagre realisava-se:

---Tomou-o um anjo nos braços
Não o deixou afogar,
O demonio deu um estoiro
Que espavoriu todo o ar...
E á noite a Náu Catrineta
Estava na terra a varar.

Depois da Náu Catrineta era certo contar-se a historia daquela D. Sulivana, tão infeliz, que deixava um rasto triste, e a triste convicção de que nem sempre chega o castigo dos opressores:

Mandei fazer uma torre
Das mais altas que havia
Para meter Sulivana
Sete anos e um dia,
E ao fim dos sete anos
Sulivana falecia.

Vinha o longo sofrer de tanto tempo, maior que a vida de muitos dos que cantavam:

Sóbe acima Sulivana
Toda triste e maguada
Quando vê os seus irmãos
A jogar á espadeirada.

---Queridos manos que sois meus
Abri-me primeiro esta grade,
Pelo amor eu vos peço
Se me dais um jarro d'agua.

E a resposta igualmente ouvida mil vezes em sete anos:

---Não te dou agua querida mana
Querida mana da minha alma
Que o nosso pai nos jurou
Pela ponta da sua espada.
Quem desse agua á Sulivana
Morreria degolado.

Desce abaixo, sobe acima, vê sua irmã a bordar, sua mãe no jardim, a todos pede agua, mas de todos ouve a mesma resposta:

---Não te dou agua querida mana
Querida mana da minha alma
Que o nosso pai nos jurou
Pela ponta da sua espada
Quem desse agua á Sulivana
Morreria degolado.

E a resposta da mãe, mais triste e mais denunciadora ainda duma maldade feroz e inexplicavel:

---Não te dou agua querida filha
Querida filha, da minha alma
Que o maroto do teu pai
Té a agua tem fechada.

Finalmente aparecia tambem esse pai, mais odiado do que o proprio tentador do capitão da Náu Catrineta; e a vozita debil e maguada lá se

lhe dirige tambem na esperança de poder ainda salvar-se:

---Querido pai que sois meu
Abri-me primeiro esta grade,
Pelo amor eu vos peço
Se me dais um jarro d'agua.

---Não te dou agua querida filha
Querida filha da minha alma,
Que eu pedi-te a mão direita
E não m'a quizeste dar...

Que homem era então esse que não se comovia, que tinha uma filha a morrer de sêde, fechada ha sete anos numa torre tão alta? E todos se sentiam sós, naquela altura além das nuvens, e mortos dessa sêde que não podiam suportar meia hora; mas já a vosita cada vez mais fraca murmurava:

---Tome lá a mão direita
E a esquerda se a quiser...

Oh! quem lhes dera poderem matar esse homem que por uma birra tão futil, deixava sofrer e morrer uma menina que devia ser linda, era tão meiga e pedia já quasi sem voz! nem agora se comoveria? Sim, a morte proxima vencia-o:

Corram todos meus creados
Buscar água á Sulivana
E o primeiro que cá chegar
Um premio ha-de ganhar.

Mas é tarde, o mal não tem remedio:

A agua a chegar,
Sulivana a falecer,
A alma dela irá para o céu...
E o pai vai a padecer...

Mas que tormentos lhe bastariam?

A historia não o dizia, e ficava-lhes nas consciencias novinhas, um sentimento de revolta e certa tristesa mal definida, ao apontar-lhes nalma a noção de que nem sempre os bons são os felizes, nem sempre os maus são os castigados...

Outras vezes, a conversa levava rumo diferente. Algumas das creanças vinham de muito longe, por azinhagas solitarias, de Palma e de Telheiras, do Pote d'Agua e eram filhos de rendeiros das quintas. Tinham a imaginação viva e cheia de almas do outro mundo; as pedras e as arvores falavam-lhes; todas as conversas se revestiam dum caracter estranho...

O homem das calças parda existia, e passava todos os dias no campo, ás duas horas; ás vezes porém, ia mais tarde, e podiam encontra-lo. O que ele tinha feito não se sabia ao certo; mas esse homem, esse homem de calças pardas, que perigoso não seria encontra-lo?!

Uma vez a Virginia e o Jorge chegaram ao colegio com um ar misterioso; e á costura, pegaram da grande conversa que vinha desde manhã, entrecortada pela vida escolar:

---Na vespera, quando iam para casa, encon-

traram o homem das calças pardas, ao pé do chapéu de sol, com um palhinhas. Deitara a correr, atraz deles; fugiram para outro lado, e para chegarem a casa tiveram de dar a volta por Telheiras.

A Lucinda que tambem fazia caminho com eles, ajudava:

---Era muito alto e corria sem descanso. Ainda ia agarrando a Virginia por um braço. Chegamos a casa esbaforidas.

No dia seguinte foi a vez do José, da Alice, da Maria Alda e do Antonio que iam para as Moiras, de encontrarem tambem o homem das calças pardas; lá estava ao pé do chapéu de sol, com o mesmo palhinhas, e de lá deitou atraz deles. Nem sabiam como tinham escapado; mas para deante da lagôa, viram um policia, chegaram-se a ele, disseram-lhe que vinha ali o homem das calças pardas, e ele então fugira.

De ai por dias não havia ninguem que não tivesse visto o tal homem; á hora da saida, rapazes e raparigas iam em grupos, falando baixinho e em bicos de pés, até ao chapéu de sol, e era infalivel encontrarem-no á espera dos meninos que não pudessem correr ou que fossem mais desacompanhados; nenhum se atrevia a ir sosinho para casa; e a Vitoria que não tinha companhia, ainda que morasse do outro lado, quasi em frente, passou a ir acompanhada pela mãe. Os outros juntavam-se aos seis e sete, no maior numero que podiam, e levavam o caminho á espera do tal homem de quem até receavam pronunciar o nome.

A este proposito acorriam muitas outras historias.

Falava-se quasi em segredo, daquele menino a quem aparecia um homem de barrete verde, que mais ninguem via senão ele, e lhe roubava o pão que a mãe lhe dava para a merenda. O menino chorava, pedindo mais pão, apontava para o homem, mas ninguem o via senão ele.

Contava-se tambem a daquele outro a quem a mãe dissera, enquanto estendia a roupa, por ele ter entornado a caixa dos alfinetes:

---Diabo te leve!

E tinha vindo uma sombra que o levára.

Era um perigo rogar pragas e sobretudo falar no diabo! Aquele do barrete verde, roubava o pão, porque o pai do menino costumava dizer que gostava imenso de que o diabo lhe aparecesse já que nunca o tinha visto; e Deus, para castiga-lo, mandava-o ao filho...

Sabiam um sem numero de historias destas:

Sabiam a do Barba Azul que tinha morto sete mulheres, e que á noite alumiava a casa onde as metera, com as mãos presas na parede, e os dedos transformados em vélas; e na escuridão, aparecia o demonio feito gato preto, com uns olhos brilhantes, a ajudar ao festim! Sim, os gatos pretos sobretudo, eram perigosos: muitas vezes eram o demonio, e havia toda a conveniencia em uma pessoa se benzer logo que via um gato, pois se fosse o diabo, dava um berro e desaparecia...

Os acontecimentos do dia tambem davam margem á conversa:

Naquela epoca tragica em que fugiram com pequenos intervalos os oito toiros da Praça, e o tigre do Jardim Zoologico, os pequenos andavam espavoridos.

Um dos toiros enfiou pela estrada de Malpique, outro pela estrada de Telheiras. Havia muita gente que os tinha encontrado; uma velhota, para se livrar, deitou-se ao comprido, junto do muro Carapinha, e ali estivera que tempos, contendo a respiração, enquanto o toiro a cheirava, e raspava a terra.

No colegio não se falava de outra coisa; tomavam-se conselhos:---Tu que fazias se o toiro te aparecesse?

---Eu deitava-me... Eu morria de mêdo... Eu não sei...

Formavam-se logo projectos de defesa: se fosse onde pudessem, subiam a uma arvore; as raparigas só estendendo-se no chão, como a velhota, e sustendo o ar. Se fosse ao menos ao pé do pateo do Vilar, subiam a escadinha e fechavam o portão ---mas ele não o meteria dentro?

Alguns vinham prevenidos com lençois porque os toiros param quando veem branco; e se ele aparecesse, embrulhavam-se, encostavam-se a qualquer coisa, á parede ou a uma arvore e não se mexiam...

O ultimo toiro foi morto a tiro, por um policia, na Estrada de Telheiras. Nesse dia os pequenos respiraram. Nada: aquilo era pior que o homem das calças pardas; e parecia-lhes fóra do natural que o perigo tivesse passado definitivamente.

Alguns ainda diziam:

---E se os toiros voltassem?

Quando fugiu o tigre, a imaginação parou. Ninguem fazia ideia do que seria aquele bicho; no livro da terceira, havia uma gravura, e a historia dava-o, pelo mais feroz e cruel de todos os animais.

Era afirmação absoluta: matava tudo, matava todos.—Como faria ele? e os olhares fixavam-se longamente nas estampas, enquanto se dizia:

---Já matou uma, duas, tres... oito pessoas... Ninguem o matará? E entregues ao fatalismo do destino, não pensavam em escapar ao tal bicho, se aparecesse.

Quando não havia acontecimentos tão fóra do vulgar, o campo supria:

Duma vez a Virginia e a Lucinda apareceram a dizer:

---Vocês tenham cuidado quando passarem debaixo daquelas arvores grandes e grossas que ha ali no largo; teem uma folhagem muito escura e cerrada, e lá dentro vivem uns bichos muito feios, grandes, parecidos com sapos.

---Como sabem vocês isso? preguntaram os outros.

---Sabemos porque vimos.

---Viram os tais bichos? e todos eles eram receio e curiosidade.

---Não vimos os bichos, mas vimos as covas que eles fazem no chão, com a agua preta que escorrem.

Logo que sairam da escola os rapazes e as raparigas foram ver as tais arvores; eram ulmeiros velhos e carcomidos nalguns sitios. Aqui e ali, no chão, lá estavam as manchas escuras...

---Que lhes diziamos nós? exclamavam as duas raparigas. Não olhem para cima e tirem-se para o lado. Olhem que se este liquido lhes cai na cabeça ou nos olhos, faz-se-lhes uma ferida que nunca mais se cura. E os bichos se as veem, deitam-lhes logo a agua...

Os pequenos dali por diante nunca mais passaram debaixo dos ulmeiros.

Ora quando foi a historia das arvores, morava Clara na quinta, lá para os lados da Vitoria.

Num dia de sol, saiu ela para o colegio com um bibe branco, contente como de costume. A' volta porém, o tempo tinha mudado, haviam caido grandes cargas de agua, e continuava a ameaçar. Vitoria e Clara iam depressa para não serem apanhadas pela chuva---e para mais depressa, atravessaram o tal largo dos ulmeiros. O chão era escorregadiço e as arvores pequenas tinham em volta, grandes covas, abertas para as regas, que estavam cheias de agua.

Nisto começou a chover com força; largaram a correr, quando repararam que iam justamente a passar sobre uma das tais manchas que os bichos faziam. Clara deu um pulo, e estatelou-se no meio duma das poças d'agua, de onde saiu escorrendo.

---Que lhe faria a mãe? um bibe lavado!...

Separou-se da Vitoria, cheia de mêdo, e até casa foi a scismar nos sapos que tinham tido a culpa

A mãe estava em cuidado; ao vê-la, não pensou senão em mudar-lhe a roupa; mas Clara, com receio do castigo, em logar de deixar-se despir, punha-se deante da mãe, e teimava em desfiar a longa historia dos sapos das arvores negras, e do mal que tinham feito a muitos meninos.

---Oh! Clara, vamos a tirar essa roupa, e está calada que não entendo patavina. Nas arvores não ha sapos.

Era como a historia dos macacos: a mãe não a entendia

IV

Era noite de S. João.

O sr. Correia, D. Lucinda e a neta, já crescida, tinham vindo de Lisboa, e depois de jantar trouxeram cadeiras para defronte do gradeamento do jardim; juntaram-se-lhes a mãe de Clara, D. Amelia e a Rosa que tambem tinham vindo matar saudades de tantas noites como aquela...

Clara gostava muito de todos, e por isso fazia quanto lhe passava pela cabeça em estando ao pé deles. Não tinha a menor ideia do que faziam na sociedade e nem mesmo chegara a discorrer que é costume fazer qualquer coisa, e que existe uma chamada sociedade; mas sabia muito bem que D. Lucinda lhe trazia muitos sapatinhos novos, meias, camisas, e sobretudo que lhe dava manteiga, doce, e todos os bolos que ela queria comer. Isto é que marcava a ligação deles á sua vida e quando D. Lucinda estava em Lisboa, não fazia senão preguntar á mãe:

---Quando vem a siôa Lucinda?

Além dos sapatos e bolos, havia nesta senhora outra coisa que a deslumbrava: era um cordão de oiro muito grosso de onde pendia um grande medalhão. Porque punha ela ao pescoço, uma coisa tão pesada? Aquilo devia ter muita força, pensava Clara; e pesava, porque a mãe dela dizia-o muitas vezes com admiração... Já tinha querido experimentar, mas sempre a enxotavam quando estendia as mãos para ele. Se o apanhasse em cima da mesa!... mas isso! quando chegava a casa da senhora D. Lucinda, já ela o trazia ao pescoço.---E Clara ficava a olhar para o cordão.---Talvês fosse bom, mas era para puxar um daqueles carros de areia com que brincava no campo; dos maiores... ou então para atar o carneiro ao carrinho, onde a passeavam aos domingos...

Estava porém, bem livre de que a deixassem experimentar; e Clara, descoroçoada, punha-se a cuidar noutra coisa.

Não era só o cordão da senhora D. Lucinda que lhe fazia falta. Ainda no domingo, antes da missa, tinha visto uma senhora com umas contas muito grandes, que lhe faziam um serviço: Naquela semana a Elisa tinha-lhe ensinado a tirar papa-ratos, e já sabia tudo menos o peixe... Ora ela nunca tinha cordéis para os papa-ratos, e a mãe não lhos dava; as linhas de coser eram muito finas, e da trama do croché, já tinha gasto tanta que estava com mêdo de levar dois açoites quando dessem por isso. Depois as linhas embaraçavam-se, era preciso cortá-las... uma grande massada, enquanto

que aquelas contas!... Nunca tinha visto nenhumas tão compridas: eram duas ou tres das da mãe e da senhora D. Amelia.

Feitas estas considerações, Clara, que estava na igreja ao lado da mãe, levantou-se, atravessou a teia, chegou-se ao pé da senhora, e pediu com a vozita mais meiga que poude encontrar:

—E se a senhora me désse as suas contas, para eu fazer um papa-ratos?

A senhora que resava pelo livro, fitou-a com severidade, por cima dos óculos, e escondeu as contas; e a Clara ficou de mão estendida, até que a mãe, foi busca-la.

—A sua menina não tem respeito nenhum pela igreja: pediu-me as contas para fazer um papa-ratos; quem é que ensinou este pecado a uma menina tão pequena?

—Um pecado?! que viria a ser um pecado ! e Clara olhou com atenção para o nariz da senhora e novamente para as contas. Um pecado?! e ficou com a ideia vaga de que os pecados deviam atar-se com cordeis e baloiçar-se neles quando os utilisava a tirar linhas, a habilidade que ela conhecia por papa-ratos.

A mãe de Clara trouxe-a para onde estava. Aquela garota não era capaz de estar quieta; agora tinha-lhe dado para os papa-ratos, e tudo lhe servia...

Quanto a Clara, voltando á sua, revolvia na ideia o grande problema de saber para que serviriam umas contas tão grandes, senão para o que ela as queria.

Naquela noite de S. João, estava muito entretido com umas balanças feitas de caixas de graxa, e tinha-se-lhe metido em cabeça que andava a pesar o mundo.

Dentro da carteira da senhora D. Amelia, estava um santinho que representava o Deus mais velho, (*) com uma balança na mão, no alto duma bola que era o mundo; e tinham-lhe explicado que aquilo era a pesar os homens: quem era bom pesava mais, e ia para o céu, quem era máu, pesava menos e ia para o inferno... Como Clara tinha tambem umas balanças, pensou em experimentar como é que se ia para o céu; o inferno, não lhe importava, não lhe fazia impressão nenhuma. E tomou a tarefa de pesar o mundo: queria-lhe parecer que só depois de saber o peso da terra, é que podia saber como se pesavam os tais pecados, e por isso andava numa azafama, a encher e a despejar as latas. Por em-

(*) Aquele retrato e a explicação do misterio da Santissima Trindade que se dá aos pequenos como aos grandes (visto que no dizer de Santo Agostinho, é mais facil meter o oceano num buraco do tamanho dum balde do que entendelo qualquer humano) davam a Clara uma ideia especial e restrita dum Deus que ela não confundia com outros.

Era uma ideia semelhante á do José de Almeida que a mãe aos sete anos já educava para padre, alentando-lhe o fervor com o oferecimento dum altar, missal, galhetas, alva, casula e demais objectos de culto proporcionados ao tamanho dele: E um dia, ao sair da missa de S. José que ouvira com a maior devoção, ao lado da mãe que pedia a Deus como a maior graça, que desse vocação a seu filho, voltou-se para a mãe e disse:

— Diga-me cá, mãesinha! O Padre, é o padre; o filho, vejo eu, é o sacristão; agora o Espirito Santo, onde está ele?

quanto era tudo bom: o lado onde punha a terra, pesava mais que o lado onde não punha nada: portanto não havia perigo de que o diabo lhe aparecesse naquela noite.

Mas o serviço apertava: e montinho de terra que tinha conseguido pesar, mal se via no alto do banco de cozinha que lhe servia de balcão. Pois Clara, ao mesmo tempo que pesava o mundo, considerava-se numa mercearia, como a que fazia de costume, a brincar com a Elisa.

Resolveu chamar esta para ajuda-la. Mas Elisa apareceu com uns ares importantes: não podia vir brincar, porque estava a arranjar os balões para ir na grande marcha «ó flambó» com as pessoas crescidas; e depois ia ver arranjar o baile que a Helena e a Etelvina davam no pateo grande, com muita musica e fogueiras.

Não, naquela noite não podia: Clara que brincasse sosinha, como convinha a um pivete de cinco anos. E voltou-lhe as costas com arrogancia.

Clara não se incomodou grandemente e voltou a pesar o mundo, tal como o Deus velho fazia; estava tudo bem: sentia-se felicissima sem o saber: Desde o meio dia, hora a que a senhora D. Amelia tinha chegado com a velha criada, a Rosa, andava ao colo e de passeio; tinham-lhe dado um tostão para o mealheiro, e á tardinha, tinham ido ao campo com um cabaz apanhar pinhas de eucalipto para pôr no armario e matar traças. Cada vez que via aparecer aquele cabaz para irem aos eucaliptos, havia uma festa dentro dela e em tudo que a rodeava; ia aos eucaliptos todos os dias, mas quando ia ás pi-

nhas, havia no ar uma claridade doce e quente, um perfume mais envolvente, um céu mais puro... Não sabia explicar estas coisas, mas lá lhe parecia que aquela serenidade de sonho, a quietação silenciosa e longinqua daqueles longos crepusculos, vinham sobretudo do cabaz e das pinhas de eucalipto que andava apanhando...

A tarde tinha morrido tão devagar, tão serenamente, com um ceu azul tão pálido e tão longe, que parecia á Clara estar fazendo uma viagem havia muitos anos, e que muitos mil anos havia de durar... Eram ideias confusas que não poderia explicar: mas bem sabia que tinha vindo de qualquer sitio havia muito tempo, e que aquela doçura talvês fosse um sonho...

A' noite tinham-se vindo sentar ali, a senhora D. Amelia, a Rosa, a senhora D. Lucinda, o sr. Correia, a mãe... E enquanto eles conversavam, conversavam, Clara pesava o mundo, e parecia-lhe estar como o tal Deus, no alto duma bola muito grande, e em volta a imensidade imutavel. A casa dela ficava no meio duma grande planicie, ao fundo da qual estavam os grandes eucaliptos e pinheiros; era lá ao fundo, mesmo defronte, que o sol desaparecia todos os dias, deixando no ar uma poeira d'oiro... Não poderia ser o meio duma grande bola? e lá continuava na ilusão de que a chegaria a pesar toda... De vez em quando, punha-se a contar as estrelas, aqueles biquinhos que estavam lá no alto; e lá ao longe, o éco respondia ás vozes das raparigas que passavam cantando pelo campo...

Parecia que já tinha decorrido muito tempo, quando a Helena e a Etelvina apareceram á frente da grande marcha, encaminhando-se para o pateo que ficava ali perto, e onde se reunia a gente do campo, para festejarem o S. João. Lá ia o grupo de violas e guitarras para os bailaricos e descantes; cada qual levava o banco onde devia sentar-se; os que estavam, pegaram tambem nos seus, e meteram-se no cortejo.

A Elisa vinha no fim; e Clara que tinha visto com desapontamento, a mãe deitar fóra a terra do mundo já pesada, para levar o banco, deixou-se ir atraz da Elisa que a puxava e lhe dizia soberanamente:

—Anda palerma! Agora é que vais ver o que é bonito, e o que eu vou dançar! Tu não sabes, mas eu cá hei-de dançar todo o tempo!

Não, Clara não sabia dançar; ás Avé-Marias das vesperas dos dias santos, quando o sino repicava ao pôr-do sol,, costumava dançar perdidamente, com os seus pulinhos grandes e pequenos, até entontecer e cair; mas com certeza que não era assim que se dançava com aquela musica que ia na frente. E quando chegados ao pateo, e postos os balões, cada qual puchou seu pár, Clara não foi capaz de ageitar-se com a Elisa, a quem mais ninguem queria, e não parava de dizer-lhe enquanto ia cada um por seu lado:

—Já te disse que és uma palerma! não sabes nada!

Veiu a mãe da Clara para ensina-las, veiu a senhora D. Amelia, mas Clara não era susceptivel

de conduzir nem de deixar-se conduzir; aquilo de dançar, havia de ser lá umas voltas conforme lhe dava, e não havia mais que fazer-lhe:

---Olhem, dancem cada uma por sua vez! foi o remedio.

Então Clara dançou dançou, dançou tanto, que por fim foi esconder a cabecita tonta no regaço da Rosa, e lá esteve até que a Elisa veiu chamá-la para vêr acender as fogueiras.

Tinha direito a uma parte nelas. Na vespera e ante-vespera, ajudára tambem a acarretar as limpesas de arvores, barricas velhas, talos de couves sêcos, quanto servia para queimar, que se encontrava nas quintas proximas; ninguem tinha querido passar sem dár alguma coisa, de modo que o monte de lenha era mais alto que um primeiro andar.

Estava ali reunida a pequena burguesia e os melhores operarios do Campo, tudo em boa união, qual mais alegre e prasenteiro.

Os velhos, a um canto, diziam mal do governo, e á uma, pela voz do sr. Correia eram unanimes em reconhecer, que «lá em cima governa Cristo, e cá em baixo governa isto». E *isto* era acompanhado dum gesto expressivo que queria diser dinheiro. As damas de idade, ora partilhavam a conversa dos velhos, principalmente do dito do sr. Correia, ora rememoravam as festas bem melhores que se faziam nos seus tempos.

Isto eram costumes velhos que tendiam a acabar... Em quantos sitios se festejava assim o S. João? E o sr. Correia, que era lido, vinha a diser que aquela festa era mais velha que podia imagi-

nar-se: As festas do lume, vinham dum tempo em que no dia de S. João costumava arder a terra com o fogo que o sol lhe pegava. E que outr'ora quando se faziam a rigor, levantavam-se fogueiras em toda a terra que iam lamber os céus, e não havia gente, por mais pobre que não queimasse na rua um mólho de lenha ou alecrim.

Clara lembrava-se perfeitamente desse tempo. Tinha sido outro dia, quando por sinal, ela e a Elisa estavam com mêdo de que o fogo do céu viesse até ao chafariz e á casa dela, uma tarde em que o céu se pusera vermelho de lez a lez; nunca mais tinha acontecido isso, bem dizia o sr. Correia. Elas estavam todos os dias á espreita de que o céu ardesse de novo, mas mal alguns dias se tingia aqui e além de côr do fogo, logo se apagava. E que pena! o céu a arder era tão lindo!...

E foi contar á Elisa que tinham razão outro dia, ao pôr do sol: sempre era fogo que S. João tinha pegado ao céu, mas parecia que agora já não era capaz de faze-lo outra vez.

Puzeram-se ambas a correr para trazerem tambem um braçado de lenha para o monte que já se erguia no meio do pateo: depois, como num rito, os prometidos do ano que corria, aproximaram-se cada pár com seu archote, e lançaram fogo ao monte.

Quando a labareda se ergueu, romperam as violas e as guitarras, e logo os pares seguiram de roda, cantando:

S. João por ver as moças
Fez uma fonte de prata,
As moças não vão á fonte
S. João todo se máta.

E variavam marcando uma dança popular:

S. João por ver as moças
Fez uma fonte de prata,
As velhas vão lá beber,
S. João todo se máta.

A' meia noite pararam as cantigas e os toques, e surgiram as alcachofras que foram queimadas em segredo; outros lançaram á fogueira os cinco reis que haviam de dár de manhã ao primeiro pobre que encontrassem—do nome do futuro ou da futura noiva.

Depois, cada qual tomou os seus balões, enrolaram uma toalha ao pescoço, e feita a marcha foram lavar a cara ao chafariz. Era a noite em que tudo era bemdito, as plantas, a água e a terra...

A Clara tambem foi lavar a cára:

---Oh! mãe, porque é que se lava a cara no chafariz a esta hora?

---Porque foi neste dia que S. João batisou Cristo, e toda a agua do mundo está benta...

Mas o sr. Correia dava outra explicação:

---E' porque ha muitos anos que o sol beijou a terra neste dia, mais ardentemente que nunca. Daqui o fogo, as fogueiras, os balões...

Mas ninguem o ouviu senão a Clara.

---E agora disse-lhe a mãe, vamos para a cama que são horas.

---E a Elisa?

---A Elisa, vai tambem.

---Isso é que não! eu vou correr sete fontes com os crescidos e a Clara é que vai para a cama.

Não houve pedidos que demovessem a mãe da Clara, e enquanto as cantigas recomeçam e a marcha se põe a andar, Clara vai para a cama, sonhar com o céu a arder, com o sol a beijar a terra em clarões, num sitio muito longe e muito grande, talvês sem fim, onde vai passando serenamente uma procissão de balões que não acaba...

V

Um dia apareceu á Clarita, uma senhora muito bem vestida que lhe fez muitas festas e lhe preguntou se ela queria ir para um colegio onde havia muitas meninas e as professoras eram irmãzinhas. Já a tinha visto muitas vezes, mas aquele tempo da vida da Clarita era tão incerto, que não distinguia dos sonhos, as pessoas e as coisas...

Desde que deixára o colegio da Helena, via tudo confundido; nunca mais vira a quinta, e tinham-se mudado para uma casa sombria, ao fundo duma azinhaga, onde se sentia assobiar o vento, dia e noite.

Passára para outro colégio, onde não conhecia ninguem; havia lá poucas meninas, e ninguem andava com ela ao colo nem lhe dava beijos. A professora, uma velhota, escarnecia de tudo que ela sabia... Clarita não atinava com as respostas que havia de dár, nem como fazer fosse o que fosse.

Não sabia porque a tinham mudado de colégio, nem porque saira daquela casa cheia de sol e ale-

gria, para aquela onde estava agora, e que nem a deixava rir. Parece que nunca lhe déra o sol, e Clara levava horas e horas a meditar deante das duas unicas janelas que deitavam para um pateo muito triste, calçado de negro, com uns eucaliptos muito altos, através dos quais não se via o céu.

Logo de manhãsinha, ás oito horas, sahia para o colegio, porque D. Alice, queria poucas alunas, mas dedicava-se-lhes de alma e coração, segundo dizia. Era uma devoção que tinha, a de ensinar crianças; e contava a toda a gente, que o fazia como um culto á memoria de seu pai, que prestára grandes serviços ao ensino,, pois até fizera uma gramática. E por causa da tal gramática do pai, resolvera ensinar, e continuava depois dos oitenta...

Clara soube-o depois—tinha ido para o colégio da D. Alice por influencia de Mademoiselle Courbet, a senhora que depois lhe tinha preguntado se queria ir para o colégio das irmãzinhas...

Tinham sido uns tempos tristes; D. Alice não gostava da Clara; costumava dizer que fora ela quem ensinara todas aquelas meninas que ali estavam no seu colégio, desde o principio, e que todas as outras eram mal ensinadas; quem é mal ensinado de principio já não aprende mais nada... E com um ar aborrecido, preguntava á Clara o que sabia.

—Já sei lêr...

—Ora sabes! não sabes nada! e foi-lhe buscar a Cartilha, com umas letras muito grandes e

muito afastadas, onde Clara nunca puzera a vista.

Lia devagar, não podendo abranger letras tamanhas duma vez; e logo a velhota numa voz implicante.

—E's impostora; ficas aqui no principio; não sabes coisa nenhuma.

Então as outras meninas tinham-lhe feito surriada, e quando chegou ao logar, deram-lhe muitos beliscões e prometeram-lhe que fariam queixa á senhora D. Alice de quanto ela fizesse.

Provado que a Clara não sabia lêr, não se preocupou em averiguar se sabia contas ou escrever; mas passados alguns dias, tendo apanhado ás escondidas, o livro da Estela que era a mais adeantada, foi surpreendida pela D. Alice a lêr, a um canto, aquela historia do Daniel e do Lobo, que se lhe não tirava da ideia.

—Que estás tu a fazer?

—A lêr a historia do lobo...

A Estela correu para tirar-lhe o livro; mas D. Alice mandou-a estar quiéta: e disse a Clara:

—E's uma trapalhona mentirosa que ainda teimas em fingir que sabes lêr. Ora lê lá, anda, que é para não fingires...

Clara, com a vozita timbrada e serena, continuou a lêr na altura em que o Daniel tinha morto o lobo e já lhe arrancava a pele para mostrar ao povo...

—Sabes de cór, já a ouviste ler no outro colegio...

Não, a Clara nem nunca ouvira tal historia...

—Lê aqui!

E passou paginas, procurou outra historia, foi buscar outro livro: Clara sabia ler?!

E D. Alice pôs-se a acariciar a Estela e a Elvira que ela tinha ensinado de pequeninas...

Então começou o tormento das contas: Clara havia de saber fazer contas.—Era ela que fingia não saber? —- Pois bem, não merendava enquanto as não fizesse!

E passavam horas, e acabava o dia sem Clara merendar e sem fazer a conta. Ao principio arreliava-se; um dia chegou a chorar... Depois entrou na indiferença: que lhe importava não comer contanto que não fizesse aquelas odiadas contas?

Não a tinham ensinado a dividir por mais de um algarismo, e queriam que ela soubesse dividir por dois e três... que pensasse! para que era a cabeça?—Um dia a Julieta que era uma menina muito rica, e ia sempre para a sala, enquanto a irmã dava lição de piano, esgueirou-se e veiu ensinar a conta á Clara; como ela gostava da Julieta desde então! parecia-lhe uma santa com aqueles lindos cabelos loiros!

Mas nem por isso Clara passou a fazer as contas! era impossivel: não podia ver os numeros, e nunca fôra capaz de fazer uma soma sem contar pelos dedos!

D. Alice queria que elas pegassem na caneta de maneira muito especial; e para não descansarem a mão no papel, tinha arranjado uma rolha com alfinetes espetados, que ela punha de forma que os bicos se enterrassem se descaissem sobre ela...

Era um feitiço aquela rolha! Por mais tentativas que fizessem para a esconder ou deitar fóra, reaparecia sempre, e até parecia ter olhos de troça, com uma cara de velha encarquilhada e de mau genio.

O mais terrivel porém, de todos os castigos que D. Alice inventára, fôra aquela ameaça de meter uma colher que estivera previamente em gelo pelas costas abaixo da que o merecesse...

Senhores! o que aquela colher lhe dava que pensar: era de páu e das maiores, e quando faziam uma maldade, vinha de lá D. Alice com ela, e mal da desgraçada!...

Sem nunca ter levado a ameaça a efeito, D. Alice, com aquela colher na mão, tinha o poder dum bruxo, misterioso e fantastico...

Clara adoeceu naquele mês de Maio. E ao lembrar-se desses castigos, quando lhe preguntaram se queria o colegio das irmãzinhas, os olhos brilharam-lhe de alegria, e disse, ainda a mêdo:

—Quero!

No fundo, o colegio novo aparecia-lhe como um misterio estranho que presentia atraz do habito das religiosas, e que ia enfim desvendar...

VI

Oh! o colegio! era uma festa sem par! tudo era branco e grande, e em volta via-se muito longe... O sol dava a tudo uma claridade fina e transparente, e as proprias paredes pareciam sorrir e verter luz! Cantava-se de manhã á noite: era de manhãsinha, na capela, era ao recreio do meio-dia, era de tarde, á costura, era ao recreio das quatro, era ao recreio da noite... E umas canções eram serenas e amorosas, como as da capela, anciando por esse amor infinito de Deus, ou dizendo a resignação a uma vontade superior e invencivel, ora, algumas poucas, ao recreio, vivas e alegres como as do cavalheiro que tinha um nariz gordo e comprido como um braço...

Ou eram ainda saudades grandiosas e evocadoras das serras altas e longinquas como essas famosas «Montagnes Pyrinées» a que só os gritos de altura anciosa davam todo o significado, mesmo a quem não entendia as palavras pois que tudo era cantado em francês... De tarde e á hora das refeições,

havia leitura, evocando no silencio geral, dedicações sem limites e catastrofes universais; a doutrina de manhã, era feita pela Superiora ao colegio inteiro, e nela passavam regras de bem viver, episodios das historias dos Santos e milagres extraordinarios...

Tinha entrado para o colegio no inverno, e o levantar era ás 5 e meia, em plena noite. O unico bico de gaz que se acendia no grande dormitorio, dava ás raparigas embrulhadas nas toalhas, a impressão de sombras brancas deslisando silenciosas, que haviam de sumir-se se lhes tocassem...

Essas sombras ajoelhavam, e uma voz serena e grave, lá longe, começava as orações da manhã que as outras seguiam em voz baixa. Vinham depois as orações alternadas, em que uma principiava, e as outras respondiam...

A casa do lavatorio punha uma mancha de realidade neste sonho, com a sua luz viva e crua, na casa mais apertada, e as rápidas idas e vindas, no silencio. Breve a freira dava as palmas de sinal—uma, para avisar, e de ai a pouco, as duas definitivas: formavam rapida, e silenciosamente, sombras na sombra, seguiam para a capela.

Essa, mesmo de verão e ao meio-dia, tinha uma atmosfera imponderavel de sonho. De verão, era sorridente e acolhedora, com o sol a bater nas altas janelas de côres, que representavam a historia da Pastora de Lourdes.

A luz dava nas paredes fronteiras, desenhando nela em sombras luminosas mal contornadas, a historia simples, com a gruta, a agua correndo e

aquelas rosas que pareciam espalhar aromas como se estivessem vivas. Clara passava que tempos a olhar para a parede e para a janela, alheada, absorvida naqueles efeitos maravilhosos do sol e das côres.

Mas de inverno, ás 6 horas, ainda a capela estava mergulhada em sombra. O lampião de gaz ao lado do altar-mór, e as duas velas acesas para a missa, não conseguiam transmitir luz á friesa e obscuridade do ambiente. A's vezes, a Superiora mandava buscar uma véla, para fazer a meditação; e então, aquela luz vacilante, servia para a Clara, que ficava perto da Superiora, examinar nos azulejos da parede, a historia da expulsão de Satan do Paraiso.

Era ele o mais formoso de todos os anjos, aquele que Deus distinguira com mais preciosas dádivas, pondo-o acima de todas as suas creaturas. Nenhuma era mais bela, mais pura, mais luminosa, entre essas purissimas falanges de espiritos angelicos, creados para sua gloria.

Mas um dia, o orgulho apossou-se dele, e Lucifer, o primeiro dos anjos, quiz ser igual a Deus.

Os anjos fieis combateram por Deus e expulsaram-no do Paraiso; e para castigar os anjos rebeldes foi necessario crear um logar de suplicios tamanhos como a gloria que haviam ofendido: o inferno, onde haviam de penar enquanto Deus durasse.

Clara fixava com atenção o azulejo da sua bancada, onde se via o céu rasgando-se para a

quéda do anjo revoltado que vinha ser a maldade eterna da creação.

A condenação definitiva, sem apelo, o inferno para sempre, parecia-lhe inconciliavel com a bondade e o poder de Deus. Lembrava-se das prelecções diarias, em que eram apontadas como infinitas as perfeições do Creador, bondade e poder infinitos, creador de todas as coisas e de todas as almas.

Como era então possivel que Deus condenasse para sempre uma das suas creaturas, se as amava como pai?

Por muito grande que fosse o pecado do demonio, se o poder e a bondade de Deus eram infinitos, devia perdoar...—que lhe faltava? que o demonio pedisse perdão? mas se Deus lhe não tocava no coração, ele, que era só maldade e orgulho, sem auxilio da bondade suprema, poderia jámais ter essa ideia?

Clara pensava ainda que Deus não devia precisar da humilhação dos máus para usar do seu poder e bondade; a bondade perfeita, infinita, tanto perdoava o muito como o pouco... Ia-se convencendo de que se pedisse a Deus que perdoasse ao demonio, que o chamasse a si, Deus—que só o não teria feito por esquecimento — comover-se-hia, o demonio voltaria a anjo, e sobre o mundo reinaria para sempre o Bem.

E Clara ajoelhada, devagarinho, e enternecidamente pedia a Deus que perdoasse...

Passada a emoção, ia voltando a si, com a lembrança das palavras de morte da condenação

dos réprobos: «Para sempre!» E no seu espirito surgiu a causa da condenação:—Queriam ser tão grandes como Deus. Aparecia-lhe então, a belesa suprema em radiações luminosas e purissimas, e Clara compreendia que todos quizessem ser uma belesa assim... Ha lá alguma coisa mais natural que desejar atingir a maior perfeição que vemos?

Mas estremecendo, sacudia o máu pensamento...

A irmã superiora dizia que não deviamos tentar compreender as razões de Deus...

*

* *

Os dias passavam com rapidês. Depois de virem da Igreja, tomavam o café, faziam as limpesas, e começava a classe, até ao jantar, ao meio-dia, durante o qual havia uma leitura leve. Ao recreio que se lhe seguia, era a primeira hora em que se podia falar. Mas a tagarelice não era grande porque passavam o tempo a cantar ou em jogos.

A' uma hora, começava a costura, passajar roupa ou bordar ou rendas... E logo que o trabalho estava distribuido, a voz da freira, suave e quente, dava o tom para qualquer canção que todas retomavam em côro. Uns dias, eram louvores piedosos em honra de Virgem, ora mais humanos, ora cheios de saudade, almas anciando por encontrá-la enfim, no céu, a unica e verdadeira patria; outros eram repetições alegres das cantigas do recreio...

Depois dum pequeno intervalo de silencio da-

va-se um livro a uma das que melhor liam: eram vidas de santos ou meditações, Imitação de Cristo ou Sermão da Quaresma.

As reflexões profundas, sem nada humano, arrancando as almas por completo á vida do mundo para as lançar cegamente no amor de Deus, impressionavam fundamente Clara; mas as vidas dos santos, completamente absorvidas por esse amor unico, capaz de todos os sacrificios, faziam-na sorrir e despertavam-lhe desejos de ser assim tambem.

Tinha santos preferidos: Santa Teresa, ardente como o proprio fogo, incendiando na mesma sêde infinita de amôr quanto dela se aproximava, era uma luz que a deslumbrava continuamente.

Na vida dela tudo passava requeimado naquele turbilhão de amor; tinha sido uma das maiores santas—a maior talvez—como podia ter sido a maior das pecadoras, se Deus a não tivera chamado para si, dizia a Irmã Superiora. De principio não fôra isenta de defeitos, e gostava imensamente de ser bonita. A vaidade ia-a perdendo, mas Deus, que a escolhera de maneira especial, tinha-lhe mandado avisos do céu para que se retirasse de tão máu caminho. E como não ouvisse a primeira nem a segunda vez, arrastada por aquela grande admiração de si mesma, Deus fê-la descer ao Inferno para que visse o que lhe estava reservado para sempre, se não quizesse converter-se.

E a visão de Teresa surgia vivamente deante dos olhos de Clara: num poço sem fundo, cavavam-se buracos nas paredes, de onde subiam grandes linguas de fôgo, novelos de serpentes e nuvens de

demonios ardentes com pecadores a assar no espeto. Cada pecado tinha ali seu tormento especial, mas o que mais os fazia sofrer, além do fogo, da sêde, e das torturas dos demonios, era a falta da belesa de Deus! E os desgraçados, perdida toda a esperança de perdão, não paravam de lançar maldições:—Para que os haviam tirado do nada?

Santa Teresa não cuidou mais de vaidades: o seu amor, a sua vida foi amar, amar sem fim, chamar todos para o seu amor; e louvar constantemente a Deus, com uma tal febre, uma tal sêde de perfeição, que sobre toda a sua obra paira um sopro febril de paixão.

Outra Santa que a atraia, e encantava era aquela Soror Teresa do Menino Jesus, linda como um anjo, e tão sensivel, tão delicada, que parecia cobrir de flores tudo onde chegasse o seu sopro de amor. Não se lhe dava mais de 15 anos; só de vê-la, entrava em Clara um estremecimento suave de fresura e sonho que a punha fóra do mundo ainda mais que de costume. E entre ser santa como Santa Teresa, ou como Soror Teresa do Menino Jesus, ficava hesitante e sorrindo, desejando ao mesmo tempo as duas coisas. Oh! se ela pudesse amar com a febre duma e o encanto sereno e fresco e candido da outra! ser a paixão ardente e o sorriso meigo e infantil!...

Santo Antonio era o recreio periodico da classe, e Clara tinha por ele uma admiração especial, conquanto um pouco diferente da que lhe inspiravam os outros santos. Santo Antonio dava-lhe a impressão dum grande rapaz de bochechas encar-

nadas que ao serviço de Deus fazia quantas diabruras lhe davam na cabeça.

Tanta maldade pelo mundo, precisava de alguem que mostrasse que Deus não estava disposto a aturar impassivel todas as partidas dos pecadores. E como nos contos dos reis da terra, Deus tinha chamado Antonio e dado-lhe o encargo de mostrar a toda a gente que não estava pelos ajustes do que lhe queriam fazer:

O que ela não daria para ver a casa daquele hereje que tinha convidado o Santo para lhe dar carne a comer numa sexta-feira afim de ir depois mostrar os ossos ao Bispo e demonstrar-lhe que tão pecador era ele como o Santo. Mas o Santo fez o sinal da Cruz sobre o prato, e o galo transformou-se logo num belo peixe que ele comeu regalada e socegadamente.

E quando o hereje foi mostrar os ossos ao bispo, com grande pasmo, encontrou espinhas.

Só neste passo havia mil coisas que maravilhavam Clara: Como era o hereje tão estupido que pudesse convencer-se de que o santo se tentaria por um capão, quando ele podia comê-los em qualquer dia que não fôsse uma sexta-feira? como é que o hereje não viu o capão mudar-se em peixe? como é que só ao pé do bispo é que viu que se tratava de espinhas e não de ossos?

Santo Antonio era decididamente grande santo, mas era tambem um grande espertalhão, e boa razão havia em contar aquela historia que não vinha na vida dele, mas que Clara sabia de tanto a ouvir ao pai:

Antes de ser santo, Santo Antonio era um rapaz muito amigo de fazer partidas. E uma das que mais o tentava, era ir para a fonte onde as raparigas iam á agua, e partir-lhes as bilhas á pedrada. As raparigas iam para casa chorando, fazer queixa ás mães; mas enquanto lá iam, Santo Antonio pegava os cacos com cuspo, e quando as mães apareciam para lhe darem com um tamanco na cabeça, ele a rir, mostrava-lhes as bilhas inteirinhas.

E aquela lição que ele tinha dado aos incrédulos, fazendo entrar na Igreja, um burro que logo se prostrou em adoração?—Na cidade quasi não havia crentes, e a prédica do Santo era escutada com indiferença; as igrejas desertas, mostravam o pouco fervor da população que dava mais ouvidos aos herejes que á palavra de Deus. E Santo Antonio, certo de que Deus mostraria o seu infinito poder por meio dos irracionais, foi buscar o burrinho, abriu as largas portas da egreja para ele entrar a direito, e mal transpostos os humbrais sagrados do templo, o burrico dobrou as mãos e prostrou-se perante a imensa grandesa do Senhor.

Que rosario infinito de milagres como este, era a vida daquele alegre santo! as historias não despegavam umas das outras: Lá vinha tambem o salvamento do pai, vindo ele de Pádua a Lisboa tira-lo das mãos dos algozes, enquanto o auditorio resava um Padre-Nosso; era das poucas que não despertava um sorriso do principio ao fim, mas lá acabava finalmente por uma partida ao semelhante com o castigo do culpado. E era acaso pouco curiosa aquela rapidês de viagem, que nem o comboio de

hoje alcançava? Porque enfim, Clara não sabia bem onde era Pádua—mas não era em Portugal—e só para ir até ao fim da aula levava ela o mesmo tempo.

Havia ainda a historia do sermão dos Peixes: Como Santo Antonio não encontrasse auditorio suficiente para escutar a palavra de Deus, dirigiu-se para a ponte do rio, e dali começou a chamar os peixes para que fossem mais dignos e reconhecidos aos beneficios do Creador do que a ingrata especie humana. E os peixes acorreram de todos os lados, puzeram as cabeças fóra de agua, e escutaram o Santo todo o tempo que ele quiz falar! (até pareciam jurados...)

Clara divertia-se imensamente com este sucesso; ela tambem sabia chamar os peixes, mas era com migalhas de pão. Ali, na lagôa do Campo, não se faziam rogar...

Os de Santo Antonio tambem eram encarnados com certeza; outros seriam feios... E via-o vestido de Bispo, no meio da ponte do lago do Campo Grande, clamando aos peixes imoveis, cabeça fóra de agua:

—Meus amados irmãos! vinde ouvir a palavra do vosso Pai, em logar da ingrata e vil humanidade que apenas tem ouvidos para o pecado!

Só aos sabados, de 15 em 15 dias, é que o horario da tarde era alterado, por causa da grande irregularidade de lavar os pés. Aos grupos de oito

dirigiam-se para uma casa do corredor dos cabides, e sob a vigilancia severa da mais severa das freiras, com o relogio na mão, começava o grande acto de higiene, sob os sinais reguladores das palmas. Uma!—e começavam a desatar os sapatos—duas!—e deviam estar os pés dentro de agua. Começavam aqui as atrapalhações, porque nesta altura nenhuma tinha ainda os dois pés descalços. Para adeantarem, metiam na bacia o pé que já podia faze-lo, e continuavam a desatar o outro sapato o mais depressa que podiam. Mas a má sorte queria que se desse um nó... Então, no meio da atrapalhação geral, soava a palma de sinal para tirar os pés da agua—soava outra para se calçarem,—e soava a ultima para formarem, seguirem para a aula, e darem logar ás outras oito... Dai a 15 dias seria lavado o outro pé.

Quanto a banho, isso era acontecimento de mais monta:

Clara tinha entrado para o Convento havia perto de dez meses quando um dia de Agosto, quente e preguiçoso, começaram a ser chamadas das aulas, duas a duas, com a recomendação de irem buscar as camisas de noite, camisas de pano cru, com mangas e golas apertadas, que chegavam aos pés.

Era coisa muito extraordinaria porque nunca tal havia sucedido desde que Clara para lá entrara, e por isso interessava-a muitissimo: De camisa debaixo do braço, seguiu até á cosinha, atravessou os corredores de mosaico e passou lá para os lados das casas de lavar; seguiu até mesmo ao extremo do edificio com a colega e a freira que as guar-

dava, e depois, cada uma delas foi entregue a uma crescida que para ali fôra mandada de pelotão, e cada uma delas entrou numa casa, onde com grande pasmo encontraram um grande recipiente com agua quente.

Ora Clara tinha nove anos; e recebeu ordem para despir-se com o maior cuidado, e envergar a camisa de dormir, de maneira que não causasse escandalo nem á Delfina, uma crescida, nem á freira que ela sentia passear cá fóra, dum lado para o outro, vigiando com os ouvidos o que não pudesse vigiar com os olhos.

Não obstante esta recomendação, a Delfina virou as costas para não ver Clara despir o fato e enfiar a camisa, que segundo as praxes de quem dormia em grandes dormitorios, era enfiada sobre a camisa de dia, tão comprida como a saia, que tambem só se desprendia quando a camisa de noite as cobrisse completamente.

E realisada esta transformação indumentaria, a Delfina com ar grave ordenou-lhe que se estendesse na tina—era uma tina—puxando bem a camisa para os pés, e que se lavasse, esfregando por cima dela.

Depois, a Delfina retirou-se para o lado, afim de não assistir a essa operação; mas voltou de ai a pouco a recomendar com severidade:

—Vê se te lavas bem, que é para depois não dizeres que se fizeres um pecado, é por estares suja. Ouves?

Clara não percebeu naquela altura, e nunca

chegou a perceber, por mais que algumas vezes, mais tarde, pensasse naquela misteriosa frase.

Limitou-se a esfregar-se toda com mais força, por cima da camisa, como lhe cumpria; a freira aproximou-se da tina, olhou, e disse que estava pronto; e depois a freira e a Delfina embrulharam-na num lençol por cima da camisa encharcada.

Enfim, lá conseguiram enfiar-lhe uma camisa seca, sempre com os mesmos cuidados—e no ano seguinte pela mesma época, repetiu-se aquele ceremonial.

E que tinha isso? O excesso de limpesa conduzia á vaidade e ao pecado, e não poucas concessões se fazia já á carne. Ouvia-se falar diariamente como suma perfeição daquelas ordens monasticas de regra severa, onde ha apenas uma camisa de muda para toda a comunidade, e em que cada freira para mudar de roupa tem portanto de esperar que tenha corrido a vez de todas as outras...

Não era acaso bastante o que tinham? E a Margarida e a Julia eram olhadas com despreso porque por razões acessiveis mesmo a naturezas tão amigas da penitencia, tinham de lavar os pés todos os oito dias, nos mezes de verão.

E' que a palavra quente das freiras incutia nas discipulas a maior admiração e desejo de imitar os santos. E Clara, abrasada em celestes desejos de perfeição, tinha permanentemente diante de si, á hora da costura, uma imagem que lhe lembrava aquela menina que, para agradar a Deus, tinha feito um buraco num dedo com a agulha de coser. Em vão procurava um momento proprio para, ás es-

condidas de todos, fazer o mesmo. Mas, se a vissem, o seu acto havia de ser tido á conta de vaidade e censurado ásperamente, seria o riso das companheiras... Picava-se distraidamente, mas não se atrevia a mais...

Naquela manhã porém, a prelecção tinha versado sobre o respeito humano. Os homens não pecavam apenas por vaidade, quando praticavam boas obras, para serem louvados; esse era o pecado da gente do mundo, que nada faz senão com os olhos nos elogios e na vangloria humana; os crentes, os fervorosos, esses pecavam em geral por não terem a coragem dos seus actos, envergonhados com os louvores ou, pior ainda, envergonhados de serem tidos por loucos no amor de Cristo. Ai porém, desses, no Dia de Juizo! mais responsaveis do que aqueles a quem Deus não déra luzes suficientes para o conhecerem, a eles se havia de dirigir em toda a sua tremenda significação, a condenação:

—«Ide malditos para o fogo eterno! porque eu tinha sêde e não me desteis de beber, porque eu tive fome e não me desteis de comer!»—Como eles não haviam querido reconhecer Cristo entre os homens, assim Cristo não os reconheceria entre os escolhidos!

Era pois necessario romper abertamente com esse respeito humano, maior vicio nos eleitos do que a vaidade nos mundanos, e ter a coragem de tudo que fosse agradavel a Deus, por mais louco que parecesse a quem o visse...

Clara, como sempre, retirou do catecismo disposta a cumprir os preceitos divinos que a trans-

portavam; e á tarde, corajosamente, começou a furar o dedo, com os olhos na imagem que lhe servia de exemplo.

As companheiras fitavam-a com atenção, mas ela, percebendo-o, não se atrevia a olha-las, e lá ia vencendo o respeito humano... Mas de repente, uma voz falou detraz dela:

—Oh! Clara, o que estás fazendo?

Estremeceu violentamente; era a freira que viera devagarinho, observar a sua insolita ocupação. Olhou para a imagem e compreendeu:

—Com que então, tens a preteneção de agradar a Deus, como essa menina? Era melhor que não estivesses sempre a conversar nas horas de silencio, que chegas ao fim de todas as semanas com uns poucos de pontos.

Clara, envergonhadissima, deu com as companheiras a fitarem-na zombeteiramente, pegou na costura e não levantou mais os olhos.

Ao recreio cairam em volta dela, dizendo-lhe em segredo, sem descanso:

—Queres ser uma santinha? queres ser uma santinha?

—Olha a santinha de pau carunchoso.

Não sabia para onde voltar-se; as irmãs a um canto, conversavam e riam a olhar para ela... E então, corajosamente, ergueu a cabeça, e suportou sem corar, a extrema gloria de ser escarnecida por amor de Deus...

Acabada a leitura e após um instante de silencio, rezava-se o terço. Breve chegaram as quatro

horas, e com elas a merenda e o recreio, um longo recreio, se era de verão.

Do alto do colegio via-se Lisboa ao fundo, e pelo poente alcançava-se até Cintra. Caia a tarde numa serenidade meiga e calada; o pôr de sol cobria-se de nuvens avermelhadas, enquanto o resto do céu, dum azul pálido e suavissimo parecia afastar-se até ao infinito. Espalhava-se nas almas uma quietação absoluta, e as vozes decaiam em sopros, transformavam-se em sorrisos e doces voluptuosidades, ao abandono daquela caricia que envolvia a terra inteira. Vinham então os passaros para os ninhos das arvores da cêrca, e os que ali não ficavam, cortavam os ares em grandes bandos, ininterruptamente. As galinhas e patos, depois de correrem á doida, para o milho que uma das freiras lhe deitava, caminhavam pensativamente para a capoeira. Em murmurio, em voz branda e vagarosa para não perturbar o adormecimento encantador do findar do dia, iam-se contando os bandos de passaros que não deixavam de passar, lembravam-se casos extraordinarios do colegio, e elaboravam-se historias sobre as correrias das nuvens vermelhas que não paravam de transformar-se. Ora semelhavam aves gigantescas, como uma benção ou mau agoiro que se estendesse sobre a terra; ora limitadas no extremo horisonte, pareciam palacios feericos e resplandecentes, erguidos para lá do oceano; ora ainda lembravam lutas de animais ferozes que se entre-devorassem, no seu continuo fazer e desfazer... E as vozes, a uma e uma, iam apontando o desenrolar da historia...

Finalmente emudecia tudo na contemplação longinqua dos fogos do poente que se apagavam...

Fóra dos meses de verão, porém, a vida não se passava em tão deliciosa contemplação do sol; nem a chuva e vento o deixavam, sendo o colegio batido como era, pelo tempo. O recreio da merenda era curto, e seguia-se-lhe o estudo das lições de cór, que deviam ser ditas tal como estavam no livro, sem falhar duma virgula nem dum ponto final. Quem errasse trez veses, tinha de ficar a estudar depois da ceia, até saber a lição.

A essa hora reunia-se o colegio todo sob a vigilancia duma unica freira, e á luz dos bicos de gaz em cruz, sentiam-se quentes enquanto a chuva fustigava as vidraças e o vento assobiava longamente. Uma ou outra arriscava a sua palavrinha no silencio tão alto que até se ouvia, fiada em que a freira não podia ver todas ao mesmo tempo. E alguma mais habilidosa, escondida por detraz de outra, conseguia mesmo, infringindo deliciosamente a regra, contar historietas cheias de graça que ao recreio não teriam graça nenhuma.

Depois das lições, a ceia, e depois de outra meia-hora de recreio, ás 8 horas da noite, iam deitar-se: Ajoelhava cada uma ao pé da sua cama, e a mesma voz da manhã, começava lá longe, os Padre-Nossos e as Avé-Marias a que todas respondiam em côro. Finalisada a oração geral, recolhia-se cada

uma em si mesma, na meditação dos maus actos do dia, para fazer o acto de contrição.

Era preciso adormecer com a consciencia pura e arrependida como se se fosse comparecer perante Deus. E Clara exprobava-se ardentemente as palavrinhas trocadas ás escondidas da freira—aquele pecado de que jámais conseguiria livrar-se, pois parecia-lhe ter sempre um diabinho a pular-lhe na ponta da lingua.

Sentia entrar-lhe n'alma o perdão de Deus... E enquanto se despia, atravez da larga janela que ficava atraz da cama, Clara contava as estrelas e falava com elas, principalmente com aquelas três tão brilhantes e proximas que ia vendo até adormecer

VII

No colegio não se lia outro jornal senão o *Portugal*, catolico e conservador; de todos os outros se falava como do mais negro pecado. Mas esse mesmo não chegava ás mãos das alunas, senão raramente quando algum fenomeno natural trazia o mundo sobresaltado.

Os artigos que deviam ser lidos ás refeições, vinham riscados a lapis encarnado, e a freira vigiava cuidadosamente que a encarregada da leitura não demorasse os olhos em qualquer outra parte do jornal. Mas se o fenomeno era espantoso, iam-se buscar as ilustrações e jornais franceses que se prendiam com o assunto, e lia-se tudo de ponta a ponta. Eram os unicos sentimentos por onde o colegio comunicava com o mundo. Sem nada que as prendesse á vida real, desconhecendo quanto girava em torno delas, esses acontecimentos tornavam-se o centro de todas as preocupações, serviam de tema a composições, inspiravam orações e novenas; corriam dias, semanas e mezes em que as conversas não encontravam outro assunto.

Muito tempo antes do grande tremor de terra de 23 de Abril, o colegio não falava senão de terramotos, casas incendiadas e destruidas. Tinha havido a grande catastrofe de Messina, e ainda não se esgotára a leitura de quanto se escrevera em volta de tão tragico acontecimento.

Tinham-se lido primeiramente, os telegramas de concisão tragica, em que se dava a noticia: casas e casas por terra, milhares de pessoas sem abrigo, incendios. Seguiram-se outros mais pormenorisados, e chegaram finalmente os grandes jornais e ilustrações francesas, com reportagens enormes e terriveis. Não contentes com isso, foram-se buscar estudos mais romanticos que scientificos a respeito da constituição e vida vulcanica, e rebuscaram-se nos livros descrições historicas, desde a tremenda catastrofe do Vesuvio que enguliu Pompeia e Herculano, até ao formidavel terramoto de 1755 que subverteu eLisboa.

As imaginações andavam apavoradas: Contavam as noticias chegadas diariamente, que a terra não deixava de tremer; abriam-se largas fendas por onde saiam grandes linguas de fogo; muitas pessoas haviam sido engulidas por buracos em que a terra abrira quando fugiam; algumas tinham deixado os sapatos a arder...

As terras tornavam-se instaveis e fugiam debaixo dos pés; o enxofre ardente, trazido á superficie, queimava quanto poisava nela; e a imaginação, confundindo o que se passava em Messina, com as leituras das catastrofes de todos os séculos, via grandes linguas de fogo rebentando do solo e ca-

minhando em todas as direcções; via grandes rios de lava vermelha, iluminar sinistramente a noite; os predios esboroavam-se com fragor; e nas ruas, ficavam figuras ajoelhadas com os filhos nos braços, tal como haviam sido surpreendidas pela chuva de cinzas, ha dois mil anos, que caiam por terra, desfeitas em pó, mal se lhes tocava.

Além, um monte grande como o horisonte, lançava chamas que cobriam o céu; e as chamas avançavam, corriam, e quando chegavam, caiam delas cinzas e pedras. Não havia abrigo: era esperar, que em breve os corpos seriam cinza tambem.

A terra ia tremendo sempre, ora com mais força, ora mais devagar. Subitamente, os elementos precipitaram-se; o mar galgou pela terra acima, cobrindo tudo; no sitio onde havia colinas, ficavam lagos, e no mar surgiram ilhas...

Ao Catecismo, ao recreio, e mesmo á costura as freiras falavam com as alunas:

—«O terramoto era um castigo dos pecados do» «mundo. Como tinha sucedido com Sodoma e Go-» «morra, a medida estava cheia com as iniquida-» «des da Terra, e Deus mandava castigar os ho-» «mens, com todo o seu poder. Qual o cego que não» «via, qual o surdo que resistia a semelhante voz?»

«Lisboa não estava livre de igual castigo.— «Não! continuava a voz da freira, não adormeces-» «sem fiadas em que a Italia era longe e não deviam» «chegar-nos os ecos de semelhante desastre. Ne-» «nhuma cidade era mais pecadora do que esta, e» «se Deus ainda lhe não mandára um castigo que» «se repercutisse no mundo inteiro, era que a Pa-»

«droeira do reino, Maria Santissima, lhe sustenta-»
«va o braço pronto a descarregar o golpe. Que oras-»
«sem com fervor para apaziguar a ira divina!»
«Não esperassem escapar doutra maneira a um»
«castigo igual!»

E sem hesitações, como se afirmassem um artigo de fé, prosseguiam inflexivelmente:

—«Esses castigos espantosos, que Deus man-»
«da sómente ás terras viciosas, como essas cidades»
«malditas do antigo testamento, não haviam sido»
«poupados a Lisboa. Que ouvissem, que escutas-»
«sem atentamente o que se lia a esse respeito, e»
«mais reparassem que era certo haver tremores de»
«terra em Lisboa, pouco depois de os haver em Ita-»
«lia. Tão grandes eram as culpas desta terra, que»
«—fóra dos tempos amaldiçoados do paganismo,»
«quando a voz de Deus se levantara para lem-»
«brar que os cristãos eram seus filhos—nunca des-»
«de então, a propria Italia tinha tido um cataclis-»
«mo semelhante ao que destruiu Lisboa em 1755.»

«O mar tinha coberto a cidade, das casas não»
«ficára pedra sobre pedra; os incendios tinham»
«lambido tudo, mas a maldade era tamanha que»
«mesmo deante desse grito de Deus, os homens»
«continuaram os crimes, e os gatunos roubavam»
«quanto apanhavam nas ruinas, aos que não po-»
«diam defender-se.»

«Cuidado em não se deitarem em pecado mor-»
«tal: que uma noite, no meio do sono, a terra come-»
«çaria a tremer, e como então, nada ficaria de pé:»
«Ah! Lisboa vivia numa tal excitação pecamino-»
«sa, que só a misericordia infinita de Deus a tinha»

«poupado. Os maus não descansavam na sua fai-»
«na; e os que seguiam o Senhor, não podiam mos-»
«trar-se sem serem escarnecidos.»

No colegio passava um frémito de anciedade pavorosa. As raparigas, umas com as outras, alargavam ainda o terror que as tomara, e havia quem prevesse que a terra abriria guelas espantosas para tragar duma só vez a cidade inteira. Não tinham lido que em um dos grandes terramotos tinha caido ao mar toda a parte da cidade que ia das Chagas a Santa Catarina?

E uma tarde, a Luiza tinha ido ter com a Superiora, pediu-lhe que a levasse á confissão antes de deitar, porque receava que o terramoto viesse naquela noite, sem ela receber perdão dum pecado...

Depois de muito esperado sem vir, o terramoto ia passando de ideia, quando uma tarde, á hora da oração, se ouviu como um trovão subterraneo: os olhos que estavam cerrados no recolhimento da oração, abriram-se, e sem fala, viram as paredes vacilar umas poucas de vezes, enquanto o chão lhes fugia debaixo dos joelhos. Tentaram pôr-se de pé para cumprirem a ordem dada anteriormente: «Se a terra tremer, corram para o jardim.» Depois de varias tentativas, cambaleando, lá se puzeram em pé; e cambaleando, em monte chegaram á porta, sem um grito; as mãos hirtas não levantavam o fecho, e se a catastrofe se tivesse dado, teriam ficado sepultadas sem chegarem sequer

ao corredor. A Superiora que chegava de corrida para lhes valer, é que abriu a porta, precipitaram-se pela escada abaixo, espavoridas, direitas ao jardim! Só passado um grande bocado, é que as freiras cairam em si, e se lembraram de ir á capela agradecer a Deus a bondade de as ter poupado.

Não havia socego: parecia que as paredes continuavam a dançar e que os grandes quadros da Via-Sacra se desprendiam e caiam ruidosamente. Dado o sinal de saida, atropelavam-se nervosamente, na ancia de se encontrarem ao ar livre, longe de onde pudessem atingi-las as pedras do edificio, se viesse a cair. As freiras debalde tentavam dominar-se e dominar as discipulas.

Em massa, grandes e pequenas misturadas, infringindo o rigor do apartamento por idades, corriam desvairadamente o jardim, em busca de fendas por onde saissem chamas. Procuravam meter-se no meio do grupo, como se isso fosse uma protecção segura; nenhuma se atrevia a afastar-se das outras, e as que iam nas bordas, apavoradas, comprimiam as outras para alcançarem o centro.

Seguravam-se aos habitos das freiras e algumas agarravam nas grandes contas que lhes pendiam da cintura; não havia nenhuma que não apertasse nervosamente o proprio terço.

A' medida que corriam a cêrca, o pavor que as invadira ia crescendo; compreendiam agora o que era em verdade um tremor de terra, nas grandes fendas que se tinham aberto no chão e como a terra pode fugir debaixo de nós, cavando abismos

que nos engula. Quem sabe se a casa não abrira pelo menos em parte?

Na terra havia fendas que tinham tres dedos de largura; sabiam que debaixo passavam extensas galerias, dos tempos dos antepassados da fundadora, e onde possivelmente corria agua. Mais um abalo, e dar-se-hia um desmoronamento de terrenos...

O predio tambem fora provado: a classe das menores tinha uma grande fenda que teve de ser reparada por pedreiros...

Foi dificil fazer voltar as pequenas para casa; demais sabiam que os tremores de terra costumam repetir-se dentro das vinte e quatro horas— para a terra tornar ao seu logar. Não queriam separar-se, não queriam ir a parte nenhuma onde não estivessem acompanhadas, e á oração da noite, em logar de ajoelharem cada uma ao pé da propria cama, aproximavam-se ás duas e tres, tanto quanto era permitido pelo rigor da freira dentro do dormitorio, num dia tão anormal.

Já deitadas, chegou a Superiora com o aviso:

—Durmam com as saias vestidas e os casacos á mão. Estejam prontas para sair ao mais pequeno sinal.

No dia seguinte nenhuma tinha sentido os dois tremores de terra da noite, tal a profundesa do sono em que as lançára a comoção. E quando as freiras lhes deram a noticia, estremeceram ao lembrarem-se de que áquela hora, bem podiam ter comparecido no tribunal de Deus.

*

* *

Nunca mais se apagou o pavor daquele dia. A leitura dos desastres de Benavente, que tanto podiam ter sido lá como ali mesmo, pô-las na convicção de que Lisboa estava condenada no juizo de Deus, e que mais dia menos dia, tornaria a visita-la o terramoto, dessa vez sem remedio.

Quantas vezes um ruido insolito, o passar de um carro, fez trocar olhares interrogadores, á espera de mutua confirmação, para se lançarem numa fuga desordenada! Levou semanas, antes que alguma se atrevesese a sair sosinha á porta da aula sem levar o coração apertado por mil receios.

Passaram mezes; o receio conservava-se latente, pronto a explodir ao mais pequeno sinal. Os passeios nas ruas da cêrca, traziam viva a lembrança do tremor de terra, com a vista das fendas que nunca tinham fechado. E neste estado de espirito chegou o inverno.

Foi esse ano de 1909 de cheias memoraveis, em que o Porto se transformou num mar, e o Tejo invadiu o Terreiro do Paço até onde não havia memoria de gente viva; cheia tamanha como não havia desde o meado do seculo XIX, marcado na escada de pedra da Barca da Esteveira do Rio do Zezere, e com diferença apenas de alguns centimetros da maior cheia que marcava o registo, velho de mais de seculo e meio.

As freiras, fieis ao costume de lerem quanto se relacionasse com fenomenos destes, forneciam os

jornais e as revistas que traziam diariamente as noticias dos estragos das chuvas. E não deixavam igualmente de irem chamando a atenção das alunas, para os varios meios de que Deus se serve para castigar os homens.

Já não falavam das sementeiras perdidas, origem de fome certa: que meditassem na agua que vinha subindo ininterruptamente: a morte pela agua tornava desnecessario pensar na fome. Deus não faria perecer a terra nas aguas como no diluvio, porque não faltava ás suas promessas e o Arco-Iris era a promessa divina de que a humanidade não mais sofreria tão completa inundação. Mas farto dos homens do velho mundo que não deixavam de pecar, abandonava-os á furia dos elementos.

Dia a dia a situação do Porto tornava-se mais angustiosa; muitas casas tinham sido abandonadas viajava-se de barco, pelo meio das ruas, que no Porto, a aflição era incomensuravel, e não havia embarcação pequena nem grande, que resistisse á força da corrente. Os barcos eram levados mesmo das docas que não comportavam já os que requeriam abrigo. Tinham levado os que podiam, para o interior da cidade pelas ruas que eram agora verdadeiros rios; e os homens, perdido o raciocinio, não sabiam a que cabos ligar os navios para não serem levados. Um que fora preso com grossas correntes passadas em volta dum predio, tinha sido arrastado com parte do proprio predio.

De Paris vinham noticias igualmente alarmantes: o chão, empastado, tinha aluido em varios sitios, cavando poços sobre o metropolitano...

E em Lisboa chovia sem descanso; o Tejo subia, ia subindo... Já tinha galgado as muralhas e avançava pelo Terreiro do Paço...

As freiras não desecansavam de falar na cólera do Senhor que enfim, castigava os pecadores portugueses:

—Não se fiassem no facto do colegio estar alto: a Deus nada era impossivel, e alturas muito maiores tinha atingido a agua do diluvio. E quando a cidade não perecesse pela agua, podia muito bem perecer pelos terramotos. Era sabido, lembravam-se, de que o excessivo calor e excessiva chuva, provocam deslizes subterraneos que arrastam consigo a crosta terrestre e dai grandes tremores de terra...

O pavor de Abril renascia ainda maior. Quando a agua batia nas vidraças, os olhares demoravam-se longamente nelas, a ver se estremeciam com mais força... E á noite, á luz triangular e tremula do gaz sem camisa, havia um certo temor nos olhares que fitavam a chuva fustigando as janelas sem cessar...

Naquela noite levantou-se um vento como não havia memoria. A casa completamente desamparada parecia ser levada pelos ares. Se nunca tivessem ouvido falar nos tufões que atiram as casas ao chão e arrancam os telhados, o rugir e assobiar do vento, o bater das janelas e o estilhaçar dos vidros no predio todo, dariam essa lembrança. Houve instantes em que os olhares apavorados se fixaram no tecto á esperea de vê-lo voar. Nem uma só pesesoa dormia, e havia dificuldade em conter

na cama, algumas raparigas mais nervosas, que queriam fugir do ultimo andar em que ficavam os dormitorios.

A lembrança dum tremor de terra a juntar-se a tanta calamidade perpassava nos espiritos.

E Clara na cama, ia dizendo para a companheira do lado, ás escondidas:

—E se o vento leva o telhado?

—E se a chuva chega cá cima? dizia a outra.

—E se vem um tremor de terra? tornava Clara

—E eu que me queria confessar! lamentava-se a outra.

—Tambem eu, respondeu Clara, mas não me ralo.

—Quê! não te ralas? e se vamos para o inferno?

—Não vamos! Olha, em chegando lá baixo ao jardim, devemos encontrar o capelão e confessamo-nos.

—Mas é que o capelão só vem para a missa, e se temos de morrer de noite?

—Sempre ha-de haver tempo de chegar a casa do sacristão, que móra ali adeante, na casa amarela.

—E' verdade! concordava a outra. Mas valerá a confissão feita ao sacristão?

—E' claro! Pois se Deus só nos mandar o sacristão, como havemos nós de nos confessar ao padre?

—E' certo, é, respondeu a outra fóra de duvidas. O pior é se não temos tempo de chegar lá!

Uma lufada de vento abalou a casa de alto a

baixo; algumas raparigas sentaram-se nas camas com um grito agudo. A freira procurava acalmalas...

E Clara respondeu:

—Olha, Deus é muito bom; então eu cá digo-lhe que não achei o capelão nem o sacristão, e ele com certeza que se não zanga...

A freira vinha daquele lado:

—Nem hoje estás calada, Clara?

—E' que eu estava a ensinar á Argentina o que havia de dizer a Deus, se morressemos esta noite...

Se cuidasses de ti era bem melhor. E está calada, senão tens uma cruz...

A manhã levantou-se numa verdadeira desolação; o ar tinha um aspecto avermelhado e estranho.

Das janelas viam-se as arvores da cêrca com as raizes no ar, a terra revolvida como se a tivessem passado com a charrua; não havia uma herva e o telhado da leitaria tinha sido levado.

As menores não puderam ficar na aula de costume porque as janelas estavam partidas. Foram dar lição para uma aula antiga e sombria que não tinha servido ha muito, com as carteiras em roda das paredes voltadas ao centro.

A freira foi chamada para ir dar opinião no concerto duma das janelas da capela cujos vitrais tinham sido despedaçados. E as pequenas ficaram em silencio como de costume, a fazer as contas...

Excitadas como andavam, a saida da freira pareceu-lhes a retirada de Deus; olharam-se receosas.

Passados instantes sentiu-se um ruido surdo; num instante pararam de escrever, os braços ficaram suspensos, e Clara, nervosamente, fitou a Rosa, de olhar incerto... Os olhares encontraram-se, estremeceram, largaram as penas... E a classe inteira, num grito, saltou por cima das carteiras e deitou a fugir para o jardim, feito num lodaçal pegado.

Atraz dela, no mesmo temor louco, precipitaram-se as crescidas e, atraz, as pequenitas, cuja aula ficava mais afastada. Só no jardim, é que as freiras conseguiram interroga-las; as das outras classes tinham fugido por ouvirem fugir; as menores, pálidas e de olhar esgazeado, ainda se não atreviam a acreditar que fosse mentira:—Não tinham sentido tremer?

—Não, só tinham sentido passar uma carroça...

Diziam-no as crescidas, confirmavam-no as freiras...

A irmã Santa Maria, tinha acorrido com mangas arregaçadas e os braços a ferver da casa da barrela; a Alice e a Elvira, em camisa de noite, tremiam de frio e de mêdo. Estavam na enfermaria, e ao ouvirem gritar, correram para onde ouviam as outras. E no meio do jardim, eram objecto de espanto e escandalo. A Irmã Superiora, mais serena, ao ver de que se tratava, deu ordens para regressarem ás aulas, e as doentes serem convenientemente tratadas contra um possivel resfriamento.

Entre estas e as colegas que as apontavam, já se esboçavam palavras conflituosas, e foram as primeiras a reclamar contra as malucas que haviam dado origem ao sucesso. obrigando-as para mais a cometer o pecado de aparecerem em camisa.

Convencidas do engano, as menores procuravam alijar responsabilidades:—Foi esta, foi aquela a primeira que se levantou... Bem tinham ouvido que era uma carroça, mas quando a Rosa saltou na carteira, pensaram que era outra coisa, e fugiram.

A classe estava num desordem; pelas escadas acima iam apanhando as pedras e as penas perdidas na fuga; no chão havia livros, canetas, cadernos; uma carteira tinha sido voltada e a tinta entornada...

Ao catecismo e na classe, começaram as prelecções contra os nervos:

—Era uma vergonha não ter força bastante para se dominar fosse em que circunstancias fosse. Por mais eminente que fosse um perigo, era necessario ter a serenidade suficiente para se não fugir, sem verificar de que se tratava. E não seria ofender a Deus, desconfiar da sua bondade e misericordia, a precipitação com que se fugia deante dum perigo inexistente? Não seria provocar a sua ira contra os nossos pecados, já demasiadamente merecedores de castigo?

Oito dias depois, Rosa saia do colegio, por ser de recear que os nervos dela dessem origem a scenas parecidas.

Clara, meditando o acontecimento, lembrava-se de como perdera o mêdo quando estava em casa.

Se ia a um quarto escuro e uma sombra lhe causava mêdo, ia apalpa-la para ver o que era, como lhe ensinara a sr.ª D. Amelia, e sempre achava um casaco ou uma almofada. Sim, era certo que tinha tido um mêdo horrivel desde o tremor de terra, e tal era o mêdo dum cataclismo que acabava por fugir duma carroça!! Era pior que a historia dos macacos ao acordar—mas então tinha cinco anos, que admiração! agora que era crescida, com dez, não fugiria mais, nem teria mêdo fosse do que fosse.

VIII

Era um ano como tão cedo não haveria outro e poucos vivos presenciariam a repetição do fenomeno: Em Maio seria visivel o cometa de Hallay, um dos mais belos de todos os astros. E os sabios, os visionarios, os farcistas e os medrosos puzeram-se a arquittectar hipoteses em torno do extraordinario acontecimento.

Na estante do refeitorio amontoavam-se revistas e jornais com artigos marcados a encarnado, que deviam ser lidos ao jantar e ceia. Como as inundações, como os tremores de terra, eram assuntos inocentes, que nada traziam da maldade do mundo, e podiam portanto ser lidos como recreio, para variar um pouco a Imitação de Cristo, os sermões da Quaresma que acabára de passar, e as vidas dos Santos.

A curiosidade ia crescendo a ponto de a Superiora consentir que um dia por outro seguissem as revistas para as aulas, e se lessem depois da meditação.

O cometa, de principio, não inspirava mêdo a ninguem; os sabios afirmavam não haver que recear pois, até então, nenhum fizera mal á terra. E os olhos preparavam-se apenas para um espectaculo grandioso, uma especie de fogo de artificio permanente.

E' bem de ver que as pequenas não faziam a menor ideia dum astro desses: pela leitura ficaram cuidando que essa estrela maravilhosa tinha uma cauda brilhante como a lua e grande como metade do céu.—De onde vinham? como eram feitos?

Os sabios diziam:

Os cometas são feitos de gazes luminosos, vem do infinito e vão para o infinito. Os mais lindos aparecem inesperadamente e nunca mais voltam.

O cometa de Hallay porém, é dos maiores e mais formosos, e volta de setenta em setenta e cinco anos.

Pode porém acontecer-lhe como a outros que apareceram periodicamente, e um belo dia desapareceram para sempre, sem mandarem noticias.

Aqui havia uma observação de mau gosto que as freiras tinham riscado, mas que a curiosidade maligna levou a Deolinda a ler em segredo:

«*Está provado pois com certeza matematica, contra ela propria que a falta de pontualidade é uma instituição admitida pela natureza, e que os mais insubordinados e irreverentes são os mais belos e admirados e desejados, mesmo nas regiões da ordem imutavel*».

Estas palavras foram pesadas e medidas á hora do recreio; as freiras não chegaram a saber nada, e as alunas não puderam tirar delas grandes consequencias. Porque teriam as freiras riscado tais palavras, se as deixavam ler a historia dos cometas, que eram aquilo mesmo?

Clara naquela noite, fartou-se de sonhar com cometas. Era uma noite estrelada, serena e silenciosa.

Das solidões do infinito, caminhavam ao mesmo tempo quatro estrelas de grande cauda luminosa, que ao juntar-se cruzavam o firmamento de lado a lado. Depois as caudas desdobravam-se lentamente em camadas de luz verde, azul, amarela, encarnada, e rolavam umas sobre as outras na obscuridade do fundo sempre estrelado. Caia do ceu um calor suave e acariciador, parecia-lhe que estava num mundo muito longe deste. Com o nascer do sol, porém, os cometas dirigiram-se ao seu encontro; as côres que até ai deslizavam na sombra, foram tomando tonalidades de agua, cada vez mais claras, e finalmente diluiram-se na luz triunfante da manhã.

Esperou impacientemente pelo jantar para ouvir a continuação da historia dos cometas:

Esses que vinham do infinito para o infinito e apareciam uma só vez, eram os que tinham uma trajectoria que só o acaso trouxera á terra; mas que sucedera a esses outros que tinham vindo fielmente vezes e vezes, na epoca assinalada pelos homens e que um belo dia haviam desaparecido? Apoz uma aflição de pais que veem desapare-

cer os filhos, os sabios tinham-nos descoberto finalmente: Eram mundos tinham rebentado, e em logar de ve-los, a terra assistia ás grandes chuvas de estrelas cadentes dos mezes de Agosto e Novembro quando passava na sua orbita. Essas estrelas caidas, eram bocados dum mundo que tinha morrido, e andavam agora perdidas, levadas para onde quer que uma força as atraia.

Quem é que não tinha visto e seguido com anciedade o correr duma estrela, e não se lembrava de que ela podia crescer como aquela que a Maria Tereza contava:

Era no verão, e estavam numa descamisada. No céu apareceu uma estrela grande que foi crescendo e caindo... Já era do tamanho dum pão, já era do tamanho dum cesto... os homens e as mulheres cairam de joelhos e começaram a rezar: «Deus te guie estrela, Deus te guie estreleinha, para donde vieste»... E a estrela voltou para traz, diminuiu desapareceu...

Os sonhos da Clara tornaram-se mais complicados: Os cometas já lhe não apareciam como astros socegados na noite serena. Uns corriam de lez a lez, para não voltarem; outros, redondos como a lua, andavam em turbilhão e repentinamente, rebentavam, enchendo o ar de pedaços brilhantes que vinham cair sobre a terra. Alguns eram enormes, e faziam lembrar a terrivel descrição do Juiso Final do Apocalipse: «A terra não morreria mais da agua, mas um dia haviam de cair as estrelas e com o seu fogo puro consumiriam toda a iniquidade». Então, os quatro cometas da noite anterior,

com as suas caudas de côres, tinham aparecido dos quatro cantos do céu, e transformaram-se em anjos; soaram as trombetas que chamava as almas aos corpos, e a reunirem no vale de Josafá.

Não era uma ilusão do espirito visionario da Clara: a leitura daquele dia tornava-se seria. Tinham acabado as generalidades, e começavam as hipoteses ácerca das calamidades que a aparição dos cometas podia provocar. A sua orbita passava bastante proxima da da terra: que sucederia se a força da atracção o arrastasse para cá? acaso não a esmagaria numa catastrofe pior que todos os terramotos? O choque não faria a terra em mil pedaços como sucedera ao cometa Biela? Não era um caso virgem nos anais da Astronomia, principalmente tratando-se de cometas.

Mas supondo que nesses astros não havia nada de solido, e eram apenas gazes, a sua passagem empestaria o ar e os homens morrreriam envenenados instantaneamente, ou lentamente por uma epidemia, ou ainda, do atrito da passagem podia resultar um aquecimento que incendiaria a terra, e talvez fosse a renovação que a tornasse de novo estrela.

Em qualquer dos casos era a morte geral, não havia duvidas; e no colegio voltou a dominar um receio permanente.

Seguiam-se os dados relativos em especial ao cometa de Hallay. Aparecera um belo dia já nos tempos modernos, e a sua belesa causára a admiração e o terror dos homens: O aparecimento dum

cometa, e novo e de extraordinaria grandesa, era sinal duma calamidade sem precedente na historia.

Levantou-se um clamor de misericordia de ponta a ponta, do globo. E o S. S. Padre, ouvindo os gritos da cristandade, tomou a sua causa, e foi coloca-la sob a protecção da Virgem Maria: Deu ordem para todas as partes do mundo de que em todas as egrejas se tocassem os sinos de manhã, ao meio dia e ao pôr do sol, e que de cada vez, se rezassem tres Ave-Marias em seu louvor, lembrando o momento mais augusto da sua vida, aquele em que fôra escolhido para mãe de Deus.

A intercessão da Virgem não fôra vã; Deus não descarregara a sua colera sobre o genero humano.

Não eram só as alunas que estavam de animo frouxo perante tais revelações. Pelo sim e pelo não, era da maior conveniencia que todos aprontassem a consciencia para serem julgados no Tribunal de Deus. E tres dias antes do marcado para o apparecimento do cometa, começaram no colegio as confissões gerais.

A Superiora chamára a atenção das alunas para a gravidade do momento que se aproximava, o que de resto era desnecessario, pois bem o compreendiam. E como nos momentos decisivos da existencia, não bastava a simples confissão ordinaria dos pecados que vinham desde a ultima confissão. Para comparecerem perante Deus mais humildes e purificadas, nenhuma se eximia á grande confissão geral, e quasi pediam ao confessor que lhes dobrasse as penitencias para que o Purgatorio lhes não

fosse tão prolongado. Se o mundo acabasse, sofreriam nesse momento os padecimentos de anos ou minutos que nele lhes estavam reservados, pois assim o determinava o poder de Deus; mas a soma de sofrimento era a mesma, e mais valia diminuila com privações voluntarias.

As sobremesas ficavam nas gavetas sem lhes tocarem; aos recreios, ficavam silenciosas por espirito de penitencia, por ser o silencio a oferta mais agradavel a Deus; e por estar escrito que só uma palavra inutil tem castigo no Purgatorio, não se cantava nem jogava. As orações eram todas rezadas com os braços em cruz, por ser a posição que mais aplaca as iras do Senhor, e aquela com que Josué ganhara a victoria contra os infieis.

Clara porém, dava mostras duma tranquilidade que admirava as companheiras. E' que ela não se esquecera de que é preciso não ter mêdo, pois isso é tolice, e é desconfiar de Deus, dissera a Superiora.

Na véspera do grande acontecimento, foi dado como tema de composição uma carta para cada uma expôr o que sentia deante da vinda do cometa.

Meditavam no que mais convinha dizer, dada a hipotese provavel da morte proxima quando Clara teve uma ideia que a sufocava de riso:

—E se eu escrevesse ao papa?

Margarida olhou-a com pasmo, mas com vontade de que ela fizesse a tolice:

—Não és capaz!

—Não sou?!

—Não és, és lá capaz de semelhante coisa!

—Olha que eu escrevo?

—E as irmãs?

—Escrevo, já te disse.

E presa duma telha absolutamente deslocada, com grande pasmo da colega do lado que seguia boquiaberta a irreverência, começou:

Santissimo Padre:

Anda aqui toda a gente aflicta com o cometa que ha-de aparecer ámanhã. As minhas colegas não comem a sobremesa, não falam, e estão prontas a comparecer deante de Deus. Eu cá não me sinto com coragem para tanto sacrifício, porque me lembro do mêdo que tive dum tremor de terra que afinal era uma carroça. E lembro-me muito bem de que a Superiora nos disse então de que Deus não gostava de que tivessemos medo das coisas que nos mandava. De resto, Santissimo Padre, não vejo grande vantagem nisso: o cometa não faz mais nem menos, e eu vou andando...

A proposito sempre lhe quero dizer que me pareceu muito engraçada aquela ideia do seu antecessor ter mêdo do cometa. Pelo que me contaram as freiras do colegio, ainda estou a ve-lo, a cavalo num burrinho, de convento para convento, a recomendar que fossem tocando os sinos para não suceder mal a ninguem. Tenho grande admiração pelos conventos em que só ha frades ou freiras e não ha meninas, e cuido que lá apenas se comem batatas, como se diz na vida de quasi todos os Santos; e como

o Papa era mais rico, quer-me parecer que devia levar um saquinho delas a cada um, e que para poupar tempo, já as ia descascando pelo caminho.

Se a gente de agora o massar muito, lembro-lhe esta ideia dos presentes que não é má, pois acho que já é bastante tocar os sinos tres vezes ao dia, fóra a missa e a benção.

A Margarida está a ler a carta e diz que parece impossivel eu escrever isto, e que a Irmã Maria vai ralhar comigo; mas eu cá não acredito.

Quanto ao cometa, não me parece que ele prejudique ninguem. Se deitar para cá umas estrelinhas ou uns perfumes, não faz mal que é para a gente ver alguma coisa bonita.

O colegio recomenda-se muito a Vossa Santidade, e eu mando-lhe muitas saudades, apesar de nunca o ter visto.

Clara.

N. B.—Dizem que eu sou muito má, mas não acredite.»

Releu a carta, com tentações de a não entregar. Mas Margarida que não descansava sem ver o resultado, espicaçou-a:

—Vês? escreveste mas não a dás...

Como resposta, Clara saltou o banco e foi entregar a carta á freira. Tornou a sentar-se, e ambas seguiam atentamente os efeitos da leitura no rosto da Irmã Maria. Ao dar com os olhos na carta, manifestou-se nela um pasmo indescritivel, depois assomou um sorriso leve, mas logo se dominou

e seguiu impassivel até ao fim. Ambas as raparigas estavam admiradas com o silencio.

Mas no dia seguinte, soube-se que a carta tinha ido a apreciar á comunidade; as freiras que encontravam Clara, voltavam a cara e riam-se; a Irmã Superiora olhara-a com mais vagar e sorrira-se sem lhe dizer nada. Só a Irmã Teresa que não gostava nada dela, é que lhe mostrava grande severidade. As crescidas, essas, não falavam noutra coisa, e no dia seguinte, o caderno da Clara tinha arrancada uma folha que corria de mão em mão, nas esferas privilegiadas do colegio.

—Bom! vamos lá ver se ao menos consigo ver o cometa, pensou Clara. O processo era não estudar a lição, porque a obrigavam a ficar a pé, até sabe-la. Era a hora da reunião da comunidade e a freira deixava-as sosinhas alguns bocados que aproveitaria para ir á janela de fugida.

A' hora da repetição, ninguem contava com aquela da Clara: não respondia palavra!

Na combinação entrava a Margarida que tambem não sabia coisa com coisa, e apesar das freiras desconfiarem, tolerantemente, deixaram-nas ficar a pé, enquanto as outras iam para a cama ás oito horas.

Mas baldados trabalhos: quando depois de saberem a lição, foram ver o cometa á janela, encontraram o céu nublado, e no seu logar apercebia-se apenas, uma manchasita clara como um bocadinho da Estrada de Santiago enfarruscada.

IX

Não havia festa que se comparasse com o Natal.

A novena fazia-se na classe que mais o merecera pelo seu comportamento; e durante o ano crescia a rivalidade entre as pequenas, as menores e as crescidas, para merecer essa distinção, a unica recompensa de classes que havia — e mais ambicionada que todos os prémios individuais.

Ao chegar Dezembro, o comportamento atingia a maior perfeição, e nas conversas das alunas e freiras não se discutia outra coisa senão a quem é que a Superiora atribuiria essa honra suprema.

Era um misterio que se desvendava sómente á hora de armar o presepio, dois ou três dias antes de começar a novena. E escolhida a classe, era depois uma rivalidade amigavel entre as alunas, sobre qual daria maiores provas de amor ao Menino, pela perfeição do seu comportamento, pelas mortificações que fazia ou pelas dádivas materiais do seu trabalho com que enfeitava o presepio.

Mas além destas honras, o Natal trazia grande alvoroço e alteração de ordem. Era primeiramente a reunião geral diária para a novena, á tarde, o que diminuia o tempo de estudo. Havia um encanto especial nessas reuniões, já ao lusco-fusco, só com as velas do presepio acesas, e as vozes serenas e limpidas entoando os louvores do Menino que nascia para dár vida ao mundo.

Assim seguia, até á vespera, em que iam para a cama ainda mais cedo que de costume, para se levantarem á meia-noite, e dárem tempo a que a Arvore de Natal se carregasse com os rebuçados e recompensas de cada uma.

As pequenas davam mil voltas á imaginação para adivinharem o que viria a caber-lhes. A armação da arvore era feita com o maior misterio. Nem uma só aluna fôra nunca admitida a ajudar, ao contrario das outras tarefas para que sempre eram escolhidas algumas das mais velhas: Só as freiras armavam a Arvore do Natal, e isto mais contribuia para excitar a curiosidade...

Clara e Margarida haviam falado mil vezes no assunto, com desejo de espreitarem e de se encontrarem no meio da actividade e da alegria que reinava ao serem penduradas caixas e estampas na arvore cheia de luzes. Ao recreio era impossivel sem serem descobertas, tanto mais que as freiras não consentiam conversas particulares. Mas tal era o desejo de ver que a ambas animava, que arranjaram maneira de iludir a vigilancia, e ao estudo, no silencio sepulcral daquela hora e meia, tiveram lon-

gas conversas, dias e dias, ácerca da maneira de levarem o projecto a efeito.

A ideia fôra-lhes dáda pelas proprias freiras:— De vês em quando falava-se da Branca—do tempo da fundadora---que levantára o colegio inteiro a gritar que havia fogo na rouparia. Não havia fogo nenhum; na véspera é que houvera um incendio cujo clarão se via da cêrca do convento; e a Branca sonhava com fogo, o que sucedera a muitas outras pequenas. Mas como era sonambula, levantou-se da cama e deitou a correr pelo dormitorio fóra, a gritar, pondo toda a casa em alvoroço.

O tumulto serenou com relativa facilidade; Branca foi apanhada já no meio da escada, e acordada com mil cuidados, por ser muito perigoso acordar uma pessoa naquele estado...

Actualmente não havia nenhuma pequena que tivesse dado indicios de sonambulismo, e era um bem, porque ás vezes tornavam-se perigosas. E vinham casos ilustrar a afirmação.

Uma mulher levantara-se de noite e tinha ido á fonte; ao chegar a casa, esqueceu-se de baixar-se para entrar ao rebate da porta, a bilha caiu e partiu-se; a mulhersinha acordou e, com o susto, ficou sem fala.

Outra puzera-se a lavar os vidros dum terceiro andar, e, sem mal de maior, pôs tudo no seu logar e voltou para a cama.

Havia casos pióres:

A Elvira tinha uma prima na provincia que viera para Lisboa com os pais e, por emprestimo ficara uns dias na casa dela.

Como não havia camas para todos, dormiram juntas. Sucedia porém, que a prima tinha muita inveja dos fatos da Elvira e dela morar em Lisboa. Alta noite, quando esta dormia, ouviu a prima dizer; «agora não escapas; hei-de matar-te e não hão-de saber que fui eu». Elvira, apavorada, esgueirou-se entre a parede e a cama, e já debaixo dela, sentiu a prima agarrar o travesseiro com ancia, e saltar-lhe em cima, dizendo sempre que não lhe sairia das mãos com vida.

Quando a viu socegada, fugiu como poude para a sála, onde o pai foi encontra-la de manhã, hirta de frio e terror. Contou-lhe o que se passara, e com mil habilidades tentaram levar a prima a lembrar-se do sonho; mas em vão.

E assim assentavam teorias gerais do sonambulismo: As pessoas nesse estado, não teem culpa do que fazem e é muito perigoso acorda-las; o melhor é segui-las e só as perturbar no caso de correrem risco de gravidade. Margarida e Clara cuidaram pois, que nada lhes era mais facil do que fingirem-se sonambulas para sairem dos dormitorios e, como se dormissem virem até ao primeiro andar, ver o que faziam as freiras. O seu passeio não atemorisaria ninguem, e portanto não corriam risco de serem expulsas; não tinham culpa, portanto não seriam castigadas. Só uma coisa não conseguiram averiguar com certeza; era se as sonambulas andam de olhos fechados ou abertos. Uns diziam que fechados, outros que abertos, e era realmente preciso terem a certeza para não darem esse indicio por onde chegassem a descobrir que era partida.

Não foi possivel saberem nada a tal respeito, e como ha pessoas que dormem de olhos abertos, combinaram ir de olhos abertos, mas caminharem hirtas, sem voltarem a cabeça nem mudarem o olhar, por mais que as chamassem ou por mais curioso que lhes parecesse o que ficava para traz.

Deviam partir ao mesmo tempo e Clara que estava mais perto da porta, onde chegava um pouco de ruido e claridade do andar inferior, é que daria o sinal, puxando três vezes o pigarro da garganta.

A combinação estava feita dois mezes antes do Natal. Ao entrar na novena, andavam nervosas sonhando com a noite em que haviam de levantar-se enquanto as outras dormiam. E já antegosavam as preguntas;—Como era? que diziam as freiras? quem é que trazia as coisas? Pois nenhuma era tão pequena que ainda acreditasse na historia do Menino que vem pela chaminé...

Com a aproximação do dia santo redobravam as mortificações e os avisos das freiras a aconselharem actos de penitencia que fossem consolar Jesus pelas maldades dos que nunca se lembram dele. Não havia ninguem que não se compenetrasse da santidade da época, e passava de 15 dias que nem ás piores tinham marcado pontos de silencio. Se a vida interior das almas estivesse de harmonia com a compostura exterior, o colegio transformar-se-hia em breve num viveiro de santos. Não se atreviam a dár largas a um movimento de impaciencia e retinham a lingua cuidadosamente para nenhu-

ma ser melhor, nem levar á missa do galo um mais formoso ramilhete de virtudes.

As freiras não se cansavam de falar na vinda do Redentor e a historia do humilde nascimento de Deus, numa estrebaria, enquanto os grandes do mundo — pobres condenados—habitavam em ricos palacios e olhavam com desprezo o pai adotivo do Senhor dos Ceus; e na sua fala, simples e convicta, repetiam mil vezes a mesma coisa; Era preciso sacrificarem-se. Elas haviam sido escolhidas entre mil, para conhecerem a bondade de Deus; deviam pois olhar pela propria salvação e pela de todos os que nunca tinham ouvido a divina palavra. Deviam ser tão boas que pela sua humildade e penitencia, salvassem muitas almas...

Quanto mais preparadas estivessem para a grande festa do nascimento, mais profundamente haviam de sentir a descida de Jesus ás almas, na noite abençoada. E já surgia perante os olhos delas, a vida extraordinaria que haviam de ter: ás onze horas levantavam-se rápidamente para irem á missa; depois de formadas, em logar do silencio habitual, seguiam cantando pelos corredores que pareciam iluminar-se de alegria para tomarem parte no côro.

A capela brilhava tão cheia de luzes que parecia quinta-feira Santa; mas em logar da tristesa de então, havia sorrisos de alegria, e os paramentos brancos, as pratas e as flores claras cobriam as paredes. O presepio da capela, era de encantar; Lá no alto duma serra, estava Nossa Senhora, o Menino e S. José, e ao lado a vaca e o burrinho.

todos alumiados por uma estrela cujo brilho passava por um buraco do telheiro. Pelos cabeços em volta, corriam pastores e ovelhas; a subir a encosta, cá de baixo, iam os Reis Magos...

A missa era acompanhada de canto e orgão; e na calma da noite, no turbilhão de luzes, na abstracção das almas, parecia terem sido levadas para um mundo novo; quando á comunhão se levantavam, e deslisavam subtil e vagarosamente, de olhos fechados, a receber o Deus que se dava aos homens, abria-se o Paraiso, e todos os sacrificios feitos pareciam pequenos para semelhante alegria.

Seguia a ceia—caso unico no rodar do ano—com arroz doce, e leite... E finalmente, sempre cantando os doces cantos do nascimento, iam deitar-se até manhã.

Não havia missa, não havia catecismo, outras coisas que destoavam do ram-ram do ano; iam sómente á capela dár os bons dias ao Menino Jesus, e logo seguiam almoçar—torradas, doce, muita manteiga e leite. Mas não socegavam impacientes de verem a arvore do Natal:

Ei-la que surgia finalmente, recamada de luzes e pedrarias, ao lado do presepio. Havia um momento de anciedade:—Que sairia a cada uma?—E começavam a interrogar-se sobre o comportamento e aproveitamento do ano.

Clara lembrava-se do ano passado: A' Maria Luiza que tinha muito máu genio, saira-lhe um chicote; á Ana que estava sempre a falar e chegava a ter 40 pontos de silencio numa semana, saira-lhe uma lingua encarnada de mais de dois palmos;—

á Isabel que aprendera a bordar muito depressa, saira uma linda caixa de costura...

Ah! ela este ano havia de ver de onde saiam estas coisas tão lindas; estava combinado!

A vespera do Natal chegára finalmente. Depois da novena, tinham recolhido todas á classe das menores, e a classe das crescidas onde se fizera o presepio naquele ano, tinha sido fechado cuidadosamente. A desordem do dia não permitia que se estudasse, e até á oração da noite, faziam meia, sob a vigilancia duma freira que aproveitava a ocasião para falar-lhes, avivando-lhes o fervor, afim de estarem melhor preparadas para a comunhão da noite.

Clara, com grande pena sua, ainda não tinha feito a primeira comunhão; mas ia escutando, desejosa de fazer tudo para merecer ser visitada, por Deus, ao menos espiritualmente.

E ouvindo falar de sacrificios, de penitencias, de abstenções com que agradar ao Menino, cogitava activamente no que mais mostraria a Deus a sua boa vontade.

Entretanto chegou a hora da oração da noite, que sempre se fazia muito antes da ceia—antes do estudo, no inverno—e puzeram-se de joelhos.

A Deolinda rezava em voz alta e as outras seguiam baixinho. Havia em todas mais devoção do que habitualmente; ninguem levantava os olhos; trespassavam o ar efluvios magneticos de fervor que dominavam por completo e absorviam os sentidos levando quasi ao extasi.

Acabada a oração e dadas as palmas de sinal,

sacudiram o torpor em que haviam caido, e avidas de mais sacrificios e penitencias, as suas bocas de cinco a desasseis anos, curvaram-se para terra e beijaram o chão, pratica tão seguida e aconselhada pelos mais humildes e eleitos do Senhor; algumas na exaltação mistica, não se contentavam em beijá-lo uma vez, e fazendo voluntariamente a penitencia que tantas vezes ao dia lhes era imposta, beijavam-no cinco e dez vezes, e algumas ainda iam mais longe, e com a lingua no chão aspero por si mesmo, e da terra que os pés trazem de fóra, num dia de inverno, faziam grandes cruzes, que Deus veria certamente com o maior agrado, comovido pela sua humildade.

Passava nas almas todas, uma rajada mistica que as fazia suspirar por cilicios e humilhações; e em silencio profundissimo, entregaram-se àqueles actos tão louvados, ainda com mais excesso que de costume. Que o beijar do chão era a penitencia mais leve do convento; correspondia á falta de silencio; e tão louvada, como a mais agradavel a Deus, que algumas das raparigas, expontaneamente, durante os trabalhos, levantavam-se dos seus logares para em acto humilimo irem beijar o chão.

Levantaram-se enfim; só Clara ficava de joelhos. As companheiras olharam-na com certa admiração, e a freira depois de examina-la um instante, fez-lhe sinal de que se sentasse como as outras. Mas Clara ainda não levantára a cabeça; não viu não ouviu, não se mexeu. A freira chamou-a em voz mais alta, mas não foi melhor atendida. Entre as classes começava a fermentar certa in-

dignação pela Clara, que nem mesmo naquele dia tinha juizo. Novamente chamada com mais energia, parecia estar desmaiada, tal era a surdês que manifestava. Mas a freira que não se fiava nela, desceu do estrado, aproximou-se, segurou-lhe num braço e mandou-a sentar.

Clara declarou que não se sentava: A freira, pacientemente, mandou-a sentar de novo. Mas Clara, sempre de joelhos, nem respondeu. As classes espantadas, murmuravam abertamente contra o atrevimento; e já se evocavam mesmo as palavras de Cristo *que mais valera nunca ter nascido do que dár ao proximo ocasião de escandalo*. Quê! na vespera de Natal, ter um capricho?

A freira começou a exorta-la: Que se sentasse como todas tinham feito; para que estava a desobedecer? não sabia que fazia pena ao Menino Jesus, e no mesmo dia em que por amor dela descia do céu á terra?

Então Clara explodiu:—Estava de joelhos porque queria fazer penitencia, e não a obrigassem a falar porque estava resolvida a não falar até á meia-noite, para levar um sacrificio, porque não sabia que outro sacrificio havia de fazer.

A freira sorriu-se:

—Então tu imaginas que o menino Jesus quer os teus sacrificios? Era melhor que não fossses desobediente, que é o pior que tens!

Mas Clara, fóra de si indignava-se:

—Então para que lhe diziam todo o dia que fizesse penitencia? Agora que estava resolvida a faze-la não a deixavam? Não se sentava. A ideia

fôra-lhe dada pelo proprio Menino Jesus, no correr da oração e não se sentava.

Foi preciso chamar outra Irmã—a das decisões supremas. Pegou na Clara por um braço, mas não foi preciso mais força; sabia onde ia: Serenissima, orgulhosa, pudera dizer-se, Clara atravessou por entre as colegas que a olhavam com indignação e despreso, para ser castigada: e na casa de lavar os pés, o seu corpito teimoso travou conhecimento com as disciplinas.

Todas sabiam ao que tinha ido e nem queriam vê-la: demais fizera pecar a Irmã para lhe aplicar o cástigo numa região que nunca devia descobrir-se. A indigna ceiou á parte, e ficou fechada á chave até ir para a cama. Sósinha ia meditando que a sua teimosia seria compreendida por Deus, e que pelo menos aquela humilhação lhe seria o mais magnifico sacrificio para oferecer á meia-noite.

A visita de sonambula á arvore de Natal já não se efectuava; por nada Margarida lhe falaria naquela noite, depois do que se passára...

X

Escutava com atenção religiosa as prédicas e as leituras. E lentamente, arraigava-se no mais fundo do seu ser, a convicção da existencia dum ente superior, ao qual bastava amar para se ser feliz. Nunca até ali tinha ouvido falar d'amor. A estima, o carinho dos que a tinham adorado em pequenina, daquela senhora D. Amelia, de velha creada e do sr. capitão, deixaram-lhe uma lembrança de encanto, de saudade, talvês; mas não era amor o que lhes inspirava—era confiança ilimitada, tão expontanea, natural e impensada como a elegria que lhe causava o Sol.

Mas no colegio, não havia essa confiança em ninguem; nem mesmo a sua cabeça irreflectida era capaz de encontrar ponto por onde irromper em festas e saltos de ternura irreprimivel: as freiras falavam a todas; nunca se dirigiam a ninguem em particular senão para ensinar, ou ralhar. Nunca a sua mão poisou de leve na cabeça de qualquer delas, ou deu um beijo de recompensa—nem mes-

mo um olhar; louvores eram dados apenas ao prestar das contas de cada mês ou de cada semana, e resumiam-se na enumeração por ordem de classificações; as primeiras nomeadas eram as melhores, as ultimas as piores—estas eram censuradas com claresa, áquelas recomendava-se que não se envaidecessem porque pecavam. E esta proclamação e aviso soléne deante do colegio reunido, eram as unicas palavras que podiam—se o podiam—ser comparadas a uma caricia longinqua.

Com as colegas não havia ordem de ter expansões nem amisades particulares; eram vigiadas com cuidado para não andarem três dias com a mesma companheira, nos breves instantes de recreio e que não estavam em jogos ou a cantar, para se sentarem sempre ao pé das mesmas; e era rigorosamente proibido dar beijos. Se porventura fosse permitido dar um beijo então havia de dar-se a todas, da primeira á ultima, porque todas eram iguais, e era pecado gostar mais duma que de outra; mas isso seria uma desordem;—se fosse permitido dedicar amizades a esta ou áquela, sucederia que as boas não poderiam ter influencia sobre as más, mas estas, reunidas, tornar-se-hiam piores, e as outras poderiam pecar de orgulho. Calcavam-se assim todos os impetos, todas as necessidades de expansão e confiança, e dessas pequenitas faziam-se almas dum estoicismo heroico, e tambem duma friesa mortal.

Sómente de longe em longe, quando o comportamento do colegio inteiro tinha sido exemplar, é que a Superiora passava revista ás classes forma-

das, e como recompensa dava a mão a beijar. Esse instante era esperado anciosamente dias e semanas; e quando corria muito tempo sem ela as visitar, ao passar a hora em que era costume vir, os corações apertavam-se, e as pequenas murmuravam entristecidas:

—Já não vem hoje...

Era o unico momento em que lhes caia na alma alguma ternura.

A direcção em que podiam largar livremente todos os sentimentos, era no amor de Deus—e era esse o unico que convinha permitir; já dissera Jesus: *quem é meu amigo, larga tudo e segue-me*. Tudo—eram as riquesas, eram os bens e a gloria terrena, e eram tambem todas as inclinações, todo o amor da carne. Deante de Deus não havia pai, nem mãe, nem irmãos, nem amigos—sumia-se tudo nesse amor que tudo abrasava.

E Clara que ali dentro, não pudera crear amigos em ninguem, quebradas todas as ligações de espirito e de confiança, sosinha com a sêde de alegria e amor, que a fazia sorrir para o sol, para as estrelas, para as arvores, voltava-se toda para esse ente, amor e perfeição que desejava ouvi-la e atende-la e desejava que o amassem para ser feliz.

Deus aparecia-lhe fóra dos moldes da historia sagrada como luz de belesa infinita e purissima que envolvia o mundo e a envolvia a ela, tal como o sol; mas era uma luz para a qual não havia noite e que devia alumiar mesmo para lá de onde chegava o sol. Não o sabia conscientemente, mas abandonava-se a esse vago sentir, certa de que

Deus não podia ser semelhante áquele velho de barbas que no principio da Biblia parecia lançar maldições dos olhos furibundos. Não era mesmo aquele *puro espirito* cujos atributos o definiam no decorrer do Antigo Testamento; esse talvês fosse o pai de Jesus, mas não era Deus, a belesa e a bondade eterna. No seu espirito, já as duas coisas não podiam separar-se, e a belesa reinava sobre tudo. Ela propria ignorava estes sentimentos, como ignorava que gostava muito das pessoas que deixára no mundo e de quem se lembrava continuamente.

O que porém só era contido pelo poder magnetico dimanado da voz austera, grave e ardente da Superiora, era um odio surdo que não aflorava, mas existia, contra esse Deus que deixara matar o filho, o doce Jesus que usara apenas em amar toda a sua força de Deus e de homem. Era preciso sangue para remir o pecado—porquê? Porque não comovia os homens de outra forma, se o seu poder era infinito?

Mas fugiu do máu pensamento: Mil vezes dissera a Superiora que era preciso não tentar penetrar os misterios divinos. E contava a historia de Santo Agostinho que andando na praia a cogitar no misterio inexplicavel da Santissima Trindade, encontrou um menino que tinha feito uma grande cova no chão, e com um balde ia buscar agua ao mar e deitava-lha dentro.

Tantas vezes fez isto sem descanso, que o Santo interessado preguntou-lhe o que fazia:

—Quero deitar nesta cova toda a agua do mar.

Ao que o Santo respondeu:

—Não penses nisso, és tolinho.

—Pois mais depressa o conseguirei do que tu has-de conseguir decifrar o misterio da Santissima Trindade, redarguiu-lhe o menino. E desapareceu.

Não tendo pois outro campo onde dar saida a inquietação que a abrasava, nem sequer a meditação das coisas da Fé, Clara sem uma amisade, sem uma perturbação de quelquer naturesa, entregava-se ao prazer delicioso de amar esse Jesus com quem conversava indefenidamente. Algumas vezes era apenas um sorriso, outras um abandono em que repetia sem fim: amo-te muito, muito, meu Jesus... Lembrava a historia daquele menino a quem tinham dito como a ela, que Jesus, estava sempre desejoso de que o visitassem, o chamassem... Cheio de confiança, entrou na Igreja, trepou ao altar e foi bater á porta do Sacrário:

—Estás lá Jesus?... Eu vinha cá dizer-te que gosto muito de ti e preguntar-te se estás contente...

Nunca lhe deixariam fazer o mesmo. Ela era tão má que nem a deixavam estar com as outras; haviam-na posto a estudar sósinha numa sala, porque fazia rir a classe inteira com os seus gestos e olhares... Não sabia como era; tinha a impressão de que riam sem motivo, porque em verdade não dava pelas coisas de que riam ao fita-la... Mas isso não a impedia de ser uma grande má; talvês nem Jesus lhe respondesse...

E cheia de tristeza, quando as outras voltavam da comunhão, chegava-se bem para elas, incli-

nava-se para a coxia onde passavam, na esperança de que delas viesse alguma parte da graça e do amor do Deus da doçura e da bondade. Nunca ela seria como aquela menina a quem não tinham deixado fazer a comunhão por ser pequena; mas era tão abrazado o amor com que pedia a Jesus que viesse, que ao começar a comunhão das outras, uma hostia voára das mãos do padre e viera poisar-lhe na cabeça.

Amava, adorava Jesus, amava-o só a ele, a bem dizer, de todas as figuras de santos e mesmo de Maria; a estes, se os amava, era por o terem amado... Seguia enternecida o seu apostolado nos Evangelhos; mas onde sobretudo o adorava, era naquelas historias de amor infinito, em que perdoava, em que descia aos homens para cumula-los da felicidade da sua ternura. A ceia de Quinta-Feira Santa aparecia-lhe em todo o seu significado de amor.

Ficava-se horas de joelhos na meditação da dadiva Suprema: não tendo mais, Jesus dera-se a si mesmo, completa, absolutamente. Não descia a meditação ás possibilidades do misterio—que lhe importavam? Havia nele amor sem limites, e o amor assim não conhece impossiveis.

Absorvia-se no encanto dessa entrega, e consumia-se no ardor da fusão das duas almas, a sua e a de Deus, por efeito do amor...

Jesus aparecia-lhe mais como homem do que Deus, mas homem que trazia consigo o acto incomparavel de deixar a maior grandeza dos ceus e da terra, a gloria increada e sem limites, para amar

melhor. Homem, deixava de ser essa luz incoercivel e indefenivel, para se pôr ao alcance do seu entendimento.

Conhecia-o como as coisas em que tocava e via; estava certa de que a ouvia, de que estava permanentemente dentro dela. Era uma das certezas que nem a deixavam sentir-se sosinha, a de que Jesus vivia na sua alma, emquanto estivesse na graça, enquanto fosse boa. E tinha um cuidado constante em não perder esse estado de amor para o ter sempre dentro de si, a escuta-la e a aconselha-la.

Debalde pensava nas repreensões constantes de que era alvo e se censurava do riso que provocava nas condiscipulas; não sabia quando fazia rir e por isso era-lhe impossivel corrigir-se; mas sentia que não obstante esse pecado, Jesus queria-lhe duma forma especial.

No meio do goso imenso desse amor que a absorvia e deleitava, perpassava constantemente o desejo de fazer alguma coisa que mostrasse de quanto era capaz o seu amor. Pensava com inveja nos tempos de Roma, quando qualquer podia dar o sangue por Jesus: e os maiores tormentos pareciam-lhe pequenos para as forças que a faziam vibrar. O sangue dos martires espadanava em sorrisos de alegria; e passavam e repassavam os que mais felizes que ela haviam morrido de amor. Quanto daria para responder firmemente e olhando mais alto, que amava? como esse grito subia acima do céu, pelo infinito fóra! Intolerante, não compreendia a negação de Pedro, não compreendia a hesitação de Tomé; para ela, o que havia eram os mil gritos ar-

dentes e tintos de sangue dos martires, ou as lagrimas de amor, já sem palavras ,de Maria Madalena

E as palavras de Cristo á pecadora, para o seu espirito não se referiam a pecados de que nem sabia a existencia, mas alçavam-se ao seu mais alto significado:

— *Muito lhe foi perdoado, porque muito amou.*

No mundo não havia pois mais nada, senão amor, Jesus contentava-se com isso, e então amava-o até o coração lhe não caber no peito, até os labios se cerrarem, e mudamente, ficar de joelhos, olhos fechados, contendo o bater do coração, sem mesmo poder pensar...

Os tempos eram outros, e jamais lhe poriam a condição de morrer ou deixar de amar; que lhe restava pois para dar a esse que se contentava com amor?

O mundo era máu, dizia-o a Superiora, e nele ofendia-se Jesus continuamente. Felizes os que eram chamados por ele á graça de abandonarem tudo para segui-lo; eram poucos, mas em compensação das riquezas e dos prazeres temporais, era-lhes dada *essa parte que ninguem poderia tirar-lhes*, como á Maria, irmã de Lazaro.

Viviam dum amor que nunca sofria engano, amor que era fiel na vida e que depois da morte, livre então do corpo que o não deixava gosar em absoluto, alcançava o mais puro ardor. Era um amor eterno, que tudo vencia, que aumentava com o decorrer dos tempos. Quanto mais a alma se li-

bertasse das prisões do seculo, quanto mais esquecesse a terra e as amisades terrenas, mais se elevaria para o céu e mais gosaria o amor de Cristo.

E surgiam as longas prédicas sobre a perfeição da virgindade, a maior dádiva que se podia fazer a Deus; a superioridade da vida religiosa—a vida dos eleitos—a vida em que a toda a hora se vivia do amor de Jesus. Afirmava-se que no céu, os casados eram os que ficavam em ultimo logar, já á porta; a esses era muito mais dificil a salvação, e fora-lhes dada aquela parte sem valor que Jesus menospresava em Marta. Não haviam escolhido a parte do amor, e justo era que fossem tidos em menos conta... Vinham depois afirmações mais precisas: As alunas do colegio que haviam seguido para freiras eram felizes; mas das casadas, nem uma só deixava de ir lá chorar os tempos em que não havia ainda trocado o amor de Deus pelo amor humano. Algumas tinham sido tão desgraçadas que até a crença haviam perdido e nem sequer iam já á missa...—Podiam elas avaliar a dôr de Jesus?

—Quem havia que o quizesse consolar com um amor dobrado?

E Clara disia consigo:—Eu.

Não o diria a ninguem porque ririam dela, mas ela amaria bastante para tentar fazer esquecer a ingratidão das outras, e sobretudo amaria, para não chegar a deixar de amar...

O casamento, a virgindade, tudo isso era vago, sem sentido; ela, o que sabia, é que precisava de amar, que ninguem a queria senão Jesus, e por-

tanto seria dele para sempre. E visto que era preciso sofrer como ele sofrera para lhe provar o amor visto que o sofrimento dos homens era uma diminuição nas dôres que ele sofrera na Terra, ela iria viver exclusivamente para ele, deixando pais, irmãos, amigos, numa daquelas ordens religiosas em que nunca se tira o cilicio do corpo e se reza de manhã á noite. Ela buscaria o sofrimento, e busca-lo-hia já; ela amaria, e ninguem havia de sabe-lo senão Ele...

E num dos dias em que mais a abrazava este desejo de compartilhar a paixão de Jesus e de ter um pouco de alegria santa dos martires, correu á cozinha, e aproveitando-se de lá não estar ninguem, agarrou num dos ferros em braza do fogão, e por tres vezes, demoradamente, carregou-o num dos braços. Espalhou-se um cheiro forte a carne queimada, e Clara sorria...

Ahi, entregar-se-hia enfim, a esse amor que a consumia; receberia diariamente o corpo do seu amor, e o seu ser com o dele, formariam um só. Com ele dentro de si, quedar-se-hia muda, abandonada ás doces palavras de enternecido amor com que havia de agradecer-lhe e mostrar-lhe a sua alegria pelo muito que o amava. Não seria necessario falar; melhor do que todas as palavras, o coração bater-lhe-hia, e Jesus não precisava de palavras para saber que toda aquela vida lhe pertencia. Que doçura infinita na penetração desse amor, a qual nada era desconhecido nem os mais intimos pensamentos! E quando para prová-la, o fervor a

abandonasse, e em logar de consolação do amor presente, sentisse frieza, alheação; quando Jesus parecesse longe sem lhe dar o praser da sua presença sensivel, juntaria esse sofrimento aos mais, para lhe oferecer e lhe dizer:

—Senhor, bem sabeis que vos amo, e vos amaria ainda que soubesse que me não querieis.

XI

Houve um grande acontecimento: Da Madeira chegaram seis raparigas que iam para Castres, onde era a Casa-Mãe, afim de professarem: eram as noviças. Faziam vida como as freiras de manhã e á noite, depois das alunas irem para a cama; mas ás horas de estudar as lições de cór, e a outras horas em que não perturbassem, sentavam-se nas classes.

Era um grande acontecimento na verdade: parecia que a benção do Senhor descera especialmente sobre o colegio, e as almas recolhiam-se demoradamente, com a certeza de que as visitava uma graça particular.

O fervor da Superiora redobrava com a alegria da conquista daquelas almas para Deus, e aproveitava a ocasião de estimular no animo das educandas valor para imita-las. Quando as noviças estavam nas aulas, aparecia ela, leve, transportada de celeste entusiasmo, e apontava-as como exemplo da ternura especialissima de Deus que as esco-

lhia para esposas. Na capela, entre as orações, davam-se graças pela misericordia infinita do Senhor que olhara para as suas escravas e as elevara até ele, para por ele viverem.

E no catecismo, na pratica diaria, a freira Superiora transportada aos mais altos arroubos do misticismo, arrastava o colegio inteiro para a visão dessa vida religiosa, vida toda de amor eterno, em que todos os sofrimentos são provas do amor do Creador, em que os que mais sofrem são os mais preteridos, em que perdida toda a ligação com a terra, renunciada e esquecida toda a amizade ou amor de sangue, se vai de terra em terra, *sem familia*, *sem patria*, *sem lar*, tendo apenas o pão das esmolas, por amor de Deus ao serviço de Deus!

E que amor! amor que não tendo por origem uma causa terrena, não tendo por objecto o corpo, penetra a alma de doçuras incomparaveis, permanece através de todas as provações, não engana, e mais perfeito, mais completo, mais puro se torna até atingir a perfeição suprema, com a morte, com a aniquilação do corpo! Amor que acompanhando a alma na terra, ao ruirem as muralhas que nos separam da eternidade se ampara dela para sempre, mais luminoso e mais belo que nunca, dando nos seus transportes dulcissimos, ternuras que jamais conhecerá o impuro e imperfeito amor humano!

Passava nas almas um vendaval mistico; todas as educandas queriam ser freiras, e rogavam ao Senhor que lhes desse vocação. A' hora do recreio, a freira Mãe, *Ma mére* como era chamada a Su-

periora, deu a mão a beijar e disse que aquelas que quizessem casar pusessem um dedo no ar. Só a Batalha levantou um dedo: a Batalha era uma revoltada, sempre com caprichos, que ninguem sabia de onde viera; não tinha ainda sido expulsa apesar das ameaças constantes, por motivos misteriosos; cada vez que ela tinha um capricho e nas reuniões mensais para prestação de contas de aproveitamento e comportamento, ouvia sempre a mesma censura cheia de despreso e severidade:—«Ainda não foste expulsa, porque a tua mãe é uma mulher indigna, que é melhor nem conheceres nunca! mas pelo visto a ela tens de sair!» afinal, soube-se mais tarde que não fora expulsa porque era filha natural dum medico fidalgo, das chamadas mais nobres casas de Portugal, que no entanto mandava as filhas para um asilo de caridade.

Nenhuma delas fazia ideia do que era o casamento, mas todas consideraram aquele gesto da Batalha como mais um sinal da maldição com que Deus a cobrira, ela que era sempre a mais castigada por ser a mais teimosa, a mais desobediente, a que dava constantes *escandalos* pelos seus caprichos, aquela a quem nunca se conhecia que a graça de Deus visitasse.

Então a freira-Mãe preguntou-lhe com um sorriso que ninguem percebeu:

—Queres casar, tu? é claro que havias de ser tu...

O dedo da Batalha baixou-se e declarou que tambem não queria casar. As outras continuaram a olhar para ela com estranhesa e desconfiança e

sómente se preguntaram porque sorrira a freira-Mãe.

Quando as noviças foram apresentadas ao colegio, já o foram com um novo nome:

—Não sabemos ainda que nome se lhes dará definitivamente quando chegarem á Casa-Mãe, dissera a Superiora: mas elas já declararam o nome do bemaventurado que lhes servirá de exemplo e que ha-de protege-las na sua divina missão, lá do reino dos Céus, ou a invocação de Nosso Senhor Jesus Cristo e de nossa mãe Maria Santissima a que se acolhem. E a esta chamaremos irmã de Maria Imaculada, a esta irmã da Santa Cruz, a esta S. José, a esta Irmã Maria do Divino Coração.

Era um velho costume no colegio trocarem os nomes mesmo ás alunas, e então com noviças, seria impossivel continuarem a trata-las pelos seus nomes do mundo. Ao entrarem a porta do convento para dentro, quebravam-se todas as ligações com a terra: era uma verdadeira morte, em que tudo desaparecia até ao proprio nome, recordação da familia e da patria, para receberem um nome condizente com a sua nova situação, um nome pertencente aos da santissima familia de Deus, e á patria celestial, a que só e para sempre ficavam pertencendo.

E era considerado como um favor mesmo entre as alunas, e sinal de distinção, a troca do verdadeiro nome que traziam de casa, por um outro nome que embora não tão significativo, era sempre o de um santo dos mais mencionados como exemplo de virtude.

Havia grande contentamento pela presença

das seis noviças, e uma grande pena por terem de partir para França, onde iriam professar; e apontavam-se como de santas, os nomes das educandas que breve partiriam tambem, mas para outras casas, de ordens mais rigorosas, as ordens contemplativas das Carmelitas.

E passavam-lhes nas mentes febris, os arroubos extaticos daquelas ordens em que as freiras andam descalças de verão e inverno, nunca mais veem o mundo, muradas para sempre dentro dos seus conventos, e só por uma grade recebem o sustento que tem de vir de fóra; jejuam a vida inteira, até para receberem a comunhão, a recebem apenas por uma pequena fresta, afim de não verem o padre, e finalmente se esfacelam as carnes com disciplinas de ferro deante duma imagem do Nosso Senhor Crucificado, no côro da Capela!

Se tambem elas, ao flagelarem-se, recebessem a graça inefavel de Jesus desprender um braço para abraça-las, como sucedera a alguns Santos, a S. Francisco d'Assis, por exemplo! oh! divino amor que tanto pódes, e que durarás pelos seculos sem fim!...

Nos recreios, sómente se cantavam canções em que se partia para o convento, em francês, como tudo que se cantava no colegio, onde era rigorosamente proibido cantar em português:

A' choisir un état
Tout le monde sollicite

Et mon parti est pris
Je veux être Carmelite!

Toujours, toujours;—Jésus mon amour.
Toujours, toujours;—Jésus mon amour.

E vinha o pai, e a mãe, os irmãos chorando e pedindo que não partisse; e vinham os conhecidos, com pena, lamenta-la; mas a canção dizia o resto:

En traversant la ville
Tout le monde me regrette
Mais je m'en soucie peu
Carmélite je veux être.

Ouvrez la porte ouvrez
Ma reverende mére
Ou bien, je meurs ici
Au pied du monastére.

Adieu mes chers parents
Embrassez votre fille,
Que vous ne verrez plus
Qu à travers d'une grille.

Toujours, toujours;—Jésus mon amour.
Toujours, toujours;—Jésus mon amour.

E entrava, e partia, insensivel ao apartamento de pais e amigos, e irmãos, mas morrendo se lhe não abrissem a porta para entrar para sempre ao serviço de Deus.

E de manhã á tarde, cantavam, cantavam sempre o devotamento perpetuo, e a morte para o mundo e a carne, renascendo para Deus e para o espirito; cantavam recolhidas, ardentemente, procurando exacerbar dentro delas os celestes chamamentos que só eram concedidos aos eleitos—e elas, elas que entre tantas tinham sido escolhidas para entrarem naquele logar de Deus, que tremendas contas teriam de prestar quando comparecessem na sua divina presença, se tivessem feito ouvidos surdos á sua chamada.

E as palavras sobre o amor todo especial com que Deus olha para as suas escolhidas eram apenas entrecortadas pelas canções que falavam das vozes com que Deus se faz ouvir nas almas que olhou mais especialmente:

Les cloches de la Maison Mére
M'appellent au pied des saints autels
C'est là que mon ceur á la terre
Va dire un adieu éternel!

Les boucles de ma chevelure
Tomberont bientôt pour toujours:
Le voile bleu sera ma parure
Et Dieu seul sera mon amour!

E mesmo ao recreio, as almas sentir-se-hiam tocadas dum sentimento impuro, se porventura cantassem alguma coisa mais do que essas aspirações pelo unico caminho da virtude e da perfeição —o unico do verdadeiro e puro amor.

Repentinamente porém no meio deste extasi permanente e geral, caiu a indignação e o assombro; a Superiora apareceu, viva, transportada duma ira celeste, e dum desgosto esmagador e total como de morte, anunciando que uma das noviças não se encontrando com forças para vencer as saudades da familia, resolvera tornar para casa, repelindo a voz com que o Senhor descera á sua alma chamando-lhe predileta!!

E sobre o colegio caiu uma tristesa imensa; um pesar denso, o silencio das grandes dores pairou: e parecia que o procedimento da indigna, chamando a colera do Todo Poderoso, ia atrair maldições desconhecidas sobre o colegio inteiro. Fizeram-se orações pedindo perdão pela ingrata; ofereceram-se missas, e todos comungaram dias a fio em desagravo pela ofensa que uma alma ingrata fizera ao seu Deus e ao seu unico bem, despresando a voz que a chamara entre mil, para voltar ao mundo, ás ligações da carne, ao caminho em que se encontra a perdição.

Porque o mundo, mil vezes mais perigoso que o claustro, oferece em todos os cantos seduções que afastam a alma da puresa alvinitente que deve ser a sua unica aspiração. E já lá diz o Espirito Santo: *Quem não quer pecar, não procura as ocasiões.* Mas aqueles que chamados pela voz profunda e misteriosa de Deus, depois, a meio caminho, o abandonam para tornarem ao mundo com as suas pompas, oh! esses, mil vezes mais responsaveis e malditos que aqueles que nunca ouviram falar de Deus—como aparecerão no Juiso Supremo?

Mil vezes mais impuros e deformados porque pecaram apesar de terem sido chamados, porque pecaram por voluntariamente terem cerrado os ouvidos á voz de Deus, serão condenados com rigor e oprobio entre os proprios condenados; e o seu tormento eterno, mais doloroso que as chamas, mais doloroso que o rasgar das carnes, mais doloroso que todos os tormentos inventados pela fertil imaginação de Satanaz, será lembrarem o bem de que voluntariamente se afastaram, presos a uma fantasia enganadora, e que nunca, nunca mais recuperarão.

E na alma do convento, alma feita das almas de freiras e alunas que batiam na mesma angustia por uma alma que se perdia, passava uma agonia de susto, e a necessidade de fazerem penitencia e oferecerem mais orações e comunhões em desagravo a Deus, não fosse mais alguma, amanhã, tambem presa das mil tentações e dos mil artificios da carne e de Satanaz, tentar-se pela luz diabolica e fingida do mundo, a abandonar o ninho de Deus em que se encontravam!

E no esmagamento geral, caiam as orações pela conversão da que partira—se para ela ainda houvesse conversão! porque aqueles que abandonam Deus depois de o haverem conhecido mais abandonados e malditos que os que nunca ouviram a sua voz, rarissimas vezes tornam a ouvi-lo, e ainda no mundo, já pertencem ao inferno!—E caiam as predicas da Superiora, que não só falava á hora do catecismo diario, mas aparecia de quando em quando, durante as classes, a avivar o fervor na reunião em

volta do Coração de Jesus, para que todos pelo seu muito amor, lhe fizessem esquecer as ingratidões dos máus, especialmente daqueles que ao maior amor, correspondem com o maior abandono.

E a voz dessa mulher que era a encarnação mais ardente da comunidade religiosa, vibrava e fazia vibrar o colegio inteiro, arrastando aquelas creanças para um sonho de renuncia eterna, ao serviço dum amor sem fim e ilimitado, para chegar ao qual era preciso abandonar tudo:

Quem me ama, deixa tudo e segue-me, disse Cristo. E *tudo* eram os bens terrenos, as riquesas e a gloria; *tudo* era a familia, os pais e os irmãos e os amigos; *tudo* era a terra em que haviam sido creados: porque a freira, ao serviço de Deus, o Deus de tudo e da Terra inteira, em toda a parte está ao serviço do seu Senhor: A terra é o exilio—só o céu é a Patria—e porventura a terra em que nascemos, é mais exilio e perniciosa que qualquer outra, porque nela ha recordações, ha prisões que impedem a alma de desprender-se por completo das afeições terrenas e de ligar-se sómente ao espirito e amor do seu Deus.

E é por isso que a maior aspiração da freira, é ir para longe, para muito longe, onde haja almas, a conquistar para o Senhor, através de dores, de sacrificios, á custa da propria vida:

O homem, pária eterno nesta terra de dores, em toda a parte é um exilado; e a freira, porque melhor sabe e sente que não é deste mundo, melhor compreende como é vão todo o sentido de patria, todo o sentido de terra, todo o sentido de afeições

da terra! Por isso ela vai de terra em terra, sem a nada se prender, sem de nada se lembrar, indiferente a todo o sofrimento, presa sómente da febre de chamar outras almas para a sua mesma febre, e deixar um dia esta terra pela patria celestial, sorrindo, de mãos cruzadas no peito, sem uma saudade, tendo cumprido rigorosamente os tres votos da perfeição maxima: obediencia, pobresa, castidade.

E os tres votos, meta final da dedicação a Deus consumação definitiva da morte total para a vida da naturesa—a miserrima e despresivel naturesa humana — aparecia-lhes como deslumbrante promsesa duma eternidade de amor, a troco duma vida de renuncia:

Obediencia—renuncia a todo o raciocinio e vontade; entrega completa e absoluta á vontade dos superiores que a outros superiores obedecem sem um murmurio, uma queixa, uma curiosidade, ou um desejo—aniquilação absoluta do pensamento e do raciocinio: obediencia cega.

Pobresa—renuncia a todos os bens, desapego até do proprio rosario e crucifixo que lhes pendia do peito, simbolo apenas, que tanto representava um como outro; pobresa perfeitissima naquelas comunidades em que apenas havia uma camisa de muda! *Deus veste os lirios do campo...*

Castidade—renuncia a todo o prazer, a toda a ligação não só da carne, mas renuncia a toda e qualquer especie de amor que não o de Deus; renuncia não já sómente do amor vil da carne, mas tambem do proprio amor que os homens chamam puro, porque entre os homens não ha sentimento

que não seja impuro, e o proprio nascimento é já uma impureza a que vem sempre preso o pecado original: O homem é tão fundamentalmente máu, tão fundamentalmente impuro, que ainda não nasceu e já existe a mácula de que ha-de vir manchado!

Renuncia a todo o amor! e lembrassem-se daquelas santas, tão puras, que nem deante do pai levantavam os olhos, porque os pais eram homens, e a mulher pura não ergue os olhos para o homem, seja irmão, seja pai—onde está o homem está a tentação!

Renuncia a todo o prazer: porque a humanidade não tem direito ao prazer: lembrassem-se de que cada sacrificio que faziam, era uma dor a menos que Jesus havia sofrido no Calvario; e lembrassem-se tambem das mil formas com que o demonio —um dos tres inimigos da alma se disfarça e encobre para arrastar as almas á perdição: Deixar cair um alfinete com intenção de pecar já é pecar; e não deviam olhar os campos, nem ver o céu nem as arvores com intenção de gosar, porque nos prazeres que ao homem parecem mais simples e inocentes se oculta o mal: o demonio havia entrado na alma duma pura menina, quando ela cheirava uma rosa!

Mas renuncia, renuncia sobretudo aos amores terrenos, a essas recordações da familia que eram o mais serio entrave ao caminho da perfeição; tomassem bem para exemplo o que sucedera aquela que partira, abandonando a casa de Deus, pelo mundo, com as suas pompas e as suas obras:

O que a arrastara á volta á perdição? O amor

aos pais e á terra—a falta de coragem para não tornar a ve-los. E assim era com quasi todos aqueles que faziam ouvidos surdos á voz que os chamava: porque essas afeições eram a mais perniciosa prisão para os eleitos de Deus.

Mas Jesus havia dito:

Quem me ama, deixa tudo e segue-me.

Quem não esquecesse pais, irmãos, terra, não seguia verdadeiramente Jesus; conservava na alma um sentimento que roubava a Jesus, e que só a ele pertencia, e que não deixava que o seguissem com a alma leve de todos os cuidados como ele requeria. Os pais, os irmãos eram apenas encontros casuais numa terra de exilio: importava deixa-los, não ter com eles mais preocupação do que o prisioneiro com os companheiros de cativeiro para recuperar a liberdade. Deante de Deus todos os homens são igualmente irmãos; e mal ia áqueles que queriam menos ás almas dos outros seus irmãos em Deus,—do que áqueles a quem chamavam pais ou irmãos—porque além de tudo essas ligações eram ligações da carne, ligações ás quais sempre presidia o pecado original—ligações impuras: era preciso esquece-los—e o mais predilecto de Deus era aquele que não tinha afeições, nem ligações, nem amizades na terra, aquele que perdera por completo o apego ás coisas da terra, aquele enfim que abandonara e esquecera tudo para viver apenas no humilimo amor de Deus:

Era para esses, mais pobres, mais ignorantes, mais sós, que era o reino dos céus.

E os olhares das alunas dirigiam-se para a

Emilia e a Deolinda que eram irmãs, com profunda censura por serem irmãs—e elas como que se envergonhavam de se-lo; a Ana e a Luiza, essas então, eram tão estranhas uma á outra que ninguem se lembrava mesmo de que eram irmãs—nunca ninguem as via juntas, nunca se falavam, e Clara esteve mezes e mezes no colegio sem saber que entre elas houvesse qualquer parentesco. E a Maria Emilia e a Deolinda só o sabia, porque lá de longe a longe tinham visitas, e eram chamadas ao mesmo tempo, aproveitando a furto, por entre os olhares vigilantes de censura das colegas, a ocasião de atravessarem os corredores para trocarem algumas palavras—contra o regulamento.

E o coração de Clara, preso de infinito amor de Deus, cerrava-se para outro amor e preguntava-se anciosamente se em sua alma abrigava sentimentos de ingratidão para a sua bondade infinita, sentindo-se presa a qualquer pessoa das que deixara ao entrar para ali, ou a qualquer interesse; e num esforço constante tornava-se insensivel ao gosto da comida e ao aroma das flores—para não sentir prazer algum.

XII

Havia mais de dois mezes que não saiam do olegio.

Era rara a quinzena de verão em que não davam uma volta ao Campo Grande ou ao Asilo dos Velhos de Campolide; para isso eram escolhidos os dias de sol transparente e creador, e o colegio inteiro palpitava como passaros a quem deixassem voar e ver o céu, apenas de longe em longe. Clara adivinhava esses dias de passeio logo ao romper da manhã; havia no ar uma atracção acariciadora, que a fazia sorrir e cantar, um convite irresistivel para se abandonar á admiração e goso da naturesa. A primeira vez que ela disse a uma companheira que iam passear naquele dia, esta e as outras a quem foi conta-lo, riram-se da impostora que pretendia dar ordens ou fazer acreditar que as freiras lhe comunicavam resoluções; e isso era impossivel, no fim de contas; quem decidia os passeios era a Superiora, e todas sabiam que a maior parte das vezes só ao jantar é que ela tinha essa lembrança.

Mas quando acabada a refeição, receberam ordens de seguir para os dormitorios em logar de irem para o jardim, vieram preguntar á Clara como tinha ela adivinhado:

—Pelo sol, respondeu.

—Mas que vês tu no sol?

—Não sei dizer: é uma côr, uma alegria, diferente dos outros dias.

E esta influencia do sol no procedimento da Clara era tão viva, que quando a viam ainda mais alegre que de costume, as crescidas costumavam dizer-lhe com o seu ar importante:

—Escusas de estar tão contente, que a esta hora já não vamos passear.

Durante meses as previsões de Clara não falharam; dia em que marcasse passeio, já ninguem duvidava de ser certo; as proprias freiras chegaram a vir preguntar-lhe onde via ela que iam passear; não encontrava outra explicação: Era pelo sol; sentia-o chama-las tão bem como se falasse.

Mas agora as previsões de Clara falhavam sempre; estavam nas ferias—que todas passavam no colegio—e durante as quais era costume passear muito; tinham corrido os meses de Julho, Agosto e parte de Setembro, de dias tão alegres e convidativos, e as pequenas preguntavam-se se porventura não tornariam a sair do colegio. Que influia no espirito da Superiora, para as ter assim fechadas?

Um dia, ao catecismo a razão explicou-se:

«Os tempos vão cada vez piores, os máus se-
« guem na luta contra os bons, e Deus abandonou »

« a sociedade portuguesa. Não ha força para con- »
« ter os desmandos e faltas de respeito contra os »
« que se atrevem a confessar publicamente o nome »
« de Deus. Já a irmã Maria foi insultada numa »
« loja; o ataque renovou-se ontem, mas com mais »
« força: vieram a injuria-la até á porta do colegio. »
« Foi necessario mandar guardar o edificio pela »
« policia: nos muros apareceram letreiros insul- »
« tuosos para todos que seguem a nossa Santa Re- »
« ligião, e em especial para nós. Os ministros de »
« Deus e as suas servas já não podem atravessar »
« Lisboa... Viver assim é uma gloria para nós; »
« cada ultraje que nos fazem, cada tormento que »
« nos infligem, é uma prova de amor que damos »
« a Deus; aproximamo-nos dos martires que de- »
« ram a vida por ele, e oxalá pudessemos morrer »
« como eles! Mas ai, da cidade de Lisboa e da ter- »
« ra portuguesa que assim expulsa de si a fonte »
« de todo o bem! Como á França da Revolução, »
« não haverá males que lhe não venham, como em »
« Jerusalem não ficará pedra sobre pedra! Te- »
« mei a colera do Senhor, á qual nada resiste! »
« Bem podeis rezar e fazer penitencia, senão a »
« vossa terra será perdida! mas quere-nos parecer »
« que Deus já retirou dela os olhos, e que a perda »
« é inevitavel! »

Creou-se um ambiente de terror permanente; dia a dia appareciam factos que vinham confirmar as palavras da Superiora; e ainda que não deixassem de rezar, havia a impressão de que as orações não chegavam ao céu.

As ferias estavam quasi acabadas e já não

tinham esperança de tornar a passear; pairava uma grande tristeza no colegio, feita de presentimentos do futuro e da falta da liberdade dos passeios que ao menos aliviavam um pouco a monotonia daquela cláusura que para algumas, durava havia quinze anos. Uma noite pareceu-lhes que havia trovoada; Clara, depois de esperar pelos relampagos que não apareciam, e de estranhar uma trovoada só de trovões, meteu a cabeça debaixo dos lençois e adormeceu. Mas de madrugada perceberam que havia grande novidade: o sino não tocou ao levantar como de costume; foi a freira quem as acordou dando umas palmas que pareciam ter medo de serem ouvidas. Nervosa, dizia-lhes com voz velada que não pecassem: «Deus julgava enfim Portugal e os máus entravam em luta com os bons. Os pecados da terra das alunas avolumavam-se; os louvores a Deus eram cortados por forças criminosas; naquele dia iriam á capela, mas não havia missa; o Padre Capelão não podia atravessar as linhas dos revoltosos». Não havia missa, não havia comunhão; a Irmã Superiora rezou em voz alta para que todas as seguissem, mas recomendou antes que não respondessem em voz muito alta para o rumor não chegar á rua. As vozes respondiam nervosas, sibilantes e veladas.—Deus não teria compaixão de Portugal? —Agora sabia-se que os trovões eram tiros de peça; o combate não tinha afrouxado, e as granadas rebentavam sem descanso.

As dez horas chegou o Padre Capelão; comquanto soubesse que haveria o maior cuidado com o Santissimo Sacramento, e que em caso de neces-

sidade imperiosa, a Superiora tinha ordem de consumir as sagradas especies, cumpria o dever de evitar que mãos não consagradas tocassem no corpo do Senhor. O colegio seguiu silenciosamente para a capela. O capelão disse missa, e partiu cuidadosamente como tinha vindo, deixando o sacrario aberto.

A capela perdia toda a força de protecção que lhes dava coragem; naquele dia nem tinham comungado, e não sabiam quando voltariam a faze-lo. Sentiam-se definitivamente abandonadas por Deus, e as vozes já mal tinham força para ainda se arrastarem em orações que não deviam ser ouvidas. Sem o Santissimo, o colegio era como a náu a que faltasse o leme.

A propria Superiora perdia a altivês com que sempre encarava todos os acontecimentos e dizia apenas:

—Que ganhem os bons: Deus sabe de que banda deve estar a victoria. O mal é sempre vencido.

Mas as novidades que dera o Padre Capelão não eram para socegar; parecia estar tudo perdido. Do alto das janelas, por dentro dos vidros, as freiras seguiam com um binóculo, o movimento das bandeiras; e parece porém que a verde e encarnada se via melhor; retiravam cheias de cansaço e desalento. Os tiros iam soando com pequeno intervalo.

Tiveram de passar para o andar térreo porque as granadas começaram a entrar em casa; as raparigas que tinham de ir lá cima, entregavam-se a Deus e preparavam-se para morrer. A' noite, quando seguiam para o dormitorio no ultimo an-

dar, pensavam se chegariam ao dia seguinte; mas a Superiora dizia: «E' preciso ter confiança em Deus».

No dia seguinte porém, o milagre corria de boca em boca, dando novos alentos: Uma granada furara a parede do quarto da Superiora e enterrou-se no colchão sem explodir. Como não confiar deante de tal maravilha? E as vozes, na capela, já não estremeciam tanto como na véspera.

Não estudavam; passavam o tempo no refeitorio que era a casa mais baixa, fazendo meia. As regras do silencio tinham desaparecido; as freiras conversavam nervosamente com as alunas. E as scenas da Revolução Francesa e da expulsão das Congregações de França, passavam e repassavam.

Era lembrado esse Bonaparte que tanto mal fizera á Igreja, que humilhára o proprio representante de Cristo na terra, e que á hora de morrer, lá no meio do oceano, confessara que o mais belo dia da sua vida não fôra o das victorias de Italia nem o de Austerlitz, mas o da sua primeira comunhão. O arrependimento final valera-lhe o perdão sim, mas Deus condenára-o ao Purgatorio até ao fim do mundo.

Não tivessem ilusões: se os máus vencessem, em breve fecharia o colegio, e cada uma teria de voltar para sua casa; podia ser no dia seguinte, podia ser naquele mesmo dia. Cuidado então com o mundo, que tentaria fazer-lhe esquecer os bons conselhos e exemplos que haviam recebido! cuida-

do, que o mundo era pessimo e poucas almas se salvam nele! Mas os que tinham ouvido a palavra do Senhor, seriam duplamente castigados na vida eterna, se o esquecessem! A França tinha sido desgraçada durante todo o tempo que renegára Deus; e que importavam perseguições, que importavam os milhares de victimas que tinham dado o sangue por serem catolicos? Os martires vão direitos ao céu!

E já passavam os católicos, os nobres e os politicos confundidos a caminho da guilhotina; os que tinham sido mortos pela Revolução eram todos martires, pois todos tinham confessado Deus á hora da morte...

Era inutil expulsarem-nas: voltariam como já tinham voltado depois de Pombal, depois da Revolução liberal.

Mais crueis tinham sido os franceses, e apesar de Voltaire, apesar de Robespierre, apesar de todos e de todo o sangue, era para França que iriam se vencesse a Republica—e a palavra era enfim, proferida a mêdo.

Voltariam a Portugal, sim, e brevemente, porque estava escrito que a Republica Portuguesa duraria tres horas, tres mezes ou tres anos! Nem mais um instante! preparassem-se pois, e vivessem no mundo, de maneira a reunirem-se dignamente, passado esse tempo: tres anos era um instante!

Mas talvez pudessem ainda esperar; outro milagre as visitára: A Delfina que tinha ido ao dormitorio, voltava sem um brinco que uma bala levara de raspão, sem a fazer deitar nem uma gota de sangue. Lá estava enterrada na parede... E a espe-

rança renascia apesar das noticias desesperadoras que vinham de fóra.

Na manhã seguinte, houve grande temor; foram para a capela onde já não estava Deus, pedir misericordia pela ultima vez; mas em vão; rebentam tres tiros maiores que todos; o edificio tremeu até aos fundamentos: puzeram-se em pé, tremulas e lividas.

Quem sabe se não iam deita-lo abaixo a tiro?

Acabavam de proclamar a Republica, e logo lhes levaram a novidade.

Uma breve genuflexão, sairam da capela, distribuiram-se bilhetes, e ao acaso do serviço dos correios, mandaram dizer ás familias que as viessem buscar.

Algumas porém, nem os bilhetes acabaram de escrever; as familias aproveitando o primeiro repouso da victoria, iam saber se lhes tinha sucedido alguma coisa, visto o colegio estar tão exposto. A Superiora ia pessoalmente buscar as procuradas para as fazer despedir das companheiras e freiras; uma freira corria a juntar-lhe a roupa e, rapidamente, saia.

A chamada repetia-se frequentemente, e tão apatétadas iam as que saiam como as que ficavam...

Chegou a vez da Clara: cada freira de quem se despedia, murmurava-lhe:

—Tem cuidado que o mundo é máu; vê lá não faças pecados...

A ultima, á saida, foi a Superiora:

—Não esqueças os bons ensinamentos que ouviste...

E a porta fechou-se sobre ela.

Estava um dia formosissimo de Outubro; a mãe e o rapazito que a acompanhavam, com a trouxa da roupa dela, iam-lhe dizendo que ali se cruzavam balas, ainda ha pouco...

E as saudades de Jesus, e os conselhos e avisos que prometia não esquecer, confundiam-se na alma de Clara com a liberdade e a luz do céu, num misto de temor, claridade, indecisão e alegria.

XII

Os dias de Revolução correram breves. Das janelas altas, Clara assistiu ás fogueiras que se fizeram na Esquadra, e viu passar grupos de revolucionarios cantando a «Portuguesa». Em casa havia mil receios e estremecia-se cada vez que se sentia bater á porta. Não se sabia ainda como procederiam aqueles homens que dum momento para o outro se apossaram das armas, e se na rua seria armada uma guilhotina para funcionar meses, como em França. Ouvia-se tambem dizer que a Espanha e a Inglaterra viriam acudir em breve pela Monarquia e que os Republicanos aproveitavam o pouco tempo que tinham, para se apoderarem dos bens que pudessem apanhar... Na rua passavam grupos e automoveis cheios de gente, gritando viva e morra e agitando bandeiras...

Clara entretanto reconhecia os cantos á casa; a maior parte do tempo passava-o no jardim, ora correndo, ora deitada no chão... Sem entender nada, sentia-se bem com aqueles gritos e cantares;

podia enfim cantar, correr e gritar tambem, e a exuberancia de vida da rua, acordava-lhe todos os impetos de contentamento que fora obrigada a reprimir tanto tempo.

Passados os primeiros dias, levaram-na a casa da senhora D. Amelia e da Rosa. Uma amiga tinha-lhe deixado uma pensão suficiente, e pedia á mãe da Clara que lha désse...

E ficou, cheia de alegria por rever as suas amigas, ao fim de tantos anos...

*
* *

Clara porém, tinha mudado; não era sem rasão que as freiras não admitiam no colegio nenhuma aluna com mais de dez anos, e só excepcionalmente as admitiam depois dos oito. Diziam com toda a força da sua experiencia, que depois daquela idade, é muito dificil domar habitos e fazer enveredar por caminho diferente do anterior, porque a reflexão comparando e começando a julgar, já não é tão facil de acomodar ás exigencias dum convento. «Terreno de pedras, dizia a Superiora; se alguma semente nasce, medra a custo, e raras vezes chega a amadurecer.»

Clara tinha pois mudado. Já não era a creança que dizia quanto pensava e sentia; esses deleites misticos escondia-os envergonhada, porque não os compreenderiam aqueles que não tinham a fé viva das religiosas; e nunca falava deles, porque não lhe davam ocasião e riam-se de todas as virtudes que queria praticar.

Esses anos sem uma amiga, sem uma pessoa que cuidasse de receber as confissões e perguntas do seu espirito, tinham-na habituado a contar apenas com a sua reflexão e a esconder e reprimir todas as sensações. As impressões que recebia, guardava-as, e não encontrava maneira de as comunicar, nem se atrevia a tal, depois de ter passado anos sem uma amiga a quem dizer sequer que gostava muito de correr.

O habito do silencio apossara-se dela completamente, e desaprendera de dizer as mais insignificantes ideias; habituara-se a concentrar em si todos os pensamentos e mesmo a deixar de pensar.

O silencio era o melhor de todos os sacrificios e o mais agradavel a Deus: por uma palavra inutil se vai para o purgatorio; e o pensamento é perigoso, porque de pensamento em pensamento se ia até querer penetrar os misterios de Deus.

E todos os dias, toda as ocasiões eram de silencio; debalde uma ideia ou sequer um susto surgiriam buscando expansão: era proibido falar nos dormitorios, nos corredores, nas classes, no refeitorio; a cada falta de silencio correspondia um ponto, e a penitencia de um beijo no chão.

Falar era considerado um dos maiores impedimentos á perfeição humana, ensinavam-lhe que uma palavra inutil é castigada no purgatorio, por Deus, com tormentos que só não são tão dolorosos como os do inferno porque aqueles que os sofrem sabem que eles terão fim.

E quando chegava o mês de Novembro, o mês das Almas—o silencio tornava-se geral e sepulcral.

Nem sequer se cantava aos recreios ou na capela: os labios só se abriam para durante o longo espaço dum mês, rezar terços sobre terços, e ler meditações sobre o sofrimento das almas do purgatorio—meditações cujas palavras caiam espaçadas e lugubres em evocações do outro mundo, de almas errantes, separadas dos corpos, soluçando e pedindo aos homens orações e mais orações para o fim dos seus tormentos.

E acabada a meditação, continuava cada uma delas a resar para si, orações que merecessem grandes indulgencias, para acabar rapidamente o tormento ancioso das almas que esperavam breve ir para o céu, enquanto nos seus espiritos alucinados pelo isolamento, murados em si mesmos, se exacerbavam as imagens febris das historias que ilustravam as meditações, de almas do outro mundo que apareciam pedindo orações, e sobretudo silencio, silencio, o silencio que mais que todas as orações era agradavel a Deus e o levava a abrandar a sua ira.

Entre todas as historias impressionava a daquele santo a quem aparecera uma alma pedindo silencio completo e absoluto durante uma semana, em que não pronunciasse sequer uma palavra nem sequer para rezar, nem sequer para dar uma explicação, como se fulminado por maldição de Deus, houvesse perdido a fala.

E a Superiora, quando queria pedir alguma graça inefavel a Deus, juntamente com as orações pedia ás almas o sacrificio do silencio: e nessas ocasiões, assim como principalmente em Novembro, passavam as horas de recreio encostadas ás mezas,

em pé, de braços cruzados atraz das costas, sem proferir palavra, sem se mexerem.

E êsse silencio primeiramente imposto, depois aceite, e finalmente procurado como a mais delicada prova de amor de Deus e para salvação das almas, colara-se-lhe á alma e cerrara-a em si mesma.

Depois, no colegio, era proibido gostar muito de qualquer coisa; gostar era gosar, ter praser, e o praser era um róubo que se fazia no amor de Deus. Quem corria ou cantava por gostar, não tinha espirito de penitencia; quem se queixava de frio ou calor não se lembrava da paixão de Cristo; e Clara ainda tinha nos pés os sinais daquelas botas apertadissimas que lhe feriram os dedos, até se romperem, por não lhas quererem trocar: Era preciso sofrer.

Nunca se revoltára contra isso; o sofrimento era-lhe agradavel a ela, visto se-lo tambem a Deus. O habito de contrariar-se, e de não falar no que lhe dava gosto, voluntariamente adquirido, tornara-se-lhe tão natural que nem já dava por ele. Não era em vão que tinham passado anos sem uma pessoa da mesma idade ou mais velha, que se debruçasse sobre ela para lhe preguntar sequer, se estava contente, que lhe sorrisse, que a deixasse ao menos, deitar lhe os braços ao pescoço e olha-la cheia de contentamento.

Todos esses desejos de comunicação nela tão veemente, se tinham voltado para Jesus; entre ela e o resto do mundo estava tudo acabado. Se ainda lhe restava aquela admiração pelas arvores, pelo sol, pela luz, era porque nunca lhe tinham desco-

berto a profundesa desse sentimento, para directa e persistentemente, lhe dizerem que não havia direito de roubar esse amor a Deus; e deleitava-se seguindo no Evangelho, a ternura com que nele se tratam os passarinhos e os lirios do campo, o unico sentimento natural que lhe ficára.

D. Amelia estranhava Clara; nunca lhe falava das suas coisas; quando muito, contava o que vira na rua; mas a causa daquelas abstrações que pareciam leva-la para um mundo diferente, que a faziam estremecer, não as dizia.

Examinava-a atentamente, e quando conversava com a Rosa dizia-lhe com tristesa:

— A Clara não é a mesma. Já esperava isto; se eu tivesse sido consultada, nunca ela teria entrado no convento. Esta separação da familia e das pessoas amigas, para entrar lá naquelas rezas, é tudo quanto ha de pior...

A Rosa não entendia nada disso, mas estranhava-a igualmente; ao principio ainda lhe preguntava :

— Então já não gostas de nós, Clarita?

A pequena estremecia e respondia com certa tristeza:

— Gosto.

Não, não era a mesma. A Rosa lembrava-se dos beijos e abraços que ela dava em pequenita, e da vozinha com que gritava quando lhe preguntavam isto mesmo:

— Gosto, gosto muito !

— Isso é que não gostas!

— Gosto tal!

— Então de que tamanho gostas?
— Do tamanho desta casa...
— E' pouco...
— Do tamanho da rua...
— E' pouco...

E as lagrimas já lhe bailavam nos olhos. Rosa ria-se, e Clara deitava-se-lhe nos braços, beijava-a, e ria tambem...

Não havia caricias que modificassem Clara. Não respondia, ficava-se hirta, fria, entristecida e receosa. Tinha desaprendido de beijar. Mesmo a mãe e a irmã, beijava-as só por cerimonia e ao principio, esquecia-se e era preciso manda-la.

Havia porém outra coisa que separava Clara de D. Amelia. Não era aquela severidade senhoril que a corrigia mas nunca a intimidára em pequenina; era alguma coisa mais grave: D. Amelia não ia á missa, não era católica. Entrara para o convento contra vontade dela, e sua oposição fôra tão tenaz que apesar do amor que tinha a Clara nunca foi vê-la durante os quatro anos em que lá esteve. E a pequena sentia-se dela; os mundos em que viviam não se interceptavam. Clara sonhava com a volta para o convento; escondia-se no quarto para rezar; não mostrava o que sentia; e ainda que a sua ternura pela terra, e as lembranças de pequena que nada conseguira apagar de todo, facilitassem a conversa, permanecia extranha, e as palavras que trocavam nunca lhe chegavam ao coração.

D. Amelia estudava-a pacientemente para encontrar o meio de a trazer de novo a si e á vida. Tinham-na surpreendido que tempos, de manhã e

á noite, a rezar; tinham-na visto fugir de dia e ficar horas diante do crucifixo; mas nunca lhe disseram nada, para a não tornarem mais arredia. No domingo deixaram-na ir á missa:—talvez a distracção a dispuzesse melhor para a ternura da casa. Passados oito dias Clara disse que se queria confessar; não lhe puzeram objecção; mas quando passados outros oito dias pediu o mesmo, D. Amelia viu com toda a claresa que era preciso encontrar rápidamente maneira de orientar noutro sentido a actividade de Clara.

Pensou em manda-la para a escola, visto que os conhecimentos dela consistiam sobretudo em doutrina e historia sagrada. Perto havia uma de grande movimento, num sitio cheio de alegria e sol, casa cheia de luz, coisas que bastavam para encantar, e tinham a maior influencia no espirito de Clara; e as conversas com raparigas da mesma idade juntamente com a instrução, ajudariam a provocar uma reacção salutar.

XIII

— Vamos passear, Clara, disse D. Amelia no dia seguinte.

Era um daqueles dias do fim do verão de S. Martinho ainda mais doces e de mais sonho que os da primavera.

Clara vestiu-se mais depressa quási do que póde dizer-se; e ia cantando com a sua voz argentina que tinha tinidos de cristais e maciesas de veludo.

— Estás muito contente, disse-lhe a Rosa.

— Muito, redarguiu ela. E parecia esquecer-se de que não devia estar alegre...

E' que a casa da senhora D. Amelia tambem não a ajudava a expandir-se; era triste, numa rua soturna, sem horisonte e sem movimento. Mesmo no verão, sentia-se lá frio; as paredes estavam forradas de escuro; os moveis confortaveis de outro tempo tinham sido vendidos, e a casa dava a impressão de estar nua. Clara lembrava-se do jardinsito doutro tempo, da casa toda branca, das almo-

fadas, e rendas das janelas, da enorme planicie cheia de grandes arvores e clareiras que rodeava a casa, e parecia-lhe que desse tempo só a acompanhavam ainda, aqueles fatos de luto e o olhar triste de quando o Sr. Capitão tinha desaparecido...

A vida pouco movimentada que levava, o desinteresse de D. Amelia pelo convento, para ela de tão suaves recordações, não davam ocasião a que se animassem as conversas. E comquanto Clara estivesse habituada a não ter amigas, ao menos no convento, havia a alegria dos cantos e jogos em conjunto e as obrigações diarias que a distraiam do misticismo a que se votava.

A saida era pois recebida com alvoroço, e nas preguntas vivas, na curiosidade—onde iam? que iam fazer? era bonito o passeio?—sentia-se palpitar um pouco da confiança da Clara de outros tempos. Mas propositadamente mantiveram-na em suspensão:

— Vais ver, vamos a ver se gostas...

E iam-na entretendo com outras coisas...

Ao chegar ao pé do colegio, D. Amelia preguntou:

— Sabes o que é isto?

— Não, não fazia ideia nenhuma.

— Um colegio?

— Um colegio?! e os olhos de Clara brilhavam.

— Sim, tonta, um colegio, não sentes?

Apurou o ouvido e sentiu umas vozes harmoniosas a cantar o Vira; e levantavam-se mais altas, ouvindo-se distintamente:

Oh! vira, oh! vira
O vira virou
As voltas do vira
Sou eu quem as dou!

Sentiu vontade de pôr-se a dançar como em pequena, quando bailava ao som do sino, até entontecer. Mas conteve-se e só os olhos diziam a alegria que lhe dariam se a deixassem ir para ali.

Estava assombrada: a casa muito grande, só tinha primeiro andar; por dentro do gradeamento de ferro corriam duas fileiras de eucaliptos e pinheiros. Duas raparigas conversavam sentadas á sombra, lá ao longe, outras passeavam.

— Mas um colegio assim! exclamou Clara como se falasse sósinha.

Ouviu-se uma campainha, parou o canto e levantou-se um grito enorme. Um bando de raparigas com livros debaixo do braço, surgiu correndo; umas ficaram conversando, outras sairam o portão; paravam aqui e ali, e lá seguiam conversando e rindo.

— Então elas andam sósinhas e falam quando querem, e vão para casa!?...

— Então como querias que fosse?

Clara olhou para D. Amelia com admiração; —então ela não sabia que não era assim?

Mas esta fez-se desentendida e continuou:

— Em toda a parte é assim. Querias talvês que as tivessem presas como aos macacos?

Clara não respondeu; elaborava-se nela uma

ideia nova: havia colegios onde se ria e cantava em português, e corria á vontade...

Vinham mais raparigas; algumas eram esperadas pelos pais e creadas; mas era como se estivessem sós! os pais conversavam dum lado, elas do outro. No colegio de Clara, nem nos dias de festa era assim.

Agora aparecia um grupo de senhoras de mais idade com umas poucas de pequenas em roda, aos pulos e como quem pedia. As senhoras sorriam e tentavam dizer que não; mas quando finalmente disseram sim, as pequenas agarram-nas e deram-lhes tantos beijos que não se podiam desembaraçar delas.

—Quem são? preguntou Clara admiradissima.

— As professoras e as alunas...

A Clara olhou, estremeceu, e ficou-se a pensar.

— Querias vir para este colegio?

Olhou-a para certificar-se de que era com ela:

— Então?...—preguntou D. Amelia.

— Se quero!—exclamou Clara.

E repentinamente foi um turbilhão de preguntas se ela tambem poderia rir, conversar, cantar, o que ensinavam, a que horas ia, a que horas vinha...

O gelo estava quebrado; Clara falava pelos cotovelos, e não fazia senão preguntar quando ia finalmente para o tal colegio.

— Amanhã vou tratar disso.

Três dias depois, Clara ia acompanhada por D. Amelia, visto ser o primeiro dia de aulas; depois começava a ir sósinha como as outras.

— Gostaste?—preguntou-lhe á saida.

— Gostei, dizia Clara, lembrando-se das peripecias daquela entrada tão diferente do que imaginára para todos os colegios do mundo.

E com o vozita muito alta, contava que por ser *nova* lhe tinham feito muitas perguntas e feito algumas partidas. Ao principio tinha mêdo, mas aquilo logo passava porque acabavam por desfaser as partidas, e ela ria-se. Primeiro roubaram-lhe a merenda.—Quem foi? perguntava uma, e virava-a dum lado.—Foi aquela! dizia outra, e virava-a do outro. Clara que estava muito contente não se ralava e deixava-as á vontade.

— Então tu não te ralas? preguntou-lhe uma admirada de a ver tão satisfeita.

— Eu não! em chegando a casa, almoço.

—Dêem lá o lanche á nova! gritou uma delas. E o lanche por encanto, caiu-lhe na cabeça.

Tinham vindo outras, e fizeram-lhe uma roda em volta, depois partiram em bicha, fazendo-a correr na frente. Mas Clara que era agil, depois de correr um bocado, deu um pulo, baixou-se e fugiu por baixo dos braços dumas. E então tinha sido uma corrida desesperada atraz dela, e lá a apanharam com mil dificuldades. Veiu uma á frente e declarou:

—Como não tens máu génio, corres muito e não disseste que ias fazer queixa, daqui por diante entras nas bichas, entendes?

E Clara entrou logo.

Estas brincadeiras faziam-se num grande pateo para onde deitavam as portas de todas as aulas.

Os professores e professoras costumavam ficar de ali a vigiar as pequenas; alguns sentavam-se nos grandes bancos que corriam ao longo das galerias, e conversavam com as alunas. Um agarrou a Clara por um braço, quando ela ia a correr:

— Ouve lá, pequenita, então tu gostas disto?

— Gosta imenso, afirmou logo outra. Já disse que sim e corre muito. A gente gosta dela tambem.

Vieram duas professoras saber o que havia:

— E' esta nova que anda numa paródia como se conhecesse isto ha que tempos, disse o professor velhote, fazendo-lhe uma festa

— Vê lá se tambem aprendes! — aconselhou uma das professoras sorrindo.

— Aprendo... — disse a Clara convicta.

— Podem ir-se embora, disse o velhote.

Mas isso é que não iam. Uma vez com o sr. Ferreira queriam saber muitas coisas: Se ele lhes dava boas notas náquele periodo, se as deixavam brincar á cabra-cega no primeiro dia de gimnastica, se já não estava zangado com a Palmira que tinha sido má...

O sino tocou e foram para as aulas.

E então começou vida nova e estranha para Clara: falaram-lhe de todas as terras do mundo, de sitios onde não acaba a neve e de desertos onde só ha areia; da vida dos povos desde todos os tempos... e deram-lhe para ela ler, versos de sons purissimos e historias em que as creaturas se amam, escritas numa linguagem que era vida...

No animatografo correram fitas em que pas-

savam coisas lindas como nunca vira, e que não sabia explicar ainda...

Clara tinha agora sempre que dizer e contar. E se não fossem as orações da manhã e da noite e o tempo que se demorava na missa aos domingos, D. Amelia não se lembraria de que ela tinha estado uns poucos de anos no convento. Mas isso não importava grande coisa, visto que o equilibrio se restabelecera.

A crise da primeira comunhão de Clara, feita por esforço de Mademoiselle Courbet que a vinha visitar de quando em quando, parecia não ter tido grande influencia no espirito da pequena, muito ocupada com os estudos e o bulicio do colegio.

D. Amelia tinha a ilusão de que ela voltára á antiga e de que a influencia do convento fôra aniquilada; mas se atentasse bem veria que no meio de tanta alegria, dos gritos, cantigas e vozearia animada com que falava do colegio, raríssimas vezes apareciam aquelas caricias enternecidas de pequenina... E se alguma vez o notava, sorria-se dizendo:

— Ora! rapazes de doze anos não pensam senão em pular!

XIV

Apesar da sua aparencia alegre e completamente feliz, Clara pensava ás vezes no convento, desejava que ele abrisse e voltar para lá. A liberdade de que gosava, o ruido e animação de tão proprio do seu caracter, não compensavam uma perda que não sabia exprimir; sentia-se vogar ao acaso, sem um objectivo serio. E pelos quinze anos, esta falta tornou-se-lhe uma especie de sofrimento obscuro que a trazia pensativa.

As condições da vida na escola, contribuiam para agravar este estado, quebrando-lhe as ligações que a prendiam ás colegas. Não creára amisades particulares, deshabituada como estava de fazer essas pequenas confidencias que vão creando afinidades de costumes ou de caracter, dava-se igualmente com todas, preferindo as que mais corriam, saltavam e cantavam, companheiras de quantas partidas lhe passavam pela cabeça. Mas nunca a bôca se lhe abrira para contar fôsse o que fôsse da sua vida anterior ou actual; não sentia curiosidade

nenhuma de saber como as outras viviam em casa, nem falava da sua, com a maior naturalidade; muito menos exteriorisava qualquer sensação nova que a vida lhe causasse.

Até aqui não lhe faltára com quem entreter-se; tinha sempre companheiras para brincar; mas o ano que principiava, trouxera grandes modificações ás raparigas da sua classe, e a ela propria. Já não corriam nem brincavam tanto; ela mesma não sentia tambem aquela solicitação permanente para a brincadeira. Conversavam, em grupos e apesar do mutismo de Clara não a repeliam, habituadas como estavam, a vê-la compartilhar quanto faziam.

Havia o grupo da Alice, constituido por raparigas que deviam casar dentro do ano que ia correndo e que andavam a despedir-se da escola: e havia depois os grupos das que as olhavam com certa inveja, e falavam constantemente de rapazes. Umas encontravam todos os dias este e aquele, que lhes parecia muito interessante; havia longas discussões em que cada uma defendia o seu preferido; outras não achavam qualquer deles suficientemente atraente e delineavam quais as qualidades fisicas e morais dos rapazes que haviam de namorar.

Clara, que a respeito das coisas essenciais da vida permanecia no estado de espirito que lhe fôra legado pelo convento, assistia surpreendida a estas conversas sem encontrar que dizer; ás vezes, punha-se pensativa, e no longo trajecto a pé que tinha de fazer á ida para casa, dizia vagamente consigo que ninguem amaria mais do que ela. Não podia dar áquelas conversas frivolas nem uma pequena parte

do sonho vago que tinha n'alma. Seria profundamente ridicula e descabida a sua afirmação romantica e ardente, gritando convicta deante do riso das condiscipulas:

— Ama-lo-hei mais que a propria vida.

Mas ama-lo-hei, quem? Não sabia nem pensava nisso; os olhos alcançavam ao longe essa luz dulcissima sob a qual via Deus. E não era de admirar; á mistura com este desejar vago, surgiam as prelecções da Superiora, exaltando acima de tudo a virgindade, e agora, que principiava a adivinhar nessas prelecções, certo misterio até ahi não pressentido, meditava nelas longamente, em vão tentando decifrar o verdadeiro sentido da vida.

O que era esse amor de que as colegas tanto falavam? algumas vezes parava, olhando os retratos que as noivas traziam ao pescoço, scismando com uma ternura imprecisa no sentimento que as atrahia para aqueles rapazes. Mas a par disso, as conversas das outras, tomando rumo diferente, enervavam-na e aborreciam-na. A' medida que estas conversas provocavam mutua confiança, o ambito delas alargava-se, e ás vezes, mesmo na aula, tres ou quatro raparigas falavam livremente em assuntos intimos, com risinhos e olhares cheios de alusões, que rasgavam novos conhecimentos da vida perante Clara, ao mesmo tempo que a faziam estremecer de revolta e repulsa.

E a ouvi-las se lhe descobria o sentido de coisas que até ahi lhe foram misterios; e os risinhos, os olhares maliciosos, as referencias cheias de maldade, creavam-lhe um odio profundo por essas reve-

lações, e mercê dum esforço imenso chegava quasi a não ouvir, aniquilando voluntariosamente a ligação que se faz entre o ouvido e o entendimento. Julgava então ter abrangido o verdadeiro significado da maldade do mundo em que falava constantemente a Superiora, e desejava mil vezes tornar para a solidão branca do convento, onde ela não chegava, e tudo era cantar o amor purissimo de Deus.

E não era apenas a conversa das mais precoces e maldosas, algumas porventura filhas de familias pouco cuidadosas, que a revoltavam; envolta no sonho artificial do convento, e não tendo da vida senão a presença de D. Amelia e da Rosa, duas solteironas solitarias que haviam perdido todo o poder sobre a sua alma, e que entendiam que ás meninas nunca se falam de determinados assuntos, a sua psicologia de mulher, o seu instinto, conservava-se atrazadissimo tanto em relação á idade como em relação ao desenvolvimento fisico.

E o conhecimento repentino do que ignorava por completo, através das conversas despidas das pequenas cujos instintos e vida de familia eram dignas de dó, revoltavam-na tão profundamente, que nem sequer podia compreender o sorriso enlevado das que estavam noivas quando se referiam ao futuro.

— Como podiam estar contentes, se a vida era aquilo?

E silenciosa, fazendo esforços por não ouvir e por esquecer, lutava desesperadamente não sabia mesmo contra quê, porque o que havia de mais hor-

rivel era um não sei quê que se passava dentro de-la, um desejo indefinivel e indefinido, uma saudade e tristeza atrozes.

E ao ve-la assim retraida e silenciosa, com aquele ar de censura e reserva que a tornavam embirrante, aquelas vidas de dezesseis anos, cada qual cheia de alegria á sua maneira, olhavam-na como a um ente extravagante e fóra da naturesa.

.....

Clara sentiu-se repentinamente desamparada e só, no meio de toda a gente. Não se entendia com ninguem, não tinha afinidades de qualquer especie com nenhuma das colegas; a sua maneira de sentir completamente diferente, tornava impossivel qualquer ligação por mais exterior que fôsse. Tinham chegado áquela idade, em que duas raparigas, por mais estranhas que sejam, não podem falar de coisa nenhuma senão por um prisma demasiadamente subjectivo; em que uma apreciação a um facto ou a um livro envolve sempre uma revelação de psicologia e raras vezes deixa de levar referencia ao homem, mais ou menos directa, mais ou menos espiritual. Em qualquer dos casos é um estado de alma que se descobre, e Clara não sabia nem podia descobrir-se.

No convento, havia um objectivo em que todas se entendiam, por mais diferentes que fôssem. As prelecções diarias, os actos mais infimos, dirigidos para a formação de almas de certa tempera, para o amor de Deus, davam uma base segura por onde se caminhava sem hesitações. Mas ali, na escola,

não havia coesão de pensamentos em torno de nenhum ideal. Não havia ninguem que sistematisasse todas as acções e pensamentos em vista duma aspiração superior; as aulas, por mais belesa que pudessem conter, eram regidas materialmente; nunca a voz dos mestres aplicou á vida, um exemplo de nobresa, e parecia que tinham até mêdo de se dirigirem á alma dos alunos fôsse para o que fôsse. Havia um mestre que era pomposamente intitulado professor de Moral, a qual vinha a ser a coisa mais sêca, enfadonha e estupida que póde imaginar-se. Na aula dele, cada uma fazia o que queria, enquanto ele preguntava sem variação, a quantas interrogava:

— O que é moral?

— E' a sciencia dos deveres.

— O que é dever?

— E' tudo que temos obrigação de fazer.

E ao acordarem para a vida, aqueles temperamentos diversos que bem aproveitados e dirigidos desde o primeiro dia da escola, haviam de entender-se na nobresa de sentimentos e intenções, ainda que divergissem quanto aos meios de efectiva-las, revelavam as mesmas táras, inferioridades, baixesas e banalidades das suas variadissimas origens. Ali estava a burguesinha estupida e vaidosa que se julga uma beldade invencivel com seus fatos elegantes de costureirinha réles; ali estava a pobre que se envergonhava de não trazer sapatos tão afiambrados como as mais ostentosas, e se vergava a humilhações para pertencer ao grupo delas e presumir deante das *inferiores;* ali estava aquela que

o mais prolongado convivio não conseguira elevar de classe, e apresentava a mesma linguagem e maneiras de vendedeira da praça endinheirada, logo que a faziam zangar. Para com os professores, eram quási sem excepção, duma baixesa que os estudantes baptisaram pelo nome de *manteiga;* nenhuma sustentava uma convicção independente, e baixo, nas conversas por detraz das costas, atiravam umas ás outras sem distinção, como injuria suprema, a captação da benevolencia dos professores por meio de recordações e louvaminhas. E as que não o faziam, porque a inferioridade da posição das familias lho não consentia, ostentavam uma insolencia estupida para com professores e colegas, e fomentavam faltas de respeito grosseiras.

Cada grupo e cada rapariga puxava por seu lado. Excepto as ultimas que faziam gala da sua falta de educação, escondiam cuidadosamente os sentimentos que discordassem do burguesismo geral. A falta de caracter era absoluta; rarissimas tinham pais que na vida de familia lhes apresentassem um ideal mais alto que as fontes de lucros com que podiam contar; e a escola, ainda mais lamentavel e culpada, não as reunia nem em volta de Deus, nem em volta da patria, nem da verdade, nem da virtude, nem do praser, nem da belesa.

De todas as concepções elevadas e belas da vida que a alma humana se tem proposto como fim, nenhuma fôra tocada nem de leve. Mesmo nas classes superiores, onde Clara não chegára, e se dava filosofia, a sciencia da alma, fôra reduzida a um pe-

daço de pau, a um compendio p-a pá, *magister dixit* sem significado, nem belesa, nem vida.

A escola, como vida de espirito, oferecia-lhes os apontamentos de cáda mestre para estudar de cór,—daqueles que os davam—tendo o cuidado de não discordar em nada e de mostrar humildemente que tinha o professor por um genio, embora lhe risse nas costas; e cumprida essa obrigação para passar, como o mestre cumpria a dele para assinar o ponto, podiam entregar-se sem receio de córte final, ao exame dos vestidinhos, dos penteadinhos e dos namoricos. Nem sequer a móda verdadeiramente elegante podia ser compreendida naquele meio, formado afinal por gente pobre e humlide, que não se conhecia na origem, e que tinha como principal objectivo fazer-se passar por rica e distinta.

Como Clara tinha saudades daquelas prelecções em que a alma palpitava tão ardentemente que sentiam Deus mais vivo que se o vissem!

Dia a dia, o tedio pela escola apoderava-se dela. Não lhe dava nada para acalmar aquela sêde de sentimento e de belesa; se alguma retirara de quaisquer leituras, a sua voz não encontrava éco nos mestres, que apenas desejavam o que diziam os compendios. E cada vez mais alheia á escola, suspirava pelo socego e solidão do convento que lhe permitia levantar para alguma coisa superior os sentimentos que se apoderavam dela. A passividade e indiferença da escola, cerrara-lhe o interesse até mesmo pelas leituras profanas; através dela, via-as

todas frivolas, insignificantes; nenhuma igualava a febre que a fazia palpitar, nenhuma lhe dava um esteio sólido em que firmar as suas aspirações. Para quê lê-los?

Se pudesse isolar-se das condiscipulas e viver apenas com os seus pensamentos, a escola ainda lhe seria toleravel. Mas obrigada a ouvir o que diziam era impossivel; sentia-se definhar; certas conversas traziam-lhe rubor ás faces, e entravam-lhe na alma como punhaladas. Tinham dado por aquele afastamento, e não lho perdoando, invectivavam-na directamente com sorrisos que lhe faziam mal.

D. Amelia estranhou Clara. Que teria? Uma reserva e meditação tamanhas, iam além do que era natural naquela idade, sobretudo numa pessoa tão alegre. Mas a par disso dava-se uma reviravolta mais funda quási inexplicavel: Clara que tinha a bem dizer deixado de praticar, voltava-se repentinamente para a Igreja com uma febre que D. Amelia nunca lhe vira. Aos domingos ia á missa de manhã, em jejum, e só voltava lá para as onze horas; levantava-se muito cêdo para rezar, e á noite, era preciso que a mandassem apagar a luz para adormecer, entretida com meditações religiosas.

Soube que depois de apagada a luz, ainda ficava muito tempo a rezar o rosario; não pudera mentir quando lho perguntavam, pois nunca mentia. E descobriu ainda que todos os sabados ia á confissão, ao Corpo Santo.

D. Amelia incapaz de compreender as razões de tal mudança, resolveu interroga-la. Respondeu simplesmente que não se sentia bem na escola; na-

quele ano estava tudo mudado; havia professores novos com quem não se entendia; a maior parte das colegas tinha sahido, e as outras eram muito ordinarias, tinham conversas que ela não podia suportar, e morria de desgosto só por ter de conviver com elas.

— Não havia mais nada?

— Não, que havia de haver? Gostava de vir para casa, ler, viver só com D. Amelia e a Rosa.

Para que dizer-lhe que anciava por esse recolhimento do colegio, onde ouvia falar de Jesus e do seu amor?

Não a entenderiam; e depois, a vida ali em casa, sem perturbações, entregue aos seus pensamentos, não seria quási uma cláusura que a tornaria a bem dizer uma das esposas do Senhor?

— Não merecia a pena andares preocupada por tão pouco, Clara. Já podias ter dito; não voltas á escola. Compram-se-te livros para te entreteres á espera de qualquer coisa em que te agrade ocupares-te, pois bem sabes que não has-de passar vida de mandriona.

Os livros escolhidos por Clara não agradavam a D. Amelia; eram meditações e mais meditações, vidas de santos, correspondencias de religiosas. Ouvia-a em silencio e ia-se desculpando de os não comprar já, por isto, por aquilo; seria logo que se lembrasse... Procurava adivinhar de onde vinha aquela mudança, incapaz como era de compreender a crise tremenda daquela natureza ardente, com o espirito todo formado para o claustro por uma vontade de ferro superior e sistematica, actuando

persistentemente durante os quatro anos mais propicios á formação do caracter.

Sempre imaginára que a escola tinha apagado os ultimos vestigios do convento, sem se lembrar de que a escola ensinava coisas mas não formava caracteres; e não contava nem atingia mesmo que toda aquela mudança provinha apenas do combate tremendo das duas maiores forças que existem na mulher e que em Clara, eram absolutamente contrarias: a natureza e a educação, quando é feita como o fôra a dela, de afirmações fortes, baseadas no amor, fôsse ele qual fôsse, cheias de fé e dirigidas conscientemente para um fim.

D. Amelia não examinára de que tempera era essa Superiora que dirigia o colegio, e a influencia que exercia sobre as alunas; e não sabia que das alunas que dali tinham saido, havia vinte e cinco anos que ela o dirigia, poucas tinham casado, a maior parte estavam em conventos, *e das outras nem se falava*... Algumas haviam-se suicidado.

Clara tinha uma vontade firme, e a inteligencia e sensibilidade afinadissimas; naquela mulher superior que empregava todos os momentos e actos da vida, para um fim, com todos os recursos da alma, do corpo e da inteligencia, tudo a impressionava, desde a fé que punha nas suas palavras até á belesa, eloquencia e firmesa com que se exprimia e impunha a sua vontade. Sob essa poderosa influencia, aos doze anos determinara ser freira; era infalivel que essa resolução havia de aparecer em combate com a sua transformação em mulher. A verdadeira vida de familia, o homem e a mulher,

os pais e os filhos, não tinham vindo em seu auxílio, substituindo-se com segurança, ás prelecções ardentes do convento. Recebia a revelação do verdadeiro sentido da vida, entre risos e palavras de segundo sentido, que a revoltavam. E ela, habituada a considerar a vida como a maior dádiva de Deus, para a darmos por nossa vez, numa oferta absoluta e silenciosa, como uma aspiração continua para a eternidade, odiava e repugnava-lhe o menor contacto com gente que falava das coisas e fontes da vida, com sorrisos daqueles. Não pensava senão em fugir, esconder-se, cortar todas as relações com esse mundo cuja maldade começava a pressentir, e, no seu isolamento, erguer emfim essa alma, sopro de Deus, cuja maxima belesa lhe importava mais que a propria vida.

A inquietação de D. Amelia aumentou quando viu que o socego de casa mais exacerbava o misticismo de Clara. Agora já lhe não bastava ir ao domingo á missa; ia todos os dias para a igreja e lá se demorava que tempos; almoçava tardissimo, o que lhe fazia mal ao organismo delicado; faláva com uma ausencia de vida que chegava a impressionar; via-se que estava sempre pensando noutras coisas...

Uma manhã, o correio trouxe noticias da Isabel, sobrinha de D. Amelia, casada havia um ano. Participava o nascimento dum bébé, e pedia á querida tia que esquecesse enfim, dissenções de familia que eram quási mais velhas que ela, e voltasse a ser a boa amiguinha de quando era tão pequenina que mal se lembrava desse tempo.

E D. Amelia, scismando e olhando Clara, determinou esquecer os porquês daquela separação de tantos anos: nem a sobrinha tinha culpa do que houvera com os pais...

De resto, pensava D. Amelia comovida, não tenho um vintem que deixar-lhe—que póde significar senão amisade, saudades, esta comunicação á velha tia?

Iria visitá-la; seria uma surpreza deliciosa depois de tantos anos; a sobrinha que pedia a recebesse, mais contente ficaria vendo-a lá; e examinaria tudo para ver se convinha á Clara...

*

* *

— Clara, amanhã é domingo, e has-de vir cedo da missa, porque vamos almoçar a casa da Isabel.

Não se admirou e gostou da ideia: Isabel era crescida quando ela era pequenita, e um dia fizera-lhe muitas festas havia muito, muito tempo... num tempo de que tinha saudades...

Isabel era feliz.

E logo que reconheceu a velha tia, e Clara—devia ser Clara—exclamou:

— Vou já dizer ao Carlos que se avie! Como ele vai ficar contente!

E com um sorriso enternecido:

— Ao domingo é um mandrião, só se levanta para o almoço.

O bébé tinha tomado banho e estava a dormir. Em chorando, logo o ia buscar...

A casa era simples, e quasi pobre. Carlos dava lições, e não tinha ainda uma situação muito desafogada. Isabel tinha sómente como criada, uma pequena de doze anos para alguma lida, e dava umas lições de piano em casa, para ajudar... Esperavam melhorar de situação, porque ambos eram novos e trabalhavam. Mas não tinham querido esperar pela riqueza para casarem e não estavam arrependidos... E ao confessarem isto á tia Amelia, que lhes mostrava os inconvenientes que essas resoluções teem muitas vezes, sorriram um para o outro de tal maneira que Clara estremeceu. Havia ali qualquer coisa que nunca passara nas prelecções da Superiora, nem em nenhum dos principios em que norteara a sua vida.

Agora eram as explicações. Isabel gostava muito da tia, dizia Carlos; mas logo Isabel replicou:—E o Carlos não descansou sem eu lhe escrever... E era um atirar de culpas da chamada da tia duma para o outro...

—Bom, já sei que ambos são meus amigos, e ainda bem, que lhes vou dar um trabalho...

—Serio? preguntaram ambos rindo.

Isabel veiu agarrar-se ao pescoço da tia, mas Carlos abraçando ambas ao mesmo tempo, beijou uma e beijou outra...

—Que é?

D. Amelia aproveitando a ocasião em que a Clara a não via, acompanhou a palavra com um gesto misterioso:

—E' aturarem esta menina de vez em quando, porque em casa aborrece-se de morte.

Clara protestou: Não se aborrecia...

—Mau, disse D. Amelia. Sabes que eu gosto de chamar ás coisas pelo seu nome. Porque andas tu pelos cantos, e te fechas no quarto, se isso não é aborrecimento?

Clara desviou os olhos para a janela com tristeza e não respondeu. D. Amelia disse para Isabel: Olha, vai mostrar-lhe a casa e o quintal, que eu vou falando com o Carlos; ainda me não apetece andar.

Contou-lhe o que se tinha passado com a pequena desde a saida do convento; como lhe tinha parecido cura-la e como ela voltára a um misticismo que a trazia inquiéta; a fuga da escola, que o era em boa verdade; a sua falta de expansão e ternura... Não lhe parecia a mesma de outros tempos, e no entanto, havia de jura-lo tudo aquilo era apenas aparencia.

Via com satisfação que a vida de familia que levavam era de molde a converter Clara á boa razão, só com vê-los. Que a deixassem vir lá bastantes vezes...

—Todos os dias, se quizer. E a tia tem razão. Vamos tentar cura-la

Isabel e Clara voltavam com o almoço; a pequena traria o resto, para conversarem á vontade. E foi um alegre chilrear; a propria tia parecia da idade deles...

Quanto que dizer depois de tantos anos!

Interrogavam Clara sobre o convento, a escola,

o que ela gostava de fazer... E ela animava-se com uma certa vida exterior, e contava partidas; se o Carlos conhecia este e aquele professor... gostava de fazer qualquer coisa... E não adeantava mais.

Carlos foi o primeiro que acabou de almoçar; pediu licença á tia, levantou-se e foi beijá-la. Depois foi a vez de Isabel, olhou-a um instante sorrindo, e beijou-a na testa; mas logo ela o agarrou e lho retribuiu... Clara apertou-lhe destraidamente a mão, quando chegou a vez dela: Estava a pensar na ternura com que sempre se olhavam; havia nos rostos deles uma alegria luminosa que irradiava para tudo...

Mas já o pequenito chorava: Isabel correu a busca-lo.

Era preciso tratar dele que devia ter fome; havia duas horas que estava a dormir... E Clara examinava o carinho infinito com que a mãe pegava na criança e a amamentava; o olhar comovido com que a fitava...

Corria a conversa de sempre: é parecido com o pai, é parecido com a mãe, tem os olhos deste, a boca daquele... E os pais teimavam sorrindo.

Por fim o pequeno largou o peito e pôs-se a rir. Era um portento: já ria, e já conhecia o pai e a mãe. Tinha pelo menos uns olhos que riam, quando não se fechavam por o dono reclamar em gritos, alguma coisa que lhe faltava.

E ao vê-lo, a olhar em volta, com os olhos admirados, Clara, esquecida do retraimento chegou-se, pegou nele e começou numa grande conversa...

Levou-o para a janela, passeou-o pela casa, é

enfim, para o ver e beijar melhor, fugiu com ele para o quintal.

— Começará já o milagre? preguntou D. Amelia. Isto para quem deitava os bonecos nos baldes da tinta, parece um bocado extraordinario...

— Eu percebo, disse o Carlos. Um boneco não tem nada que ver com uma creança. Um boneco é uma coisa grotesca e ridicula; e uma creança tem alma...

Sentiam Clara falar com o pequeno...

— E o petiz não chóra, parece que já a conhece.

Chegada ao quintal, Clara sentou-se a uma sombra, com a creança muito aconchegada:—que lindos olhos! que lindas mãosinhas! que lindos pésitos!... o que era pena, era se chorava de noite; de dia não fazia mal: cantava-lhe... E devagarinho, embalou-o a experimentar, e cantou-lhe muito brandamente...

— Nada, seu dorminhôco! ainda agora tinha acordado... E desatou a cantar-lhe coisas mais vivas.

De ahi a pouco, voltou. A mãe pegou na creança; e logo Clara tornou a pedi-la, para se ir embora outra vez...

— Mas olha que ele é meu! disse-lhe Isabel a rir.

— E meu tambem, se fazes favor! acudiu o marido.

— Pois sim, mas ao menos hoje, podem darmo, respondeu Clara com os seus modos rudes, e a voz a tremer um pouco...

Levou-o para adormece-lo. Não queria que a

vissem debruçar-se sobre ele com tanta ternura; deviam rir-se do carinho com que a beijava e apertava a si... Ao menos dele podia gostar; não a compreendia, não responderia, mas não riria...

— Parece que toda a vida lidou com creanças!...—dizia D. Amelia quando ela passeava cantando-lhe, ao fim do corredor.

— Queres vir para casa de Isabel de vez em quando?—preguntou D. Amelia pelo caminho.

— Quero!

Não disse mais recolhida em vagos sentimentos. Como eles eram amigos!

A' noite, mal resou as orações de obrigação; sentia-se perturbada; e já deitada, antes de adormecer, dizia consigo:

— Porque será que a Irmã Superiora achava o casamento tão mau, sendo eles tão amigos?!

E uma ideia extraordinaria, precisa, que nunca lhe tinha vindo, rasgou-lhe repentinamente uma porta da vida que nunca tinha visto:

— Se ela casasse como a Isabel?

Não! ela não casaria, ninguem havia de quere-la. Ainda lhe doia a alma de quando no colegio, a castigaram um dia por ter beijado a Fernanda que chorava, e do espanto das outras por ela a ter beijado. Lembrava-se dessa Fernanda que estimava tanto, da Isabel, da Tereza, e mal lhes falava porque a obrigavam a andar com outras; e elas odiavam-na a bem dizer, nem a olhavam... Lembrava-se daquele dia em que a tinham posto de joelhos toda a tarde, por estar a conversar muito; nessa noite, a Superiora dera a mão a beijar, e chegando

junto dela, voltára a cára e passára adeante... Duas lagrimas rolaram pela face de Clara; pediu perdão... E a voz da Superiora ecoou:

— Lagrimas de crocodilo...

As outras sorriram.

Os labios cerraram-se-lhe para conversar;—e nunca mais chorou.

Sacudiu a cabeça para expulsar estes pensamentos;—mesmo ali, sosinha, na escuridão, recalcou as lágrimas, mordeu os beiços; e nem uma fibra lhe estremeceu.

XV

De manhã estava cansada. Acordou com uma tristeza inexplicavel, e a lembrança daquele doce sorrir que flutuava permanentemente entre Carlos e Isabel fê-la sentar-se pensativa na borda da cama. Acudiam-lhe em tropel todos os pensamentos da véspera e sentia-se sósinha no mundo; havia uma voz que lhe gritava que ninguem gostava dela, que nunca ninguem gostaria dela! Nunca um olhar poisára no seu, com tão doce confiança; e sabia, tinha a certeza de que ninguem havia de penetrala até sorrir-lhe assim...

Lançou os olhos sobre o livro da meditação que estava na banquinha de cabeceira, e desviou-os com desalento; estendeu a mão para o terço que pendia á cabeceira mas deixou-a descair antes de chegar-lhe:

— Para quê?

Acabou de vestir-se, ajoelhou-se, e monotonamente foi dizendo as orações de obrigação. Seus olhos demoraram-se numa imagem de Jesus... Cha-

mou então todo o fervor esvaido, exprobou-se a indiferença com que falava a Deus, prometeu que não deixaria de ser fervorosa... E aproximando a imagem dos labios nervosos, beijou-a longamente naquele coração que se consumia de amor... Levantou-se; não estava contente, a oração não a apaziguava; faltava-lhe fosse o que fosse; foi encostar a cabeça á vidraça, e ali se quedou sem ver, sem ouvir, sem pensar...

Rosa veiu chamá-la para o café. D. Amelia viu-a abatida, sem compreender; tentou animá-la, levando a conversa para a Isabel e o pequeno. Clara mantinha-se fria e taciturna; por fim manifestou um aborrecimento insofrivel... Estavam a revolve-la mais fundo, presentimentos que mesmo em si, não se atrevia a definir; nem ela sabia bem o que era; mas incomodava-a ouvir falar do que a estava perturbando. Parecia-lhe que iam penetrar nos segredos da sua alma, e defendia-se instintivamente. Não iria a casa da Isabel; ainda na véspera lá tinha estado.

— Que ia então fazer?—preguntou D. Amelia.

— Não sabia ainda...

Foi para o quarto e encostou-se de novo á vidraça; fixava tudo com uma indiferença triste e não via nada... Por fim veiu pedir que a deixassem ir dar uma volta. E sentindo que era necessario dar explicação, alegou que acordára com grandes dores de cabeça...

Uma vez na rua, não sabia para onde ir. Enfiou ao acaso pela rua mais desconhecida que se lhe deparou. Ao fim dumas poucas de voltas, encontrou

uma igreja velha, e entrou para descansar. Teve a impressão de que não estava no mesmo mundo daquela igreja, cujos bancos e imagens se encontravam desbotados; fitou com estranheza o sacristão que andava para traz e para diante; ajoelhou pelo costume, benzeu-se, pôs a cabeça entre as mãos como para meditar, mas o pensamento não se fixava. Deante dos olhos passavam-lhe continuamente duas sombras claras e luminosas de que apenas se via um sorriso enternecido; e uns olhos de bébé fitavam-na...

Sahiu da Igreja, e inconscientemente foi ter a casa de Isabel. Só depois de ouvir a campainha, deu conta de onde estava. Então, com esforço, compôs um sorriso, e entrou preguntando pelo pequenino e pelo Carlos. O Carlos só vinha tarde; o menino estava no berço... E levou-a para junto dele.

Tinha acabado de tomar banho e ainda estava embrulhado na toalha; a mãe ia dar-lhe de mamar e adormece-lo quando a Clara chegou. A cabecita desenhava-se perfeita dentro da toalha, de onde saiam apenas uns pésitos côr de rosa, e uma carinha cuja boquita se abria pedindo comer como os passarinhos, enquanto as mãos procuravam o peito da mãe.

Clara entristeceu e percebendo-o, levantou-se e passou para traz de Isabel que entretida pelo filho não dava por isso. Compreendia que lho não dariam para ela adormecer como na vespera; era impossivel... Então para que tinha lá ido?

Ao som da cantiga da mãe, o menino foi adormecendo. Então Isabel colocou-o com geito na cama,

fez-lhe um rodeio de almofadas, tapou-o, foi cerrar as janelas, e em bicos de pés saiu, trazendo Clara.

Tentou então falar, se gostava da casa, do quintal... Ia respondendo indiferentemente; estava longe daquelas coisas... que lhe importavam? E era tão visivel o cansaço que a invadira, que Isabel preguntou-lhe repentinamente:

— Mas o que tens tu?

Clara sorriu-se com esforço:

— Nada. E já rindo: Mas que queres tu que eu tenha?

E desconfiando de que déra demasiada importancia á pregunta :

— Acordei com umas dores de cabeça esta manhã...

A conversa seguiu no mesmo rumo indiferente, cortado de quando em quando por risos de Clara para disfarçar. Dahi a pouco despediu-se e recusou o almoço que Isabel lhe oferecia por não ter prevenido em casa. Esperavam-na contrariedades: D. Amelia preguntava onde tinha ido, que tinha feito, visto, dito... Que dizer? Afinal não tinha ido a parte nenhuma; fôra uma tentativa vã para sair de si mesma; falar disso era como descobrir a alma. Com mil esforços conseguiu reconstituir a volta que déra; queria esconder que fôra á Isabel e não soube como; previa a pregunta que veiu:

— Então não querias lá ir hoje?...

— O acaso levou-me por lá, e viu-me da janela...

Surpreendeu-se a mentir! Era melhor assim,

pensou; melhor... E porventura sabia porque lá tinha ido?

Queixou-se de que as dores de cabeça não tinham passado, e foi deitar-se para estar sósinha.

*

* *

Sem dar por isso foi-se deixando de resar e de ir á Igreja. Fazia as rezas de obrigação quási mecanicamente; olhava para as coisas sagradas por um veu repassado de tristeza e desalento. D. Amelia levava-a a casa de Isabel e insistia para que fosse mesmo sósinha, procurando principalmente as ocasiões em que a presença de Carlos lhe puzessem a vida de familia deante dos olhos. Mas animava-se pouco; embebida como andava nos seus pensamentos, receava sempre ser indiscreta, assim como receava que as suas palavras descobrissem o que lhe ia na alma, e retraia-se mais e mais. Só á noite, na cama e de luz apagada, ia relembarndo a vida passada que assim lhe turvava o futuro. Já não eram essas prelecções que relegavam o casamento para o mais inferior dos planos que a atormentavam.

Quem sorria assim no meio dos trabalhos e das privações da vida de Isabel e Carlos, não era inferior... Mas ela—que era ela na vida?

Compreendera que esse amor de que se tinha alimentado era uma fantasia sem éco; rasgavam-lhe brutalmente a ilusão de que vivera, pondo-lhe deante dos olhos essa vida humana tão denegrida e desprezada, em quanto lhe havia feito crer, e que

afinal a penetrava como a unica aspiração capaz de a fazer feliz. E era isso que a atormentava: adivinhava que não seria capaz de domar-se a essa aspiração... Presa á fé incutida e crida durante anos, creado esse caracter de frio, intransigencia e indiferença exterior, punha-se a meditar como seria capaz dum daqueles sorrisos de Isabel, tão cheios de confiança como o olhar do proprio filho. E era preciso sorrir assim para que lhe sorrissem tambem...

Veiu-lhe num clarão, a ideia de que fôra ingrata para os que a amimavam; e pela primeira vez fê-la estremecer o sentimento dos cuidados que merecera a D. Amelia e a essa velha e dedicada Rosa; lembrou-se dalguns olhares tristes com que a miravam por vezes, da falta de confiança que elas não adivinhavam talvez, mas que existia e nem lhe deixava dizer-lhes que uma força irresistivel a levara a segunda vez para casa de Isabel... E cheia da sua força de vontade tomou a resolução de confiar nelas, e de lhes dizer alguma coisa dos seus pensamentos. Sem tardança, saiu para a casa de jantar, para não ouvir um doer de alma que a tomava...

O sorriso que lhe iluminava o rosto chamou a atenção de D. Amelia:

— Vens muito contente, Clara?

— Venho fazer-lhe companhia, mamãsinha, respondeu suavemente.

— Ora senta-te e anda para aqui; ha muito tempo que não te vejo tão bem disposta...

Clara ia-se vencendo, enquanto desdobrava a costura para disfarçar o olhar perturbadissimo; e

a conversa seguia conforme D. Amelia a encaminhava, admirada da docilidade e expansão de Clara:

Gostava muito de ir a casa de Isabel, e sabia? quando lá fôra a segunda vez, não tinha dito, mas atraira-a uma grande simpatia por ela e pelo bébé; não sabia porque se lembrara de dizer que vira Isabel da janela, não era verdade... E agora encantava-a aquela vida que levava com o Carlos, sempre tão serena e amoravel; não imaginára que fosse assim...

— Mas então como cuidavas tu?...

Era dificil recuar; por fim nem já ouvia o que dizia de tanto que guardára silenciosamente; zumbiam-lhe os ouvidos e a voz tremia-lhe; D. Amelia, fingia não dar por isso, e ouvia com a maior naturalidade, aquele desfilar de teorias de amor de Deus, dos extasis, do encanto da vida religiosa e da negação de todos os bens e amizades terrenas, até ao desatar dos laços da propria familia.

E ouvia que aqueles que são chamados por Deus á vida de eleição, já nem querem saber de amigos, nem irmãos, nem pai, nem mãe. Todos os amores são para Deus; e os que mais avançam nesse caminho de perfeição, teem sómente um olhar de piedade imensa, para os que no seio da vida dos eleitos, ainda se recordam alguma vez de que tiveram amigos ou de que deixaram no mundo irmãos ou pais.

Ao entrar a porta do convento, os que responderam á voz de Deus, morreram para tudo isso que ficou lá fóra com todas as vaidades vãs e inuteis;

e tomam outro nome para nem o nome conservarem do que os prendeu a todos esses bens terrenos; e chorar pela morte dos irmãos ou dos pais seria um fraqueza indigna.

A gravidade e surpreza das revelações chamou a atenção de D. Amelia; nunca imaginára o mal tão fundo e duradouro; sem dar a entende-lo, arrastava-a para deante, e obrigava-a a dizer-lhe a vida das raparigas que tinham estado no colegio: Algumas ainda lá estavam, já com 30 anos, e não professaram por não terem saude, outras eram freiras, de outras falava-se lamentando-se mais do que se tivessem morrido...

— E tu, que serias se não tivesses saido do colegio?

— Seria freira...

— E hoje?—preguntou D. Amelia num sobresalto.

E a voz já longinqua e arrastada, sumida, respondeu:

— Não sei...

Cahiu um silencio cortado dahi a pouco pela Rosa, que vinha pôr a mesa. Clara levantou-se, foi para o quarto—sem levantar os olhos, sem saber onde fixa-los, sem quási saber andar; fechou a porta á chave, e então, apertando o coração que ameaçava estalar e mordendo os labios para não gritar, sentiu lágrimas caindo... Tinha sido demais—oh! porque se lembrara de dizer o que nunca dissera? como havia agora de viver, com a alma posta a nu? que importava que a estimassem—havia alguem que sentisse o mesmo que ela? de onde

lhe vinha essa cobardia que a levava a dar a alma a publico? era tão fraca por acaso, que nem já pudesse suportar o peso dos proprios pensamentos? Agora não mais poderia levantar os olhos sem que a lessem até ao fundo; haviam de rir daquela estupidez de ir contar o que pensava, de exteriorisar o que sentia. E por refletir estupidamente, no que era *confiança* acabava de perder o respeito de si mesma!...

Revoltou-se contra as lágrimas; era o que lhe faltava ainda! lágrimas! outra fraquesa imperdoavel, ela que nunca mais chorára desde aquele dia em que a Superiora a não deixara beijar-lhe a mão!

Mas que lhe tinha passado pela cabeça? que força a impelira áquela série de tolices? Relembrava as scenas de vontade e dominio do convento: sim, tinham razão em as não deixarem ter amigas particulares; tinham razão em não as deixarem dar beijos nem em dias de festa; tinham razão em nunca as acariciarem. Lembrava-se duma das primeiras noites do convento, em que tossia sem descanso; a freira veiu, levantou-lhe a roupa, pôs-lhe tintura no peito e costas, e quando ela meia tonta de sono e admiração ia para beija-la, tapou-a e retirou-se como viera... Oh! sim, tinham razão! era o segredo de acabar com fraquezas como a daquelas lágrimas.

Pois bem! vencer-se-hia! e havia de reparar o mal feito até apagar de todo as impressões daquelas confidencias. E ao jantar, quando D. Amelia solicitamente lhe preguntava se gostava mais disto, mais daquilo, Clara respondia com uma voz branca de frieza. Para a velha creada que a olhava admi-

rada, foi tão brusca, tão dura, que esta ao retirar-se, levava as lágrimas nos olhos.

Ao levantar-se estava mais satisfeita consigo; sentia que tinha quebrado tôda a ligação que por momentos lançara um estranho na sua vida intima; sentia-se de novo forte, firme... E para se compenetrar de que tinha encontrado o equilibrio, e fazer calar aquela voz muito afastada que a incomodava incompreensivelmente, agarrou num dos seus livros de meditações e até deitar-se, mergulhou na vida e conselhos do convento, onde ao menos encontrava a certesa de qualquer coisa.

XVI

D. Amelia compreendeu a reviravolta de Clara, e logo de manhã sahiu para conversar com Isabel e Carlos. Eles, mais novos, deviam ter os sentimentos mais proximos da geração dela e os homens teem ás vezes umas noções mais claras da vida das raparigas que elas proprias...

Ouviram admirados a conversa de Clara e as suas revelações; o arrependimento porém da confissão, deu-lhes a entender que o mal era mais fundo do que nunca tinham suposto.

A intensidade da reviravolta e a firmeza da reserva daquela vida inteira, mostrava-lhes uma vontade a bem dizer indomavel; mas aquela confissão dizia que alguma corda sensivel fôra atingida, se bem que insuficientemente.

— Olhe, tia, parece-me que não podemos nada, disse por fim Carlos. Só uma pessoa a vencerá; mas ha-de ser dificil... Por agora é necessario arranca-la ao marasmo da vida que leva, ver se lhe encontramos onde empregar a actividade e faze-la

entrar em relações com rapazes e raparigas. Tentemos...

Clara constrangeu-se o suficiente para ir a casa de Isabel mais umas vezes, mas declarou depois que se estava a aborrecer: Bébé gritava muito, e Isabel estava antipatica não sabia porquê.

Por outro lado, começou a dizer a D. Amelia que desejava empregar-se; aquela vida pesava-lhe; compreendia que estava a dar muita despeza; D. Amelia não era rica, e ela podia trabalhar como as outras raparigas da idade dela.

Mas o que a levava a querer sair, era não poder sentir-se ao pé de D. Amelia desde a tarde em que se confessára; só longe estava bem; cada vez que os seus olhos se encontravam, cada vez, que lhe sentia o olhar, parecia que a perscrutavam até ao fundo de alma e aquela exibição era-lhe insuportavel. Sahindo de manhã á noite, furtar-se-hia a todo o exame, a toda a conversa, e poderia enfim recuperar todo o seu isolamento. Quando Carlos lhe trouxe a noticia de que lhe arranjára a leccionação dum curso de português desde Instrução Primaria até ao 3.° ano, suspirou de alivio. Enfim, ia ser livre! E como ele lhe dissesse que era preciso penetrar mais fundo na literatura para lhe confiarem as classes adeantadas, ela, que até ahi pouco lêra, envolta nos escrnpulos do convento que lhe interdiziam todos os livros que falassem de amor, rodeou-se de tudo quanto apanhou, e sistematicamente, leu, leu, leu... Não se tratava dos conselhos do convento, tratava-se sobretudo mas era de salvar a coragem e a firmeza de caracter, essa firmeza que

não dobrava e não carecia de força extranha para amparar-se. Quanto mais tivesse que fazer, mais independente seria e mais afastada estaria dos que por instantes haviam ameaçado desvia-la do bom caminho.

*

* *

Em breve porém, estava cansada. Julio Diniz, lido na escola, relido agora, atirava-a para aquele ambiente de confiança de onde queria salvar-se, penetrando-a mais profundamente do que nem desejava confessar a si propria. Seguiam-se-lhe as liricas de João de Deus, acordando nela as nuvens de ternura que estavam adormecidas desde a infancia, despertando-lhe pelos seres essa mesma sêde de caricias que sentia pelas estrelas e pelas arvores. Vinha Camões com esse amor divinamente ideal, a par de João de Deus, mostrando-lhe nas creaturas essa força de perfeição e grandeza que julgava existir apenas na divindade. E deitando-a repentinamente numa duvida brutal, arrancando num momento a confiança vacilante e teimosa que a trazia ligada ao convento, Antero surgia com a sua interrogação febril, com a sua vida inteira angustiada á procura de Deus.

A vida no curso perturbava-a ainda mais profundamente. Os rapazes da idade dela e mais velhos, juntavam-se-lhe para conversar. Tinha havido algumas tentativas de galanteio banal, fechadas ainda antes de abrir... A Olga, professora de francês, passeava com ela, e falava-lhe deste e daquele

dos rapazes professores; um fazia-lhe a côrte, mas ela não lhe ligava grande atenção, empenhada como andava em atrair um outro, de beleza e inteligencia fóra do vulgar... E Clara, por mais retrahida que tentasse permanecer, não podia eximir-se a revelar-se um pouco, ao expôr ideias sobre os livros que lia e sobre os rapazes que tinha deante de si. Mas fazia-o tão friamente, que as suas palavras mais pareciam a duma estatua de pedra falando de coisas de outras eras.

Dentro em si, porém, não podia entender-se; havia qualquer coisa que não podia atingir, a magoa-la tão profundamente, que a alma sentia-se apertada como dentro dum torno. Fugia de pensar; não se entendia, não sabia o que tinha, nem o que queria; havia naquela gente nova que a rodeava, alguma coisa que a penetrava por mais que os expulsasse do seu intimo; tinham uma certa influencia na sua vida, por mais que lhes fugisse... Corria-os a um e um: o Luis Afonso era vaidoso e frio como o gelo; o Antonio Silveira era impertigado e estupido com um carapáu; o Joaquim da Silva mentiroso, e parecia andar sempre a investigar no espirito dos outros para rebaixar e dizer mal...

Surpreendeu-se penetrando a psicologia dos rapazes com um cuidado que nunca puzera nas raparigas—e pareceram-lhe tão infimos, tão despresiveis, tão vulgares, que se lhe tornaram de todo insuportaveis. Estar ao pé deles, era-lhe um tormento infinito; compreendia que adivinhavam a repulsa que lhe ia no intimo... E um dia de manhã, já arranjada para sair, sentiu uma repugnan-

cia tão grande por todo o curso, que disse a D. Amelia:

— Não vou mais ao curso! Por Deus! não me obrigue mais a ir!...

— Não, respondeu-lhe com firmeza. Tens de ir pelo menos até dares tempo a encontrar quem te substitua. E que repentes são esses? E' porventura proprio duma pessoa sensata e de caracter, essas mudanças repentinas e inexplicaveis? ou houve algum caso grave? Fala, se ha uma razão é outra coisa.

— Não ha razão. Não sei, não sei o que é. Mas irei...

E á noite, no quarto, lembrou-se de escrever pela primeira vez á Superiora do colegio, que estava na India, uma carta que principiava:

Minha mãe:

Não entendo o mundo, não entendo a vida. Voltam-se a toda a hora as suas considerações sobre eles, e não sei se são bons ou maus, sei que os não entendo. Mande-me dahi a sua palavra quente, e convença-me, convença-me de que devo ir para Deus. Não sei se é uma felicidade, não sei nada, senão que sôzinha com os meus pensamentos na solidão do cláustro, hei-de poder construir esse mundo de fantasia, onde pelo menos o sonho será verdade. Não posso mais viver assim... Será absurdo o que quero crer, será absurda a vida que lhe peço para seguir, mas ao menos ahi, póde fingir-se que se crê, nesse fingimento cria-se um sonho, e longe da

vida, longe do mundo, longe da realidade, chegamos a convencer-nos de que alcançamos a ventura infinita e de que não ha felicidade comparavel á nossa.

Deixem-me sonhar e morrer no sonho! não entendo isto, não sei que me querem, nem que linguagem falo e me falam!

Mas os olhos cahiram num volume que estava á mão, e abriu-o onde dizia:

Na mão de Deus, na sua mão direita
Repousou afinal, meu coração.

E em seguida a estes versos, Antero deu um tiro na cabeça...

Subiu-lhe aos labios um sorriso de tédio encolheu os hombros e pôs a carta para o lado. O convento não solucionava nada. Visto que tinha chegado á vida, ou havia de resolver-se o problema sem duvida, voltando ao sonho sem nuvens, ou... o quê? sabia lá?!

*

* *

Aquela tarde era diferente de quantas conhecera. No curso aparecera gente nova: duas professoras e um professor, gente viva e curiosa; pelo menos com ele conversava-se admiravelmente. Tinham-se alongado falando de João de Deus e ele dissera de cór com uma voz profunda e serena, algumas passagens:

Que as azas providentes
Do anjo tutelar
Te abriguem sempre á tua sombra pura!
A mim basta-me só esta ventura
De ver que me consentes
Olhar de longe... olhar!

E agarrando no livro, Clara repetia e tornava a repetir as passagens ouvidas, sentindo nelas uma nova beleza.

Ao jantar D. Amelia notou a mudança dela; tinha-lhe passado a expressão sombria que a não largára desde aquela tarde em que se mostrára um pouco. Havia mesmo uma certa ternura na sua maneira de falar e pedir as coisas.

Quando lhe preguntou se sempre sahia do curso no fim do mês, percebeu-se-lhe um certo susto:

— E eu que me tinha esquecido, mamã! aquilo foi um capricho imperdoavel e que não sei explicar. E não lhe disse que não cheguei a despedir-me.

— Então uma coisa dessas, não se me diz?

— Diz, sim; foi esquecimento; eu peço perdão...

— Está bem, amor; estás perdoada...

E ao seu sorriso, Clara respondeu com um olhar suave.

*

* *

Não podia nem sabia dizer como tinha sido. Desde a chegada dele ao curso, tudo mudára; os outros tinham-se desvanecido e pareciam-lhe

sombras impalpaveis. Mal ele chegava, iluminavam-se as coisas docemente; entravam de conversar como se se conhecessem ha muito; seguiam pelo mesmo caminho, e deante da porta ainda lhes ficava por dizer.

Tinha encontrado enfim, um amigo; surpreendia-se a dizer-lhe coisas entusiasmadas que nunca revelára; não fazia misterio da sua vida nem dos seus pensamentos; sómente esse projecto de vida religiosa, aparecia-lhe agora mais longe que muitos sonhos, e nunca o mencionou. Expunham sobretudo as suas opiniões através de livros e da preferencia por estas ou aquelas coisas; raras vezes desciam a casos concretos...

Parecia-lhe ir com ele numa viàgem sem destino, de maravilhosa paisagem, em que era levada pelas nuvens. Os dias em que não se encontravam, levava o caminho a conversar em si, como se o tivesse ao lado. Era-lhe deliciosa aquela companhia a quem não carecera de explicar-se, mas que aparecera dentro dela como um desdobramento da propria alma. Insensivelmente penetrára-a uma suavidade enorme, que se estendia a quanto lidáva com ela.

Já não procurava tanto a solidão, e em casa tornára-se amoravel; deixára de sentir a hostilidade permanente que a atormentava deante de toda a gente.

A vida de Carlos e Isabel aparecia-lhe cheia de enlevo e poesia, e sem atrever-se a sorrir-lhes directamente, colocava-se de maneira que a não vissem, para á vontade se embeber na ternura que deles dimanava. Sentia-se deslisar sem atritos, e re-

ceber caricias de toda a parte; os mesmos colegas do curso, que primeiramente lhe apareciam como réis do tédio e da imbecilidade, suportava-os agora sem custo, e algumas vezes se preguntou se não mereceriam que os abrangesse dentro daquela boa disposição que a tomava toda.

Quando lhe acontecia estar sósinha, abandonava-se a um sonho sem pensamentos, em que se limitava a sentir a presença de João; e só senti-lo mesmo em sonho, fazia-a esquecer-se e sorrir, sorrir.

Sem dar por isso, a sua imagem tinha-se-lhe ido substituindo á visão de Deus, quando orava; muitas vezes sucedeu ajoelhar, e não descerrar os labios para a oração, absorta na visão perfeita e verdadeira que a penetrava. Deixava assim de rezar; de joelhos, com os labios tremulos, a cabeça apoiada nas mãos de encontro ao leito, via-o apenas a ele, não já apenas como o encontrava, mas nimbado duma luz purissima que irradiava para tudo; lentamente, todo ele se transformava em luz de incomparavel beleza e ternura.

Encontrava razões para esta adoração mas que provinham porventura e apenas de coisas que só ela vira: Excepto essa atracção inexplicavel do primeiro olhar, em que nunca pensára, havia *razões* que o tinham assim transformado em qualquer coisa imaterial e superior que a tinha penetrado e comovido repentinamente; nem a separação lho faria esquecer nunca, porque tinha-o visto ser simples, afectuoso e quási humilde—se ele pudesse sê-lo—onde podia ter sido vaidoso e desdenhoso; aquela voz suave e firme com que falára ao Anto-

nio que pretendia fazer-se valer mais que ele, estupido como era, num dia em que o exaltavam; aquele desinteresse com que se mantivera silencioso a principio, e por fim impusera silêncio aos amigos, para que o não alçassem a uma situação invejada, com uma palavra a proposito que influisse no animo dos que o queriam escolher... Via-o simples, grandioso e eloquente, defender uma ideia, por ela e só por ela, onde os outros viam motivo apenas para mostrarem habilidades e conquistarem posições.

Aparecia-lhe nesses momentos em que sahia dele, quási visivelmente, a luz dos sentimentos que então o dominavam; e quando meditava nas prelecções do convento sobre a maldade nata dos homens e do mundo e nessa desconfiança que de lá trouxera, levantava-se dentro dela uma voz imperiosa que lhe estancava esses pensamentos e a atirava de olhos fechados para essa alma que, sem uma falha, lhe apresentava a toda a hora, a bondade e a beleza infinita confundidas.

A meditação tomava ás vezes aspectos de tristeza; á luz desse procedimento de João, examinava o proprio, e via enfim quanto era inferior a reserva em que se tinha mantido para com essa senhora D. Amelia e a velha Rosa, que tinham sido para ela mais do que mães; a scena da reviravolta em que decidira não revelar nunca nem os mais simples pensamentos e a frieza com que lhes falára punha-se-lhe deante dos olhos e feria-a profundamente. Como tinha podido falar á Rosa de maneira que até os olhos se lhe haviam enchido de lágrimas?

que alma era a dela que não encontrára uma palavra meiga com que apagar o mal que tinha feito?... como João havia de despreza-la se a conhecesse bem! como as suas palavras tão profundas de amizade, haviam de transformar-se naquele olhar tremendo de desprezo com que um dia se voltára para o José Pereira quando se ria na cara dele, dum pobre trabalhador! Aquele olhar que não era para ela, e que a gelára até aos ossos só de lembrar-se de que a podia olhar assim!

*

* *

E esse olhar assim veiu tambem para ela!

Clara, de joelhos, encostada ao leito, meditava ou orava... Era a posição escolhida para recolher-se, quando algum acontecimento a perturbava mais profundamente; habituára-se a ela no convento, e a ela recorria sempre que necessitava de pensar e adorar ao mesmo tempo.

De vez em quando percorria-a toda um grande estremecimento; mas passou muito antes que descobrisse o rosto, enterrado nas mãos. Procurava coordenar os acontecimentos e o que nela se passava; revia a doçura da sua vida desde que o conhecera; o encanto das suas longas conversas, a amizade que repentinamente tinha descoberto em tudo...

Como tinha então sido aquilo?

De manhã tinha-lhe visto o olhar mais acolhedor que de costume; fitára-a longamente, com certa emoção. Clara compreendeu que ia haver entre eles

uma conversa em que nunca pensára; tinha-se entregado áquela amizade sem refletir; jámais lhe viera á ideia que tamanha aproximação entre rapaz e rapariga, havia de acabar fatalmente onde lho dizia aquele olhar. Apoderou-se dela um estremecimento estranho e teve desejos de fugir:—Que lhe queria ele? que lhe ia dizer?

Deu as lições aos alunos como se não estivesse ali; esperava impacientemente o fim, para tentar sair sem que ele a visse e evitar aquela conversa definitiva; não se sentia com coragem para encarar imediatamente o que nela se passava; vinham-lhe as longas resoluções do convento e todos os juramentos de amor a Jesus, lembrar-lhe vivamente que não tinha direito de dispôr de si; compreendeu repentinamente que *alguem* ia debruçar-se sobre a sua alma, e que não só teria o direito de lhe preguntar os seus mais intimos pensamentos, como ela mesma é que teria obrigação de lhos revelar tão clara e luminosamente como a Deus.

Lembrou-se do destino das que haviam casado do colegio; das lágrimas que a Superiora lhes vira chorar — e mais nunca tinham sido chamadas por Deus que as castigasse de lhe não haverem respondido. E ela era chamada por Deus para os eleitos...

Mas acudia-lhe agora outra reflexão que nunca lhe viera, embebida como andava naquele sonho impensado: Esse Deus a quem pretendera dedicar-se, era acaso o que ela queria amar? onde estava a sua bondade—em matar o filho? era ele o mesmo que esse filho?... Não! ela nunca tinha confundido esse doce Jesus com o Deus dos crueis e frios ju-

deus! Nunca! e quando no segredo da sua alma, abrazada de amor e enternecimento se dirigia a esse Deus, era ao Jesus que perdoava aos que muito amavam, era ao Jesus que dava o proprio corpo, o proprio espirito em sinal de amor, que ela se entregava... Mas não era esse amor, o amor humano? para amar assim, Jesus necessitára de fazer-se homem... Não seria apenas um simbolo?

Estremeceu: Onde estava a sua fé? e onde estava ela, se já só por obrigação ia á missa, se havia muitos dias em que não orava, embebida na contemplação da luz daquele olhar humano generoso e divinamente leal? Queria Deus? queria-o a ele?

Não, não podia ouvi-lo: ia fugir, esconder-se até passar aquela crise; e de lá, se não ousasse voltar, escreveria a despedir-se...

Mas não poude porque João esperava-a. Seus olhos fitaram-no com um receio selvagem; a alma como que dobava sobre si mesma umas poucas de vezes, furtando-se ferozmente á adivinhação daquele olhar que a trespassava, e que a esperava docil e comovida, depois da romantica conversa do ultimo dia, cheia de alusões, de versos ditos com intenção, e de frases suspensas.

O olhar dele, aveludado, profundo, suave, daqueles olhares perturbadores que parecem trazer sempre toda a candura e generosidade do mundo na doçura da sua luz, quedou suspenso perante a frieza aguda do olhar dela; cumprimentou no entanto, e disposto a compreender, encetou uma conversa banal sobre um livro lido na vespera, esperando que no seu decorrer, se lhe deparasse ocasião de decifrar

o enigma daquele recebimento, tão diferente do que se julgava com direito a esperar.

Clara nem respondera ao cumprimento, limitando-se a estender-lhe a mão; os labios cerravam-se-lhe desesperadamente e baldadamente procurava sequer a palavrinha fria, banalissima, que desse a entender ao menos, que escutava; os labios cerravam-se-lhe desesperadamente, atara-se-lhe a garganta num nó impossivel de desatar, e preguntava-se a si propria o que era que sentia, o que estava ela a pensar, e o que havia de responder, se tudo que estava a passar-lhe no espirito lhe parecia descabido, contradição, ideia grotesca.

Dominava-a apenas um instinto: fugir para longe, para muito longe, para onde ninguem pudesse ve-la, e ahi pensar, tentar reencontrar-se.

Em verdade, nem já ouvia João; de vez em quando uma frase solta, de sentido cada vez mais terno e vivo, acordava-a em sobresalto; e ás escondidas deitava um olhar áquele olhar clarissimo que a dominava, que a enternecia, e que a arrastava como numa hipnose, sem nada mais sentir nem ouvir. Aqueles olhos imensos, fitos ao longe perturbavam-na duma forma de que nem mesmo tinha a cousciencia longinqua; olhava-os ás escondidas, por já não ter coragem de olha-los de frente, e estremecia; queria deixar de ve-los e a atracção era tão grande que não podia; fixava o chão e não via senão aquele mesmo olhar.

João deixava de falar no livro mais ou menos a frases intencionais, para lembrar os passeios do insonso que estava lendo e que dava pouco alento

ultimo dia, e as poesias que vinham dizendo; a voz tornava-se-lhe suave, embaladora como o olhar, cheia de tonalidades profundas e acariciadoras! e ela escutava, lá ao longe como dum outro mundo, aqueles versos novos que adivinhava dele:

Amar-te mais meu bem, será possivel?
Tão grande tempo ha que o quero fazer!
E á imensa força do meu querer,
Ha uma voz dizendo: é impossivel.

Que te farei então, eu, nesse dia
Em que de novo conduzires á via
Do Bem, minh'alma, quasi morta já?..
Amar-te-hei como ontem, hoje, agora
Como te amei desde a primeira hora
E amarei da morte para lá.

E depois dum silencio brando, como um sorriso comovedor, voz ciciada e terna, olhar que ela adivinhava humedecido, qual fantasia do sonho, ia cahindo leve:

O beijo que me deste
Foi tão longo e doce
Que a nossa voz calou-se...
— E tudo me disseste...

A mim te soergueste
O nosso olhar fitou-se:
E a nossa voz calou-se
Mas não te desprendeste.

Ao peso da ventura
O olhar humedecido
Todo desfaleceu:

E o beijo de ternura
Silencio comovido,
De novo se prendeu...

Os ouvidos de Clara zumbiam; o olhar pesava-lhe e nem já de longe e ás escondidas se atrevia a levanta-lo para o companheiro; parecia-lhe adivinha-lo a fita-la longamente, penetrantemente enquanto dizia; andava-lhe a cabeça á roda e não podia sequer chegar a apreender o sentido do que acabava de ouvir; tentava encher-se de coragem para encontrar uma palavra, uma só, que acabasse com aquele enleamento, que acabasse aquela hipnose, e nem a palavra lhe acudia ao espirito, nem a voz á garganta, nem sequer uma expressão ou um movimento que a auxiliasse. Como num pesadelo de que se tem uma vaga consciencia e de que se não encontra forças para sair, solicitava um acontecimento estranho que a acordasse daquele sono; e apenas, mecanicamente, conseguia ir andando, andando, no mesmo passo cadenciado de sonambula.

E a voz tinha agora quebras profundas como o ecoar do mar numa caverna imensa:

Tenho levado toda a vida á espera
Daquele dia que não mais chegou...
Quando mais perto o cuido já passou
Tão longe que a esperança desespera.

Para alcança-lo e vive-lo, dera
Os anos da vida que voou;
Dera tudo que tenho e o que sou
E mais e inda mais se mais tivera.

Mas não sei como imaginei tal dia
Que não tem mês nem seculo nem ano
E não passa da minha fantasia...

E' um esperar em triste desengano,
Aspiração errante e fugidia
De te querer louco e além de humano.

*

* *

A meio do soneto haviam chegado á porta de casa, e o parar acordara-a um pouco; num sobresalto, mal tendo a força de guardar as conveniencias para o não deixar sosinho, e ao mesmo tempo presa duma atracção esmagadora, ouviu os tercetos, que ele lhe disse curvando-se, fitando-a...

E teve a sensação inconsciente do passarito que a cobra fascinou e quer fugir-lhe para viver; e ao mesmo tempo, estranhamente, penetrou-a a convicção de que ele sofria imensamente, de que lhe daria vida e alegria se o escutasse, e desejou redimir aquela dor.

O rosto de Clara desanuviava-se quando ele lhe preguntou:

— E não me responde nada?

Como se houvesse recebido um choque electrico, num repelão, voz constricta, branca, sibilou-lhe:

— Não, não, não!

Viu-o levar a mão ao chapeu para despedir-se segundo as regras da boa cortezia, com um olhar frio, cortante e estendeu-lhe a mão, por cerimonia, sem uma palavra. Compreendeu-lhe o olhar; Tinha sido uma comédia vulgar?

Deu por si em casa como se a tivessem levado; não podia saber quanto tempo havia decorrido, desde aquele olhar até acordar: Ah!...

Não podia tornar a vê-lo assim! nunca mais poderia tornar a ver aquele olhar que parecera despegar-lhe o coração do peito. Ou ele a olharia com o seu olhar de doçura infinita, a primeira vez que a encontrasse, ou... morria, sim, porque não?

Compreendeu toda a violencia daquele sentimento que só agora se lhe descobria imenso e infinito como o mar áquele que o vê pela primeira vez; caia-lhe o véu que sistematicamente puzera entre ela e a vida, para poder amar, para dar largas á expansão que lhe pedia o coração, crendo ardentemente em um Deus que já em pequena lhe aparecia como orgulhoso e máu, incompativel com o seu desejo de Bem absoluto. Em nome de que dissera ela não? nem sabia! fôra um movimento involuntario, a continuação daquela vida egoista e reservada que lhe tinham transformado numa segunda natureza e que nunca—talvez nunca fôsse capaz de destruir completamente.

Em nome de que fé procedera assim?

Cessou de pensar; sentia-se exausta.

Levantou-se, olhou com estranheza os objectos de culto que tinha á cabeceira; maquinalmente reuniu o terço, os livros de meditação, todas as imagens, e foi mete-las no fundo duma velha mala; deixava apenas aquele quadro de Jesus, que simbolisando a dadiva sem reservas, por amor, lhe sorria docemente, como a protege-la.

Demorou-se a olhar aquele sorriso de amor enternecido e humano—do homem—e sentia cair-lhe nalma uma grande doçura, de envolta com a necessidade indomavel de ouvir uma voz que respondesse áquele amor ardente que trazia dentro dela desde creança; e aquele Jesus que adorava porque era o proprio amor, via-o como a João, e este substituia-o sorria-lhe, apagava a imagem do antigo homem Deus, e chamava-a docemente :

— E então nem me responde?

Sim, responderia, e ele havia de ver que fogo lhe ia dentro dalma: e começou a escrever-lhe, cada instante mais ardente, mais cega, mais cheia de confiança, como se aquele retrato de Jesus fosse o dele, com a promessa da vida inteira:

« Que viesse falar-lhe no dia seguinte e lhe »
« perdoasse; nem ela propria sabia explicar-lhe »
« como pudera falar-lhe assim; estava muito per- »
« turbada e nem dava conta do que lhe dizia. Sen- »
« tia que jámais poderia viver sem o seu olhar »
« junto dela... Se soubesse quanto pensára nele »
« dia e noite até ali...

« Talvez só o tempo pudesse fazer-lhe com- »
« preender o seu procedimento, quando tivesse pe- »
« netrado até ao amago a sua vida inteira. Nunca »

« pudera abrir-se com ninguem; era um resto da
« reserva que mantivera sempre... Mas ele, pode- »
« ria jámais compreender?... Talvez não; mas per- »
« doasse que mais que a ele, lhe doiam a ela as pa- »
« lavras que dissera! pudesse voltar atraz e deli- »
« las com lágrimas! Dava-lhe a vida toda, mas não »
« era bastante para apaga-las; dava-lhe a vida, »
« porque o adorava; mas sentia que jamais pode- »
« ria arrancar de si, a mágua daquele instante em »
« que negára o que ela mesma desejava mais que »
« a vida. Seria melhor não falarem nisso; pedia- »
« lhe que fosse bastante generoso para não evocar »
« o que tanto a magoava. Que lhe tomasse a vida, »
« que lha levasse toda; e ela ainda lhe agradeceria, »
« ainda lhe beijaria a alma, por enfim lhe permi- »
« tir amar sem restrições!...»

*

* *

Desceu a escada e foi deitar a carta no correio.

Encostada á janela, e deitada até adormecer, parecia-lhe que praticára a primeira boa acção da sua vida. Tinha quasi a certeza de que seria perdoada, e no entanto, o coração confrangia-se-lhe dolorosamente, com a lembrança do que lhe tinha dito.

Dormiu pouco e acordou anciosa e cheia de receio pelo encontro. Parava-lhe o coração ao lembrar-se de que aquele olhar poderia ser uma repetição do da véspera e desejava morrer antes, se as-

sim fosse. Tremia tanto que para se atrever a olhalo, teve de chamar em seu auxilio todas as forças. Não era o mesmo da vespera; áquela hora, já tinha lido a carta, e fitou-a com um olhar tão máguado e de interrogação, que Clara, ainda mais vivamente compreendeu quão mal procedera.

Decorreram lentas as horas de aula; agora era Clara que esperava á porta, com o peito oprimido e olhar triste.

— Quer vir comigo?—disse-lhe João

— Vou...

— Não me pregunta onde?

Num volver de olhos Clara deu-lhe toda a confiança. Seguiam por um caminho que ela não conhecia, sem uma palavra,

Depois reconheceu que iam para os lados de Bemfica; apesar da concentração em que ia, a luz e o ar do campo faziam-lhe bem. Agora que já estava certa do perdão, navegava numa atmosfera carregada de sonho, a que se abandonava. Entraram no club, deserto áquela hora. Eram duas horas da tarde e fazia muito calor para exercicios fisicos. Era bom assim conversariam livremente.

Sentaram-se num banco, á sombra duma arvore e João tirou a carta da algibeira; ela estremeceu.

— Vais explicar-me esta carta; tiveste coisas que não posso entender. E sabes que é necessario entendermo-nos, se somos amigos...

Pegou na carta; as letras começaram a bailar-lhe deante dos olhos; não conseguiu coordenar uma ideia, encontrar uma palavra. Os labios começaram a tremer-lhe... Não sabia; se nem ela propria

sabia, como explicar?... Levantou os olhos, e encontrava os dele que a observavam serena e comovidamente; e sem poder mais conter a comoção que se apossára dela, escondeu a cabeça nas mãos e começou a tremer.

Ele sentia-lhe a respiração aflita, e quiz deixa-la socegar.

Por fim levantou-lhe a cabeça, e murmurou-lhe:

— Mas o que tens tu?

— Não sei... quero ser tua, tua amiga... E a voz morreu-lhe na garganta.

Pois seriam amigos—Não era tudo que lhe pedia? Que duvidas podia ter de que seriam amigos?...

Agarrou-a pela cintura e beijou-a na boca, enquanto a ela lhe fugiam as forças até arrefecer; desfaleceu, e a sua cabeça caiu pesadamente no ombro dele.

Guardou a carta... Pouco importavam agora explicações; aquele olhar, aquela perturbação, aquele abandono e confiança não valiam mais que todas as palavras?

XVII

O tempo correu deliciosamente desde aquele dia. Mesmo na ausencia dele, parecia-lhe que alguma coisa os unia, e que os olhares mergulhavam continuamente no fundo um do outro, revelando as almas. Sorria para tudo, com o encanto de quando era pequena; sentia-se acordar e surpreendia-se nos mesmos contentamentos infantis de quando não tinha ido para o convento.

O sol e a terra, quási esquecidos nas incertezas e desconfianças que a vinham torturando, atraiam-na com mais força; e de madrugada, ou depois de cumprida a obrigação no curso, tomava o caminho dos campos em volta da cidade, e mesmo sosinha, entregava-se a doce conversação com as coisas.

A maior parte das vezes dirigia-se para esse campo onde lhe decorrera a infancia para mergulhar melhor nos sonhos que então a embalavam, e beber neles a sêde de confiança e de alegria de que andára perdida. Quedáva-se horas em torno daqueles ulmeiros onde tinha visto os sapos, e exami-

nava as manchas escuras que estavam em volta deles como quando era pequena; levava pão que ia dar aos peixes; parava pelas tardes silenciosas e solitarias debaixo dos eucaliptos onde tantas vezes fôra apanhar pinhas, com a velha Rosa... Atravessava a estrada e ia ver aquela casinha branca onde correra, cantara e tivera um jardinsinho...

E vinham-lhe lembranças daquelas noites rumorosas, em que parecia ouvir-se musica longinqua e ela ficava a ouvir longamente o silencio e a solidão, de olhos fitos nos biquinhos das estrelas; essas noites em que viajava pelo infinito, embalada pelo ar, e em que tinha a certeza de vir assim de muito longe, ha muito, muito tempo... Essas noites em que sentia nalma um socego e admiração pela imensidade imutavel, como a que agora sentia por João.

Não era um sentimento novo; tinha a certeza de que o conhecia ha mil anos, e que toda a sua vida, essa ancia de perfeição, de beleza e de amor que nunca a tinha largado, era apenas a aspiração para ele.

Não podia dizer como o perdera, mas no fundo da sua alma, houve sempre a certeza de encontra-lo um dia. Era ele que lhe aparecia quando em pequena lhe falavam no poder infinito do creador lançando energicamente os mundos das almas pelo infinito: mais tarde, no colegio, era ele, essa luz formosissima que lhe aparecia como Deus: vê-la, era o goso dos eleitos e não a ver, o tormento maior e desesperante dos condenados ao inferno.

Quando lhe falavam desse Deus cruel que tendo creado o demonio, o condenou ao inferno, revoltava-se sem se atrever a confessa-lo, porque sentia que havia alguma coisa de melhor, e que isso não passava dum atributo mentiroso dos que não podem conceber Deus senão vingativo e estupido como eles. Deus era como ela o via então e o via agora, essa luz purissima que nunca podia ter dado origem ás trevas; o mal, as trevas, são o não existir, a negação, que só existe onde não chega a luz, o bem. É essa luz via-a tão completa e perfeita na alma de João, que um dia teve a compreensão sentida e evidente, de que o bem, a luz, Deus, eram essa mesma alma, e não devia procura-la fóra da humanidade. O bem supremo, em procura do qual os homens se esforçam, não está numa entidade longinqua, severa e fria; está na alma dos generosos e leais; ha máus, mas são como as trevas para a luz; onde ela chega, logo essas se somem, e assim havia de chegar um dia em que a bondade conquistaria o mundo.

Sentia que tambem as coisas teem alma, e que uma força eterna, as impelia para a realização dum fim, que era o triunfo da beleza e do bem; a materia era o meio de que a alma se servia para caminhar e era por isso que os bons faziam tudo perfeito e grandioso, ao encontro desse triunfo final; não havia parcela do mundo onde não existisse um pouco de bem; e por isso os máus, mesmo os piores, não podiam deixar de admirar e de serem atraidos pelos bons. O odio, a maldade, a inveja, era a resistencia das trevas esmagadas pela luz, essa historia

eterna repetida mil vezes nas historias da humanidade. Havia que vence-las.

E por fim, essa morte que a principio a aterrorisava pela separação de João, apareceu-lhe tambem como o meio da fusão mais perfeita, da identificação final das suas duas almas. Caminhava-se para a união de Deus—a alma humana; cada ser que morria era mais um passo no caminho da fusão; a materia que ainda não estava perfeita voltava ao cadinho para sair mais bela; mas as almas, essas almas que como as deles, viviam tão unidas que nem a ausencia, nem o silencio, conseguiam jámais aparta-las, essas, tinham chegado áquele grau de atracção em que nem a morte já podia com elas, e continuariam indissoluvelmente unidas, como os elos primarios da união de Deus.

Tinha ainda de andar, *de olhos fitos nessa alma perfeitissima que a sua adorava para mais e mais se unir a ela*, e vencerem unidos a eternidade; mas que doçura infinita em caminhar na vida, com esse exemplo por alvo?!

Quanto amára, quanto desejára amar, essa sêde infinita de amor que a tinha atormentado desde que dele ouvira falar, estava agora satisfeita. Nada mais desejava; tinha-o visto em todos os momentos da vida tão forte, tão generoso, tão leal, quanto lhe tinham feito ambicionar esses sonhos da infancia construidos sobre a amplidão dos céus, e as prédicas dos anos de convento sobre a perfeição divina.

Essa vida de sonho continuo tinha-lhe feito nascer ambições desmedidas pelo que era grande,

e dado ao mesmo tempo, a certeza de jámais o encontrar. Denegriram-lhe a alma e a vida humana, e precisando de grandeza e perfeição, lançara-se doidamente em procura de Deus, nessa quimera que lhe apresentavam como tal, calcando quantas duvidas o entendimento e o coração lhe suscitavam, porque tinha tanta precisão de crer no bem infinito como de respirar.

E eis que esse bem lhe aparecia e se lhe dava, e lhe pedia a vida—teria jamais palavras ou entendimento para o que sentia?

Tinha a vida inteira para admira-lo, tinha a eternidade para viver com a alma fundida na dele; mas baldadamente correriam os seculos, porque para essa sêde de ama-lo, de senti-lo, de admira-lo, não lhe bastavam todos os tempos que haviam de vir, nem as forças que tinha para dispender eternamente.

O tempo que vivera desde a infancia, aquele tempo do convento, varria-se-lhe da vida, não deixando senão essa poeira de sonho que a fizera palpitar anciosamente pela perfeição, e a ligara á vida das coisas naturais. Nada ficava do retraimento e das ideias da vida que lhe tinham dado; nas raras vezes em que se lembrava disso, preguntava-se se não seria uma fantasia sua, ter havido alguem que lhe tivesse dito que desconfiasse e não amasse e não cresse nunca no homem. Podia acaso viver, se não o tivesse encontrado?!

Ela sabia bem que algumas raparigas não chegam a encontra-lo; mas essas, que confiem, esperem, e se nesta volta da vida o não encontrarem,

vão-se preparando para á outra vez serem mais dignas e poderem ama-lo mais perfeitamente. Não é nunca bastante o amor que teem para lhe dar; e onde quer que esteja a sua alma, ainda que não possa falar com a voz do corpo, hão-de ouvir o bem segredar-lhes no fundo da consciencia, que *ele* as conhece, as ouve, e que não ha amor por mais fantastico, inutil e sem éco.

*

* *

Algum tempo depois, Clara precisou de ir buscar á velha mala umas roupas que lá tinha; encontrou o terço e os livros de meditação e orações de outros tempos. Quedou-se a olha-los com um sorriso triste... Que tinham sido na sua vida senão uma ilusão, uma teima contra a luz serena da natureza? E nunca lhes perdoava que tivessem sido a causa daquela resposta dada a João, que a teria tornado infeliz para sempre sem a bondade delê e o grito que finalmente rompera do fundo da sua alma.

Levou-os para a cozinha, e enquanto um grande fogo os destruia, Clara ia pensando que ninguem mais iria buscar naqueles, a origem de tanta confusão e negação da vida como lhe tinham dado.

PARTE SEGUNDA

A MORTE

XIX

Presa duma embriaguês indizivel, toda a sua vida se encontrou nele. A ancia de perfeição e de beleza que a visão de Deus creara nela, materialisava-se no objecto do seus amor; e entregava-se-lhe como a religiosa se entrega ao seu Deus, *sem uma reserva, sem uma duvida, sem o esboço dum desejo para si.*

Amava-o, e amar é dar a propria vida, o proprio sangue. A sua natureza de fogo achava pouco tudo que tinha para dar-lhe; quizera rasgar o peito para ele lhe ver bater o coração, apara ele lhe tocar morrendo a sorrir-lhe, pela ferida que por salva-lo e lhe sentir o ardor.

E a sua imaginação fazia-lhe desejar provas em que houvesse de sofrer por encontrar inimigos que a ferissem quando se metesse de permeio para salva-lo; uma doença em que ele fosse abandonado de todos, e só ela, noite e dia o velasse, sallhe haviam feito, e pedindo-lhe que fosse feliz sem vando-o com mil cuidados e mil ternuras. E via-se

ela, feliz de outro amor, enquanto ela o abençoaria da eternidade, abençoando com ele, todos que o amassem; e via-o a ele, doente, sorrindo-lhe como a unica e suficiente luz da sua vida...

E as noites passavam, vendo-o, vendo-lhe o olhar mais puro que a luz de Deus; e as noites passavam, sem que aquele deslumbramento se desvanecesse. Andava aeria, sorria a tudo, abençoava-o por existir, abençoava-o por deixar-se ver, por deixar-se olhar, agradecia-lhe até o deixa-la atrever-se a querer-lhe assim, sem a repelir.

Escrevia-lhe cartas repassadas de infinita ternura, em que lhe dizia que seria dele para sempre, ainda que a não quizesse mais. E parecer-lhe-hia uma blasfemia, uma infamia, pensar que para amar precisasse de preguntar-lhe se tambem a amava. Amor com amor, todos dão; mas ela queria-lhe mais que todas as mulheres do mundo tinham querido— acaso se pregunta a Deus se ele nos ama para o amar alguem sobre todas as coisas?

E indo mais além, misturando continuamente o seu amor, ao unico amor de que ouvira falar, esse amor sobre humano que renuncia aos pais, e aos irmãos, para dar a vida inteira em holocausto, indo mais longe ainda, prescindia do céu, prescindia de qualquer especie de compensação para o seu amor, e humilde, submissa, pedia-lhe unicamente que se deixasse adorar a troco do abandono, a troco do sofrimento...

O beijo que recebera naquela tarde de abandono, não acordara nela a menor desejo de prazer; todo o seu ser estremecera ao sentir-lhe a boca, e

pouco a pouco a vida fugira-lhe, até a cabeça cahir pesadamente no hombro dele; depois, acordara lentamente, com os olhos cheios de lagrimas, com a garganta presa, admirada, duma admiração em que cabia o infinito. Como era estranho... O que era? o que não era? Oh! ela do que tinha desejo era de ajoelhar, pôr as mãos e ficar para sempre a vê-lo, a vê-lo, naquela febre insaciada de grava-lo na propria alma.

E deu-se toda assim, a beber-lhe o olhar e a presença como quem bebe luz, e nada mais. Para ela, vê-lo, adora-lo mudamente, sorrir, bastava-lhe; deu-se por ele, porque ele queria, e quem ama dá tudo, até a propria vida, e dá-o com alegria.

Mas não que nunca nela houvesse um estremecimento sensual; por ela, quereria apenas vê-lo sem que a visse, para poder beber toda a sua vida, sem o importunar, para poder abençoa-lo de vê-lo e de existir, e a sua maior caricia, o seu gesto de amor e esse mesmo a que mal se atrevia era pegar-lhe na mão, e beijar-lha devagarinho, para não o incomodar, e para que não se zangasse de ela se atrever a tanto.

Mas ele repelia-lhe essa caricia, a unica a que se atrevia, talvez por não compreender semelhante adoração; e Clarita, esforçava-se por sorrir, e ficava triste, com o coração dorido, a scismar...

Mas aquele amor etereo e febril redobrava; e a força da paixão era tal que bastava para ama-lo e para sentir-se amada. Os dias em que ele não aparecia encontravam sempre nela uma desculpa; e conformava-se escrevendo-lhe ternuras que fica-

vam sem resposta, porque ele não tinha tempo, em que era a primeira a dizer-lhe que ele tinha razão em não vir, que ela bem sabia que ele lhe queria muito, mas que ainda que assim não fosse, ela havia de querer-lhe sempre da mesma forma, e eternamente.

Tudo que lhe desse era pouco, e era pouco sobretudo para o que desejaria dar-lhe; ele aparecia-lhe como a força creadora do universo, o proprio Deus a quem se deve a luz que nos alumia e o pão que comemos, como belesa imortal, como a propria perfeição inatingivel, aquela belesa cuja vista torna os eleitos eternamente felizes.

Nada mais leal, mais generoso, mais sincero, do que ele; e estava bem convencida de que o não merecia: que fizera ela para tão grande felicidade? como ele teria razão em não gostar dela...

E a mêdo, agarrava-lhe na mão para beijar-lha; ele retirava-lha, e preguntava-lhe brevemente o que queria—e Clara, retraida, medrosa, não se atrevia a explicar-lhe aquela adoração que não desejava mais que vê-lo, mal se atrevendo a tocar-lhe, porque visto ele não querer, aquilo devia ser grande tolice. Cada vez mais timida, cada vez mais humilde, os olhos tinham grandes suplicas que pretendiam explicar-lhe o que a voz não podia, e ás vezes, baixava-os, confusa, envergonhada, convencida de que não sabia ama-lo, e de que estava certamente destinada a perde-lo.

Escrevia-lhe então longas cartas a contar-lhe o que sentia e não podia dizer-lhe: que compreendia bem as suas longas ausencias porque ela só sabia

contraria-lo; que lhe perdoasse escrever-lhe tanto, mas era a unica forma de dizer-lhe alguma coisa de aquele amor tão grande que por ele daria a vida.

*

* *

E assim correram meses de solidão para Clara: profundava a alma em busca das razões de ausencias tão grandes, mal cortadas por rápidas entrevistas de minutos com intervalos de semanas e meses. No seu longo meditar passavam e repassavam todos os principios que segundo ouvira, deviam guiar a mulher; e examinava-se cuidadosamente para ver se até ao intimo era purissima, e se desdobrando a alma perante ele, a toda a luz, não poderia ser-lhe *encontrado um desejo menos puro ou sequer o desejo de qualquer satisfação para ela*, que pudesse representar uma contrariedade, um leve aborrecimento para ele.

Não encontrava nada que censurar-se; meditando, num esforço continuo por atingir o que cuidava ser a maior perfeição, por ele e para ele, Clara não sentia a mais leve curiosidade por compreender a vida nova em que entrara, ao ligar um homem á sua vida, tão intimamente, para sempre. Não sabia, nem cuidava mesmo que houvesse mais a saber do que sabia então, pouco mais do que sabia aos dez anos, porque embebida nessa sêde de puresa nunca deixara sequer demorar-se o pensamento, nalguma curiosidade que raras vezes lhe segredava que a vida devia ser mais alguma coisa.

Nunca o amor lhe aparecera como uma fonte de ternura e de alegria *reciproca*, e menos ainda de prazer, palavra que sempre lhe haviam ensinado como ligada á ideia de impuresa e de pecado que não sabia o que era. Amor, para ela, era apenas sacrificio, dedicação resignada, sorriso de encanto por dar a vida por alguem, com sofrimento. E á semelhança de Deus que nessas condições, marca os escolhidos, cuidava-se mais que suficientemente compensada por ele a tolerar, e não repelir aquele amor.

Prazer, se a ideia alguma vez lhe acorresse, repelila-ia indignada consigo mesma, cheia de vergonha, e incapaz de erguer os olhos para ele que havia de julga-la *egoista e infame*. E junto dele, a sós com ele, Clara permanecia tão fria como se tivesse dez anos, e encantada como se pela primeira vez visse a luz.

E João, aborrecido e irritado, de palavras secas e cortantes, partia para nova ausencia de semanas ou mais...

Dentro de Clara cahia uma tristeza infinita; qualquer coisa lhe dizia que lhe faltava fosse o que fosse... e presa duma angustia despedaçadora, e de negros pressentimentos, buscava e rebuscava o que era, sem conseguir atinar.

As suas cartas redobravam de ternura, e não havia desculpa que a sua bondade não encontrasse para aquelas ausencias; redobrava de cuidado para ser mais pura; esforçava-se para que a modestia do seu porte e do seu vestuario fosse tal que nenhum olhar de homem lhe tocasse; e ela que já era

modestissima, habituada á regra do convento, quando apenas pensava em Deus, encontrava agora maneira de disfarçar toda a graça e saude do seu corpo esplendido, e toda a luminosidade dos seus olhos.

Em vão porém, punha em pratica tudo que sabia ácerca da maneira de atingir a perfeição moral; quando depois de uma longa ausencia, alcançava a graça de vê-lo, havia sempre o mesmo mal estar, sempre a mesma rudesa na partida, e sempre lhe ficava nalma a mesma angustia em procura do desconhecido.

Pouco a pouco tornou-se-lhe permanente aquela tristesa imensa; não fôra nunca *coquette* e a modestia com que se disfarçara para que a não incomodassem os olhares e ditos de quem passava, e se furtara aos galanteios dos conhecidos, aliáda ao profundo desalento que a fora invadindo, fizera-a completamente indiferente ao exterior; o arranjo descuidado, os olhos pisados, a maceração do rosto, e aquele silencio que sempre a separava do resto do mundo, tornavam-na uma daquelas dores vivas que são tanto mais amarguradas quanto é certo que nem sequer acordam nos outros o desejo de cura-la, ou sequer a curiosidade de saber porque sofrem.

D. Amelia vendo-a deixar a igreja, convenceu-se de que ela estava curada da monomania religiosa; e socegou por completo ao ver que a par desse abandono, nascia em Clara a boa disposição e alegria—que haviam acompanhado o nascimento daquele amor. Quando novamente a viu preocupada, e assistiu á sombra que lhe ia inva-

dindo o rosto, não lhe ligou importancia de maior porque nunca lhe passou pela ideia que ela fizesse misterio de algum namoro, sabendo ela bem que todo o desejo de D. Amelia era vê-la amparada.

Demais, Clara, em casa disfarçava quanto podia; redobrava o trabalho, muito embora as lições lhe fossem um tormento, com o espirito cheio de anciedade e preocupações, e assim passava fora de casa todo o tempo que podia. Mal acabava de jantar, encerrava-se no quarto com os livros e papeis; D. Amelia atribuia aquele olhar pesado, ao estudo e ao trabalho, e dava-se a cuidar que talvez ela viesse a ser uma daquelas mulheres que nunca amam, talvez notada pelos trabalhos que de futuro viesse a produzir. Era a opinião de quantos conheciam o feitio de Clara, metida consigo, sem vaidades feminis, soturna, ocupada de lições, livros e papeis, e de ideias mais ou menos em contradição com as de toda a gente, quando chegava a expandi-las.

E nisto descansava.

XX

Clara, na sua enorme solidão, pensava, que se ele viesse mais vezes, e conversasse, e desse ocasião a que ela perdesse aquela timidez e lhe mostrasse as suas ideias, havia de dar-lhe alguma opinião que a orientasse sobre a sua maneira de proceder, e sobre o que lhe faltava, a ela, para serem felizes.

Com efeito, sendo certo que lhe queria tanto, e não havendo nada que não desejasse fazer para agradar-lhe, não havia maneira de se entenderem, e dentro dela nunca se apagava aquele receio enorme, como se dele houvesse de vir-lhe uma desgraça infinita.

Mas encolhia os ombros quando esta ideia a perseguia, sem conseguir nunca arranca-la lá de dentro. Por fim censurava-se indignada consigo mesma: Era preciso que ela fosse bem vil para cuidar mal dele, tão bom, tão generoso, tão leal... Leal, sobretudo. Era lá possivel que ela fosse de tão ruim espirito, que lhe passasse pela ideia que ele pudesse ser desleal?

E para que ela fosse infeliz, era preciso que ele lhe faltasse...

Socegava, sem que a saudade, lá no fundo deixasse de moer. Ele não vinha, era certo; ele não respondia sequer ás cartas em que lhe pedia que aparecesse para conversarem, para que o espirito dela pudesse acompanhar o dele, e não viver mais buscando em vão, o que lhe faltava na vida...

Mas a culpada das ausencias era ela decerto; sentia-se inferior ás outras mulheres, não sabia em quê, e não tinha a quem pregunta-lo; nem se atreveria: havia dentro dela a intuição de que o que lhe faltava, só podia ser-lhe desvendado por ele, e por nada, iria buscar esse conhecimento a outra fonte: seria roubar o que lhe pertencia a ele.

Nunca se habituara a ver-se ao espelho, e córava envergonhada se nele encontrava o proprio olhar casualmente. No convento, a vaidade era a maior dos pecados porque ele era a fonte de perdição da mulher, e nunca lá vira um espelho que era tido como pior conselheiro do que o diabo. Em casa só havia uns espelhos pequenos, mas mesmo nesses, não se habituara a mirar-se; e no seu engano de que a maior modestia seria o que mais agradaria ao escolhido, não se lembrara de examinar-se; confiava em que a belesa moral vale mais do que a fisica e nela se esforçava; fisicamente, lembrava-se bem do que lhe diziam em pequena, sobretudo da belesa dos seus olhos que chamavam a atenção de toda a gente; mesmo aos feios, a belesa da alma dá encanto; e não se cuidando feia, descansava em

que o seu rosto teria encanto bastante para ser amada...

Mas, um dia, entrando numa loja onde havia um espelho em que podia mirar-se toda, reparou numa figura pouco graciosa e tristissima que avançava...

Reparou melhor, afirmou-se para convencer-se de que era o seu chapeu, o seu vestido, os seus sapatos... era a sua cara; eram aqueles os seus olhos que tinham sido lindos...

Invadiu-a um misto de sentimentos incoerciveis; desalento, vontade de chorar, espanto; não compreendeu como ela, tão cheia de vida, tão alegre, tão simpatica, se havia tornado naquele monstrosinho antipatico e macilento, com aqueles olhos de desenterrada; teve vontade de morrer, e ao mesmo tempo cuidou compreender porque era que João a abandonava.

De volta a casa, revia-se toda como no espelho; lembrava-se de que aos quinze anos, se havia visto tambem, e a sua figurinha, o sorriso, o brilho dos seus olhos, a linha tão bem lançada do pescoço e das ancas a fizera sorrir de prazer, e tivera de confessar-se desse pecado, que tantas tentações tivera de repetir, apesar de ter baixado os olhos envergonhada, ao sentir-se bonita.

Depois, lembrando-se melhor dos conselhos e pratica do convento, onde as que tinham o cabelo ondulado, o puxavam para traz com pasta de sabão, e o atavam com um atacador das botas, fizera um grande esforço e conseguira esquecer a tentação. Agora porém, que não era o pecado, que a

atormentava, quedava-se a pensar se esse seu receio pelos galanteios, pelos olhares admirativos dos que passavam não seria apenas a continuação do estado de espirito do convento, e se não era mesmo um crime desfear, assim intencionalmente o que devia ser belo.

Mas num impeto lembrou-se da belesa grega, nua, esplendida, como um grito de alegria e de agradecimento ao creador e ficou espantada de como dentro dela podia abrigar-se tamanha contradição: a destruição voluntaria e pratica da belesa propria, e aquela admiração arrebatada pela belesa helenica.

Lembrou-se da admiração de João pelos gregos, a sua admiração e a sua pratica constante da belesa fisica, e considerou-se a maior pateta do mundo. Sorriu-se e a medo foi colocar-se deante do espelho pequeno, sim, mas suficiente para refletir um outro olhar, o da esperança, ou o da certeza de que ele, quando viesse, iria encontrar outra mulher.

E pôs-se a cantar... e atreveu-se a sorrir novamente ao espelho... e foi buscar os vestidos, descoseu, e cortou, e alinhavou e coseu, até que eles pudessem revestir a figurinha airosa que ela podia ser.

Examinou os chapeus, os vestidos, os sapatos, e os seus dedos habeis tudo compuzeram e transformaram. Mal apanhou uma toilette pronta, vestiu-se, compôs os cabelos com cuidado, e correu ao mesmo espelho onde se vira velha e macilenta, de olhos pisados; e ao ver aparecer aquela figura viva, como a ressureição mais mulher, da menina de

quinze anos de pescoço e ancas bem lançadas, e de olhos a fulgirem mil vidas, Clara quasi bateu as mãos de alegria, quasi bradou alto o seu contentamento, e voltou costas depressa, depressa, com medo de que a aparição se sumisse, para se entregar á alegria da primeira vez que o visse, e em que ele, certo, oh! certamente, havia de querer-lhe muito e ficaria contente por ter uma mulhersinha que era tão bonita, e talvez mais bonita do que as outras — pelo menos aos olhos dele.

XXI

Pôs-se á espera dele com uma alegria infantil, como se ele houvesse de vir naquele mesmo dia ou no seguinte. E cada dia em que o sol se punha sem o tornar a ver, o coração apertava-se-lhe dolorosamente e sentia vontade de desistir do esforço de enfeitar-se. Mas calava a saudade e o receio de que ele ainda se demorasse e no dia seguinte continuava lutando por ser bonita; mas o pior inimigo que ela tinha, era aquela saudade que a minava, aquela voz que a acordava a dizer-lhe que era uma patetice esperar, que se entregara a uma ilusão, aquela voz que estava lá dentro como um sapato apertado de que ela teimasse em esquecer-se.

Clara era valente—havia de sorrir e sorria-se. Escreveu-lhe a dar-lhe parte da descoberta que havia feito, contou-lhe como transformara a sua pessoa, e ele nem apareceu nem lhe respondeu; correu aos logares onde sabia que ele costumava passear e não o encontrou...

O desalento apertava-lhe cada vez mais a al-

ma; e aquela desconfiança que tanto a torturava sem o querer confessar a si mesma, acabou por vir á superficie, e escreveu-lhe a dizer-lhe que fosse franco se não gostava dela e não a queria mais. Bem sabia que as relações deles haviam avançado muito, mas ela não pretendia sacrifica-lo a um amor que o não merecia; fosse apenas franco, porque embora o amas e para toda a vida, mais lhe valia uma resposta franca. para nela se apoiar, e buscar coragem duma vida nova. Bem sabia ela que não podia acabar aquele amor que tinha nalma; mas ninguem póde amar por obrigação; ela não tinha tido a felecidade de despertar-lhe esse amor que carece da vida inteira para satisfazer-se; mas o amor que lhe tinha era tamanho que bastara para crear o sonho em que viveria para sempre, bastando-lhe saber que mesmo sem ela, ele era feliz. Pedia-lhe apenas que a desenganasse, porque era bem mais facil viver apenas num sonho de saudade resignada e sem esperança, do que naquela exaltação e incertesa, um momento cuidando-se a mais feliz mulher, para durante semanas, votada ao abandono, sem encontrar razão, levar a vida a calar aquela voz que lhe dizia que tudo não era mais do que um engano do seu muito amor.

Em troca de tanta ternura, de tanta carta, pedia-lhe apenas que fosse sincero, e acabasse duma vez com aquela duvida.

Passaram mais dias sem resposta; até que se encontraram novamente. O sorriso de Clara, angustiada por tão longo silencio em resposta á sua

esperança e alegria era forçado, postiço; buscava ler a sua sentença nos olhos de João, e não sabia se falar no contentamento de ter dado pelo que cuidava que lhe faltava, se dar largas áquela duvida torturante e preguntar-lhe se a queria como lhe prometera quando ainda não era dele.

João continuava na mesma disposição de sempre; a primeira carta fizera-o sorrir; já era preciso ser idiota para só naquela altura descobrir o que todas as mulheres sabem de nascença; veriamos se tambem descobria o resto...

A segunda deixava-lhe uma impressão de aborrecimento mal contido; lá vinham as recriminações do costume; já lhe tardava...

E estiraçado, esperava o que ia surgir daquele encontro, sem se dar ao incomodo de principiar.

Clara esperava que ele a recebesse contente, por vê-la bonita, e lhe desse alguma palavra que a animasse; ou esperava que estivesse ancioso por tirar-lhe a duvida que a sua ultima carta manifestara.

João porém, era o mesmo de sempre; esperava calado e em espectativa que ela o não massasse com preguntas sobre se lhe tinha ou não amor, e que se manifestasse com mais entusiasmo a respeito do *resto*... como ele dizia.

Perante aquela indiferença, Clara estremeceu; esqueceu-se de que tinha de ser bonita; acercou-se dele tremendo; nos olhos espalhou-se-lhe uma angustia infinita, e de animo sucumbido, com o peso do mundo sobre os ombros, quiz agarrar-lhe nas

mãos, para beijar-lhas... Ele retirou-as com um ar ainda mais enjoado que de costume. E ela então, com os olhos mais abertos de angustia, com a voz branca, ciciando, mal se ouviu :

— A ultima carta... diz...

E ele, num repelão:

— Eu só costumo dizer as coisas uma vez. Não tenho mais satisfações a dar-te.

E voltou-lhe as costas.

Clara encostou-se á cama para não cahir... Não teve forças nem entendimento para preguntar mais nada; dentro da cabeça, corria-lhe um vento impetuoso; naquele turbilhão não chegava a haver uma ideia. Secou-se-lhe a garganta; não podia falar nem tinha que dizer; os membros inteiriçados recusavam-se a mover-se, e assim ficou, não podia dizer se minutos, se horas, até que a voz dele, áspera a acordou:

— Então, não dizes mais nada? Para isto era escusado cá vires.

Os olhos dela pousaram nele a medo; que mais havia ela de querer, que mais podia importar-lhe do que saber se podia viver mais do seu amor?— mas não falou; tinha medo...

João levantou-se:

—Vamos embora; realmente já é ser aborrecida demais.

Clara continuara a olhar para ele sem compreender: mas que podia ele querer.

Ainda se acercou dele timidamente, com in-

tenção de dizer-lhe não sabia o quê; quiz principiar por pedir-lhe um beijo, tremula...

—Deixa-te de pieguices, redarguiu ele brutalmente, só tens geito para pieguices! E pegando no chapeu, sem esperar mais:

— Quando saires, fecha a porta que eu tenho a chave. E não te demores!

XXII

Clara ficou sosinha; sentou-se no leito e scismou longamente...

— *Só costumo dizer as coisas uma vez*, dissera ele. E debalde juntava o coração e o raciocinio, para decifrar aquelas palavras que no pensar dela, só podiam referir-se a uma promessa de amor já longinqua; mas nunca ela tivera um dia de ternura ou uma hora, ao menos, que não fosse desmentida por todas as horas, e dias e semanas que se lhe seguiam.. Não lhe passava pela ideia que aquela afirmação, fosse apenas filha dum orgulho estupido, daquele orgulho que ela admirava profundamente porque o seu caracter rectissimo não lhe permitia mesmo a suspeita de que alguem afirmasse com tamanha arrogancia, a que ela chamava firmesa e convicção, sómente para efeitos exteriores, sem que a consciencia obrigasse a regular o procedimento por tais afirmações.

E as palavras dele não deixavam de martelar-

lhe os ouvidos, e de cair-lhe nalma, pouco a pouco como um remorso mais fundo...

— «Eu só costumo dizer as coisas uma vez...»

A' força de raciocinio e de vontade, conseguiu dominar-se, e sahiu, e lá foi a caminho de casa, triste, embebida nas suas reflexões, buscando sosinha o fundamento das divergencias que os separavam, tanto mais graves quanto era certo provirem de causas tão profundas e incoerciveis que nem o raciocinio nem o coração conseguiam dar conta delas.

Clara continuava a ve-lo como o mais generoso e o mais leal dos homens; por consequencia, a culpa era sómente dela...

E em vão procurava... talvez fosse o seu feitio recolhido e reservado, aquela dificuldade em exprimir a ternura imensa que sentia por ele... mas então porque a repelia ele, no principio, quando toda a sua ternura desabrochava em sorrisos e alegrias? se aquilo que o aborrecia era aquele temor que não lhe deixava desatar os braços para abraços, nem a boca para beijos, e a fazia ficar trémula, e receosa, sem atrever-se sequer a caminhar para ele para o não contrariar, porque lhe repelira as suas caricias, porque ao mostrar desejos de beija-lo lhe voltava aborrecido, que ela só tinha geito para pieguices?

E Clara pensava que se ele tivesse desejo da sua ternura, ao vê-la tão timida, seria naturalmente o primeiro a puxa-la para si, carinhosamente, e a procurar adivinhar-lhe no fundo dalma, até arrancar-lha, a causa daquele temor...

Mas ao ver o abismo em que iria cahir seguindo em semelhante pensar, recuou horrorisada, como quando noutros tempos verificava que o pensamento a levava á heresia e ao pecado. Nunca ela saberia dominar as suas ideias e encaminha-las rectamente:—Que diria João, se soubesse as censuras que contra ele se elevavam no fundo da sua consciencia?

Devia haver outras razões—razões da vida que ela ignorava e devia saber, razões que as mulheres devem saber ou adivinhar...

Culpado não era ele, que bem mostravam as suas palavras ser ele o mesmo dos dias em que se haviam conhecido, e em que lhe parecera que as vidas de ambos se fundiam por modo que nem a morte nem a eternidade podiam separa-los.

E as palavras dele, ainda que rudes, ainda que ásperas e lacerando-lhe a alma como um punhal, nimbaram-se pouco a pouco duma luz: que lhe anunciava que ele, como ela sempre o supusera, homem duma só palavra e duma só fé, era incapaz igualmente de mais dum amor...

Amor rude, amor sem a ternura enlevada que ela havia sonhado; mas amor que se não desmentia...

E pungia-a dolorosamente o remorso de não adivinhar o que devia saber, e de ainda atrever-se a duvidar dele e a julga-lo, protestando que por mais que os factos parecessem condena-lo, nunca mais permitiria que em sua alma caminhassem duvidas ácerca do amor daquele homem que «não dizia as coisas mais duma vez...»

Estas resoluções porém, e os remorsos das duvidas, não resolviam o problema das suas relações com ele; resoluções mais ou menos semelhantes, se bem que fundamentadas apenas nas suas convicções, na fé que nele punha, se não tambem no remorso imenso de o ter ofendido duvidando dele, havia ela tomado cada vez que lhe falara; e no entanto, todos os dias em que se encontravam surgia o problema com mais agudesa que nunca, e reconhecia com magua que não encontrara o fundamento daquelas divergencias.

A' medida que scismava, arraaigava-se nela a convicção de que ela só era culpada: culpada por não saber cumprir como as outras, a sua função de mulher, repelindo-o, em logar de atrai-lo muito embora não soubesse explicar-se porquê; culpada por tão insofrida se mostrar, não sabendo sofrer, de eterno sorriso, eternamente suave alegre e carinhoso, toda aquela solidão, a que ela afinal dava logar; e culpada finalmente, daquela vez mais que nunca, por ter tido a insensatez e a falta de coração de duvidar dele.

Dentro dela, erguia-se até uma voz severissima a dizer-lhe:—Quem vai até ao ponto de assim duvidar dos outros, como é que tem a propria alma? — E entrava nela o desalento profundo de sentir-se inferior, de sentir-se miseravel, até *suspeitar*... Quão despresivel devia parecer aos olhos dele, imutavel; ele duma só palavra, ele que se afirmava o mesmo do primeiro dia, e que razão ele tivera em partir indignadamente, deixando-a só...

E escreveu-lhe aquela carta, em que lhe pedia perdão de ter duvidado dele.

Engano-me sempre que raciocino com o teu amor; perdôa, que de hoje em diante, por mais que meus olhos cuidem ver ou o raciocinio pretenda desorientar-me, por mais saudades que eu tenha tuas, a voz do teu amor será mais poderosa, e perdôa, que eu nunca mais duvidarei.

E quanto mais escrevia, mais a penetrava o sentimento de que procedera indignamente duvidando, e desejava encontrar palavras de amor suficiente para delir tamanha culpa; a saudade e a tristesa tinham abrandado muito a sua antiga resistencia, e viu que algumas lagrimas lhe caiam no papel.

Então apertou-lhe o coração um desespero mais cruciante que o de nunca; e aquela atroz incerteza de si mesma, cresceu, tomou forma, e preguntou-se angustiadamente que tinha de diferente das outras, e porque se dava entre ela e toda a gente aquela incompatibilidade que a afastara de todas as raparigas, que lhe cerrava a palavra para toda a gente, como se ela vivesse num mundo áparte e tivesse uma naturesa anómala. E preguntava-se porque não era como as outras... desejou saber como eram elas, poder interroga-las, vê-las ao fundo da alma para ser como elas, amachucar aquela sensibilidade delicada que a não deixara recrear-se com namoricos, nem provocar ou ouvir divertida a narrativa das olhadelas e dos bilhetinhos que as co-

legas davam e recebiam; e desejou arrancar dalma aquele recato selvagem que a impedia de abrir-se com D. Amelia, e até com a doce Isabel que era feliz com o marido e o filho, no meio de todas as suas dificuldades.

Sentia que tudo isso era impossivel; excepto para com João a quem se não falava, tudo escrevia, entre ela e o mundo inteiro havia um muro, de espessura incomensuravel, que nunca atravessaria; e se ele não se amerceasse dela, e cheio de misêricordia a não encaminhasse, nunca outra palavra lhe abriria as portas da vida: já tentara pedir conselho, já tentara preguntar como era a vida... mas como a sensitiva que se encolhe quanto lhe tocam, ainda ninguem podia saber a que ideia remota visava a pregunta, e já se arrependia e levava a conversa noutro sentido.

Tentou reagir contra o desalento; sabia bem que a tristesa não era forma de cativa-lo; se alguns momentos havia tido meños tristes, haviam sido aqueles em que recalcara toda a preocupação e saudade, e soubera sorrir como se o tivesse visto na vespera. Pois reagiria, pois sorriria... E sorrindo, sentou-se á secretaria e antes de adormecer, escreveu aquele breviario, a que tantas vezes se agarrou depois, em momentos de desvairo, para que a lição e a resolução dum dia de desalento e remorso, não fosse fruto perdido.—Quantos dias depois desse, essas meditações e resoluções, não foram o amparo daquela vida a quem cada vez mais fugiam todas as razões de crer, para convencer-se sempre, sistematicamente, e até lá ao fundo da conscinncia onde

as ideias e sentimentos se arraigam independentemente de toda a vontade, como se fosse dum extranho, sendo de nós mesmo, para ver se mesmo de ahi arrancava aquela convicção que crescia, e se via, e era como uma segunda pessoa, de que afinal todo aquele amor era uma ilusão, que ela alimentava teimosamente, porque a sua consciencia não lhe permitia que se renegasse.

*

* *

Deves ser superior a todas as dores, a todas as contrariedades, a todos os infortunios, e passar como os deuses e os herois antigos sem que a tua fronte se perturbe, nem diante da morte. No teu rosto só ha-de reflectir-se a alegria e a emoção da ventura; quando a dôr fôr grande, fica serena e impassivel, como se fosses de pedra.

* * *

Acima de tudo puzeste o teu amor: a maior condição para o alcançares é essa superioridade de todos os momentos. Lembra-te de que não é nas alegrias que se dá prova de caracter e de superioridade, mas precisamente naqueles casos em que a maior parte da humanidade sucumbe.

* * *

Sepulta no mais profundo silencio, todas as causas de amargura que te dê a vida: acabarás por

transformar essa amargura em causa de alegria, e mais preciosa te será a victoria, se tiveres fugido ao sofrimento, de tal maneira que nem a ti propria o confesses.

* * *

Sê de pedra perante a dôr, e profundamente sensivel á felecidade: terás encontrado uma fonte perene de felecidade para ti e para os que te rodearem.

* * *

Se do teu amor, só te viessem alegrias, nunca terias ocasião de mostrar a tua firmesa e amisade; não farias mais do que ser grata, e a gratidão é apenas um dever banal.

* * *

Quanto maiores forem as provas por que tiveres de passar, maior estima te virá depois, e mais segura a felecidade: não ha verdadeira nem segura amisade, nem sobretudo amor, que não seja cimentado pela provação das circunstancias da vida. O resto é capricho e fantasia, que se vai assim como veiu.

* * *

Sabe esperar, imperturbavel, serena, firme e desinteressadamente; tem a coragem de não fazeres diferença entre os que se põem entre o objecto dos teus desejos, e os outros, quando eles ignorem

que te estão fazendo mal: Esse mal provém apenas da tua fantasia, porque o tempo ha-de transforma-lo em bem, se o soubéres aproveitar.

* * *

Não ha mal que te atinja, nem o propositado, se não estiveres disposta a deixar-te ferir: para termos mal, é condição primacial estar disposta para sofrer: se não quiseres em boa verdade, ninguem será capaz de te fazer estremecer.

* * *

Traz para o teu amor a firmesa e coragem contra a dôr, que tens em todas as circunstancias da vida: não tens o direito de duvidar da felecidade, porque um momento não destroe as raizes que a mutua ternura e dedicação, construiu durante muitos anos.

* * *

Lembra-te de que és mulher, e que á mulher foi reservado o papel de dedicação, da abnegação e do mais desinteressado amor. Em teu amor não deve haver vaidade, nem soberba, nem egoismo: o teu amor deve ser superior a tudo que te fira a ti propria.

* * *

Quando houver uma nuvem na tua felecidade, lembra-te de que muitos dos mais formosos dias de

sol amanhecem cheios de nevoeiro: é ao calor do teu amor, sereno e imutavel como o sol, que esse nevoeiro deve dissipar-se.

* * *

Que nunca o teu sorriso ou o teu olhar tenham uma censura; a ti não compete julgar, mas apenas receber com mais ternura, aquele que esteve afastado de ti, para lhe fazeres esquecer que uns momentos viveu, sem o teu amor: As almas grandes e generosas não carecem de censura, mas comovem-se com serem amadas sem limites.

* * *

Não guies o teu procedimento pelos dizeres da sociedade: reconhece-te um unico direito: o de amares sem limites, que é a fonte da maior vida e da maior ventura. Não serias tão grande como a maior das mulheres, se não amasses tanto como as que mais amaram: alia á submissão sem limites da religiosa, a graça da creança, e o sorriso dos encantados: não queiras que haja um amor que se sujeita sorrindo a propria morte, e que o teu não seja desses.

* * *

Pediste como favor supremo, o de morreres com o teu amor: como podes aliar esse pedido, com

o orgulho ou a revolta quando ele se não submete a tudo quanto quere?

* * *

Vence-te na dôr, e excede-te, abandona-te ao amor e á alegria: Fa-lo por ti, mas fá-lo sobretudo pelo teu amor, porque é a maneira de só lhe dares alegrias.

* * *

Se desconfiares de teu amor, desconfias de ti mesma: desconfias da certeza do teu instinto—força suprema da vida—desconfias das forças superiores imutaveis, que não formam almas superiores num dia, e mesquinhas noutro.

* * *

Lembra-te sempre de que Deus existe nas nossas almas, de que é nós proprios, e que temos tanto mais de Deus, quanto mais superiores somos:

Ha muitas almas dessas pelo mundo, mas aquela a quem foi dado iluminar a tua, unindo-se com ela, foi a do teu amor: Pódes duvidar dela?

* * *

Lembra-te de que muitas vezes te enganaram as aparencias, e de que o teu amor tinha razão, contra os raciocinios mais seguros, e os factos que mais certos pareciam: só nunca te enganou a

tua confiança cega contra tudo e todos, mais forte que os teus olhos e a tua razão.

* * *

A vida não é pois difícil: só tens de preguntar-te qual é o caminho do maior amor, da maior serenidade, da maior confiança: tu não te pertences: déste-te toda ao teu amor e não tens o direito de fazer, de dizer, de pensar nada, que diminua a doce serenidade da sua vida.

XXIII

Com os primeiros dias e a firme resolução de não mais duvidar e sorrir para ser bela e feliz, na solidão de Clara apareceram nitidamente as outras frases que João dissera á semelhança de outras vezes: as silabas caiam-lhe no ouvido e nalma como se alguem as pronunciasse de novo, destacadamente.

«Para isto, era escusado cá vires».

«Já é ser aborrecida».

«Deixa-te de pieguices, só tens geito para pieguices».

E estas frases, caindo cadenciadamente, sem descanso, a martelar-lhe os ouvidos, lembravam-lhe que o problema não se resolvera com aquele programa de serenidade, e que o primeiro dia em que se encontrassem, tornariam desavindos, como sempre, ele mais aborrecido, ela mais desanimada.

Que lhe faltava para ser como as outras?

Sacudiu um pensamento que já por varias vezes a importunara...

Logo no primeiro dia em que se haviam en-

contrado depois da estada no club em que o seu destino se resolvera, João apresentou-lhe um folheto com gravuras que lhe causaram repugnancia, e disse-lhe:

— Lê isso que já ficas sabendo tudo.

Leu as primeiras frases e envergonhada tornou a dar-lho, sem se atrever sequer a fita-lo. Zumbiam-lhe os ouvidos e não queria pensar no assunto; preferia não pensar... Sabia porém que aquele livreco, pequeno, de poucas páginas, com bonecos repelentes a côres, era um daqueles que a policia apreende nas tabacarias mais reles, por obscenos e imorais. *Sabia*, mas não queria saber; aquele facto era um dos tais que ela convencionara consigo mesma que nunca tinham existido, que tinha sido alucinação e que era indigno pensar nisso: não tinha existido, com certeza. E no entanto *via* o encolher de ombros, com que ele o guardara, o sorriso curioso com que a observara...

De outra vez, fôra pior: João quiz obriga-la a falar-lhe como no livro que ela repelira; e então a voz prendeu-se-lhe na garganta, os ouvidos zumbiram-lhe novamente e perdeu a noção do que se passara. Sabia apenas que ele lhe afirmara categoricamente que ela podia dizer-lhe tudo, e que depois a expulsara, ainda irado, e que se haviam passado meses sem que ele lhe falasse sequer.

Mas Clara sacudia sempre estas lembranças: *aquilo não tinha existido;* estava tão perturbada como num sonho, e podia bem ter sido um sonho máu, uma confusão nervosa; era indigno pensar aquelas coisas ácerca dele, e que ele a repelisse por

ela não poder tolerar... Não, aquilo era alucinação, não tinha existido.

E Clara chegava a convencer-se realmente de que aquilo não sucedera nunca, mas que o vira como se fosse noutro mundo.

A's vezes porém, depois das suas costumadas separações cheias de mal entendidos, como ela lhes chamava, com a lembrança de certas frases dele, de certas maneiras quando era mais familiar, de certos olhares, apareciam-lhe as scenas daqueles dois dias, o olhar mau com que a fitara... e parecia-lhe que tudo aquilo se ligava, e que para agradar-lhe...

Naquele dia, estas lembranças punham-se diante dela como se existissem materialmente, e não conseguia afasta-las; seria aquilo o que as outras tinham de diferente dela? Porque a ela não podia passar-lhe pela ideia, que fosse ele, a sumula de todas as perfeições, que fosse diferente dos outros, para pior...

Estremeceu... estremeceu...

E afinal, não lhe dera a vida inteira? afinal não se entregara por ele, só por ele? E ela que não sentira ainda a sombra dum desejo, resolveu tentar fingir, fazer um ultimo esforço: talvez fosse aquilo...

Angustiada, sorrindo, calcando o estremecimento que a invadia, com a consciencia a dizer-lhe que fazia bem e mal, dominando a repugnancia que

ela se impunha reputar agora tambem uma pieguice, escreveu-lhe uma carta em que exprimia tão velada e claramente quanto lho deixava todo o seu pudor, e a vontade de cumprir o que era porventura o seu dever, o que ela cuidava que devia ser desejo...

E conseguiu meter a carta no correio; mas mal o irremediavel estava feito, caiu-lhe nalma um grande remorso, a certesa de ter cometido um crime, de mentir, de não sentir assim, porque a fonte da vida era certamente um arroubo, uma ternura infinita e santa, em que a mulher quer ao homem a bem dizer como ao filho... E aquele amor assim, com aquelas palavras, á semelhança do tal do livreco, era um ultraje, era uma infamia... Cuidou-se perdida para sempre no conceito dele...

E com grande surpresa, ele no dia seguinte apareceu. Falaram, obrigou-a a ir mais longe; e Clara convenceu-se de que se havia enganado; de que aqueles modos e palavras não brigavam com o amor; convenceu-se de que assim é que devia ser, e para justificação, dizia-se que era á semelhança dos antigos...

Começou uma epoca nova, em que ela sentia lá no fundo que a felicidade e o amor não eram aquilo; mas por ele, continuou fingindo como nessa primeira carta... Estudava o que havia de dizer, e só as cartas diziam mesmo mais do que seria de esperar, porque na ancia de excitar-se, ia além do natural, como em todos os sentimentos que são fingidos e forçados; João compreendia que ela, ao che-

gar junto dele nada sentia, apesar dela lhe afirmar o contrario, em palavras frias junto dele, em cartas artificialmente inflamadas...

E na alma daquela rapariga que sorria e fingia febres, existia agora sómente uma esperança de felecidade, como do unico amor capaz de encher-lhe a alma: um filho.

XXIV

A ideia do filho não a largava; quando o via, a ele, agil, forte, desempenado, pensava na alegria de dar origem a vidas como aquela, e poder chamar-lhes suas, mais suas que tudo que pudesse possuir. E olhava-o avaramente, observava-o dos pés á cabeça, e sobre todos os seus desentendimentos estendia-se o orgulho enternecido de pensar que apesar de tudo, aquele homem seria o que havia de dar-lhe uma vida nova, ocasião de formar um novo ser, uma nova alma. E nos seus sonhos, via o filho já homem, forte, sereno, saudavel e leal como todos os fortes, vencendo a vida como um heroi antigo, pela força da sua serenidade, da sua energia e da confiança em si mesmo.

Foi primeiramente um sonho longinquo e impalpavel, que depois se afirmou lenta e lentamente; devia ser assim... Mas só muito tarde se atreveu a escrever-lhe a ele desse sonho que lhe enchia a alma; como sucedia com tudo que muito desejava, não se atrevia a falar... Temia que as palavras lhe

destruissem o que sonhara; pensava que tinha a certeza, de que ele, um homem, não podia deixar de ter orgulho em ter um filho, e ao mesmo tempo não podia saber o que era que lhe atava a voz e não lhe permitia fazer a mais leve referencia aquele desejo.

Surpreendia-se a prescrutar-lhe nos olhos, nos gestos, o que poderia ele sentir a tal respeito, sem que entre eles se houvesse nunca abordado o assunto; muito embora não quizesse confessa-lo nem a si mesma, e isso fosse como a recordação do livro e do máu sorriso daquele dia, lá do fundo das coisas que ele *convencionara* que não tinha nunca existido, surgia uma ordem de prudencia, brusca, rápida, dada nesse mesmo dia, quando ela nem avaliava ainda o que significavam tais palavras. E sofria da presença dessa recordação que não *queria* que existisse: o «não pensar em disparates antes do tempo» que não se lhe arrancava da ideia, servia apenas para convence-la, de que isso tinha existido, era por cedo, e que ele não renegaria o filho se ele viesse...

Mas não se atrevia a falar; podia quebrar-se a convicção, e teria que descrer dele, teria que julga-lo mal, teria que afastar-se dele, quebrando toda a esperança de jámais chegar a viver do amor dele, sem alcançar o filho. Eram as razões que andavam no fundo do seu silencio e que lhe atavam a voz, sem que o confessasse a si mesma; fingia a mesma febre nas cartas, que desmentia na fria presença; e deante dele, punha-se a olha-lo, a ver se vislumbrava nos seus gestos, nas suas atitudes qualquer

coisa que semelhasse deslealdade, que lhe dissesse que ele era capaz de renegar o proprio sangue.

Cansava-se; acusava-se de não saber ter confiança, de ser desleal com o que prometera a si mesma e lhe prometera a ele, naquela carta em que jurara nunca mais suspeitar, e crer sempre mais no seu amor do que em todas as razões por mais significativos que fossem os factos, visto que a razão em amor, como ela dizia, é sempre má conselheira: não, nunca mais lhe poria a duvida do seu amor—e lá no fundo preguntava uma voz: «que amor?» E então, para se atordoar, buscando convencer-se a si mesma, e sobretudo para convencer-se a si mesma, pois aquelas cartas que nunca tinham resposta deviam ser-lhe a ele, pouco mais de indiferentes, escrevia-lhe paginas e paginas de amor, mil caricias e mil enternecimentos que á força de imaginados a deixavam por fim convencida de que a duvida fôra um mau pensamento momentaneo, longinquo, que desaparecera.

*

* *

Mas havia dias atrozes: havia algum tempo que encontrara em casa da Isabel uma senhora de maneiras curiosas e um á vontade original, que lhe abrira repentinamente uma janela da vida: não sabia, como familiarmente, falara-lhe de coisas que até ali ninguem lhe falara, com uma naturalidade que a deixou presa e curiosa ao mesmo tempo.

Ouviu, tornou a falar com ela mais vezes, e

com grande surpresa sua ficou *sabendo*, mas sabendo lá de dentro e não apenas de ouvido, que os homens fazem a côrte a todas as mulheres. Esta convicção ia contra tudo que ela cuidava da lealdade que todos devemos a nós mesmos; já tinha ouvido isso muitas vezes, de leve, sem factos em que apoiar-se, e tinha essa afirmação, como um principio que se podia aplicar a todos, menos ás pessoas que ela conhecia. Para ela, nenhum dos homens com quem falava era capaz de dirigir uma palavra ou um olhar sobre mulher que lhe não pertencesse; mas quando D. Augusta lhe contara aquelas anedoctas a respeito deste e daquele, gente conhecida, via e compreendia de tal maneira que o seu modo de ver a vida era tamanha tolice, que nem se atreveu a comunicar-lha; limitou-se no primeiro dia, e só no primeiro dia, a sustentar que não percebia porque é que os homens se arrogavam semelhante direito, pois se eles se não contentavam com a sua mulher, fatalmente iam obrigar as mulheres a não terem tambem um homem apenas.

D. Augusta, com a sua experiencia da vida, sorriu da ingenuidade, e contou-lhe mais historias; comparou os homens com o galo, e com alguns outros bichos, enquanto dizia que todo o orgulho da sua superioridade de mulher, e de mais, idosa e solteira, estava em não precisar do homem para nada. Clara não podia concordar, nem com a sua indiferença perante o tão necessario carinho do homem, nem com o reconhecer o homem tão abandonado aos mais baixos instintos, que só podia comparar-se com os bichos...

Não podia discutir, dados os seus poucos conhecimentos da vida, com uma senhora que a todos os principios que Clara defendia, opunha historias da vida pratica que se referiam a gente conhecida; mas lá consigo, muito embora cedesse que muitos homens fossem apenas de baixo instinto, permanecia convencida, de que os mais perfeitos não podiam deixar de ter a faculdade de escolha, tanto mais zelosa, exigente e una, quanto maior fosse a sua perfeição fisica e moral: e *ele*, o mais perfeito, escolhera-a a ela, e por consequencia, não podia variar; ele, leal e verdadeiro, prometera-lhe amor, e ele não mentia.

E depois dessas conversas com D. Augusta, Clara, comparando João com o resto da humanidade, teve-o por maior e mais perfeito do que nunca tivera.

*

* *

No entanto, João trazia habitualmente no pulso uma cadeia, com uma data e o nome de Sara; Clara, sem sombra de desconfiança, preguntou-lhe um dia quem lha tinha dado; João respoudeu-lhe que era um presente da mãe, e Clara nunca mais pensou no assunto.

Algum tempo depois destas conversas com D. Augusta, João apareceu com outra pulseira, em que Clara viu o nome de Margarida. Tornou a preguntar-lhe quem lha tinha dado; e João que nessas coisas ou por muitas, ou por muito tempo ter pas-

sado sobre a conversa a respeito da outra pulseira, não tinha a memoria segura, tornou a dizer-lhe que era uma lembrança da mãe.

Clara estremeceu e nada disse; parecia-lhe de tal maneira impossivel o que estava a ver e a ouvir, que se pôs a scismar se não teria sonhado o que se passara com a outra pulseira. João desviou o assunto; buscou maneira de esconder a pulseira, e Clara, num geito mal dado, poude ler do outro lado, outra data e as palavras «um beijo».

Não teve forças para dizer nada; separaram-se com o mesmo mal estar habitual; quando tornou a encontrar D. Augusta que por si mesma falava sempre na mesma coisa, encaminhou a conversa sem dificuldade no sentido de saber o que faziam as mulheres desses homens, que não se julgavam mais ligados a uma mulher do que ás outras.

Lançou como por acaso, o nome de João; e D. Augusta que o conhecia, sorrindo, contou-lhe historias dele, aventuras graciosas, não da Sára nem da Margarida, mas ainda de outras...

E depois de ouvir, considerando-se mulher dele como se houvessem casado, visto que por ele e para sempre se dera, resolveu calar-se, e viver como até ahi, resignada como tantas outras... Podia vir o filho... E depois, o homem é o creador, e na sua submissão, lembrava-se das indias, tão humildes, tão ternas, que quando o seu senhor morre, o seu corpo vivo é voluntariamente vai a queimar com o cadaver daquele para quem unicamente viveram.

Mas apagara-se-lhe toda a confiança, toda a esperança de felecidade; dentro do peito cravara-

se-lhe uma dôr que nunca mais a largara; a sua bôca que mal se atrevia a abrir-se numa conversa amoravel, cerrou-se mais ainda; o seu corpo tornou-se ainda mais hirto e frio; e os seus olhos cravavam-se nele mudamente, procurando em vão decifrar o misterio daqueles que pódem mentir sem se cuidarem desleais nem mentirosos...

Porque se ele a tivesse deixado partir quando ela pusera a duvida, se lhe houvesse falado com claresa, diria que ele se havia enganado quando a encontrara, e a deixava para procurar o seu verdadeiro caminho; mas assim não compreendia... Debalde procurava decifrar aquele enigma; para não pensar, para se atordoar, obrigava a imaginação a correr, e escrevia-lhe cartas mais fantasticamente amoraveis, cartas que afinal não eram para esse homem, mas para aquela figura de bondade e lealdade infinita que creara dentro de si mesma, e que precisava de colocar nele, porque a ele se entregara, tinha obrigação de ama-lo, e de viver para ele para sempre.

Tinha de ama-lo; era aquele que escolhera, e o seu amor devia ser superior a tudo: e escrevia amor, e convencia-se de que o adorava, e adorava com efeito essa figura de bondade imensa que lhe enchia a alma, a que sorria, e que ela dizia que era ele... Mas ao chegar junto de João, ao sentir que ele mentia, o pensamento parava-lhe, gelava; calava-se; e precisava de fazer um esforço de memoria, quantas vezes inutil, para lembrar-se do que prometera nas cartas, e ver se era capaz de cumprir...

E quando todas estas coisas se lhe pegavam

dentro da cabeça, e as via, e não podia arranca-las de lá nem compreende-las, toda a vida dela emurchecia... Não se lhe arrancava do peito aquele peso, nem da cabeça aquela preocupação, apesar do esforço para imaginar que adorava essa figura imensa, que substituira toda a sua visão de Deus e quanto mais sentia essa visão, e mais a vivia, maior era o temor que dela se apoderava ao fitar João: lá no fundo dela mesma, não se calava a voz que dizia que ela afinal mentia-se a si mesma.

Mas cerrava os olhos resignada: escolhera; restava-lhe a abnegação, a dedicação, a ternura imensa que o trouxera a si...

E os seus labios não se descolavam para falar-lhe meigamente; sonhava com o filho, como o amor que lhe encheria a alma, e que ela crearia e faria então como ele.—Ele, a figura magnifica de bondade, leal e generoso.

Depois de muito sonho, atreveu-se um dia a escrever-lhe da sua esperança — uma tentativa, muito embora dissesse consigo que ele queria o filho com certeza, tal como ela; e ele não respondeu; viram-se e ele nem falou nisso, e conservou a mesma atitude prudente de sempre.

Mas Clara que o temia brusco, rigido, como da outra vez, pôs-se a convencer-se de que ele havia mudado, de imaginação em imaginação, calcando a voz importuna que lá no fundo a torturava, lembrando-lhe todas as razões que tinha para desconfiar de João, acabou por assentar em que nunca ninguem fôra mais meigo que ele, em que iriam ser felizes, e que o filho viria.

XXV

Clara começou a andar inquieta; parecia-lhe que o sonho se realisava, e ao mesmo tempo não se atrevia a participa-lo a João. Como iria ele, receber a noticia? E nem em cartas lhe dava a mais breve luz das suspeitas que a invadiam; de resto não tinha uma noção exacta do que deveria passar-se: calculava, não sabia ao certo como era... Seria melhor esperar; escusava de ter inquietações por suspeitas apenas.

Mas inquietações de quê? scismava. Então não era a realisação do seu sonho? Então não era uma vida nova, uma esperança de amor que ninguem lhe roubaria? Não seria porventura aquele entesinho de ternura o que lhes faltava, para debruçados sobre ele, acabarem aqueles desentendimentos sem causa?

Mas não se atrevia a dizer-lho.—Que iria ele fazer?—E's uma indigna, murmurava. Como te atreves a duvidar dele? Por mais cruel e desleal que ele fosse, muito embora não goste de ti, nem

nunca houvesse gostado, é incapaz de negar o filho, o proprio sangue... Se ele soubesse que assim duvidas dele, nunca mais te olharia, e bem o merecias.

«Nada, é melhor ter a certeza e não dizer nada antes», murmurava. «Ele vai inquietar-se, e é melhor não o inquietar».

—Que fará ele? tornava a pensar. E sempre a mesma certesa e incertesa a bailar-lhe no espirito sem descanso, punha-a mais pensativa que nunca. Depois sonhava com o que faria se tivesse o filho, na alegria de ve-lo crescer, de ve-lo vivo e com saude, de ve-lo depois homem. Sahia do sonho em sobresalto, com a mesma pregunta sobre o que ele faria; encolerisava-se consigo mesma:—Havia que dizer-lho rapidamente para se tomarem providencias; tinham de casar breve, para o filho tambem não sofrer: lembrava-se do despreso com que ele sempre se referia aos bastardos e ilegitimos.

Os dias passavam e o problema tornava-se mais instante; varias vezes pegou na pena para participar-lhe o que havia; outras tantas desistiu: era melhor deixar-se de medos e falar; havia que acabar com aquela situação do mêdo permanente; agora que iam ser mãe e pai, haviam de viver bem; demais, havia o pequenito e por amor dele, tinha de proceder doutra forma.

Reflexões inuteis: *sabia* que tudo aquilo era fantasia e sonho, e que iam desentender-se e por isso, demorava o mais possivel a desilusão sem remedio.

—Podia lá ter duvidas de que iam casar ime-

diatamente!? E teria uma casa como a Isabel, e ele havia de vir á noite, e teria o jantar alegre, e uma mulher cheia de ternura e riso, e um bébé de pésitos no ar, dentro do berço, a rir...

Lá se resolveu a escrever uma carta, onde a mêdo fazia uma alusão misteriosa. João apareceu imediatamente, e Clara teve grande alegria, mas breve.

—O que queres dizer naquela passagem da carta?

Clara estremeceu, baixou os olhos...

—Hum! logo me quiz parecer. Sempre foi então certo que essa mania era deveras?

Pôs-se de pé, com máu humor, a passear dum lado para outro, enquanto ela tremia, sentindo que o mundo lhe fugia sob os pés.

— Logo vi... Não sei que diabo de mania se te meteu em cabeça. Parece que vivemos ha duzentos anos!

—...

—E olha que isto não é brincadeira nenhuma; sempre quero ver como é que vais descalçar essa bota!

Como é que vais... Era então certo, era então ela quem havia de tratar do problema?!

E a boca abriu-se-lhe, e de voz branca, longinqua, murmurou obrigando cada silaba:

—Mas tu não casas comigo? tu não queres o teu filho?!

E ele num remesso:

—Não tenho que te dar satisfações da minha vida.

Clara não falou, não estremeceu; ficou como uma estatua de pedra, sem ver nem ouvir, sentada onde estava, perdida a noção do tempo. E não poderia dizer, se decorreram minutos, se horas, até que o ouviu:

—Bom, vê se te vais embora, que eu tenho mais que fazer.

—Mas então... murmurou ela pondo-se de pé, para sahir.

—Então o quê? Faz o mesmo que fazem todas as mulheres no teu caso. Não podes avaliar o que é o sofrimento de ter um filho...

Clara fitou-o: que faziam as outras? De tudo compreendeu apenas que ele não queria que ela sofresse; e sobre essas palavras em que cuidou ver esperança, partiu...

Voltou daquele encontro de que dependia toda a sua vida, com a alma igualmente angustiada e suspensa da mesma duvida. Ora lhe ouvia as primeiras frases em que não vislumbrava senão indiferença, arrogancia e o desejo de acabar com uma situação que o incomodava, ora ouvia apenas a ultima, que era certamente ditada por amor: e pensava então que todo o máu humor provinha apenas de ele não querer que ela sofresse, e enternecia-se toda; afinal ele sempre lhe queria muito.

Sabia no entanto que isto não era assim; todas as frases da primeira á ultima, lhe rodopiavam no cerebro, e ao mesmo tempo que se impunha, que se obrigava a crer nessa ternura, bailavam-lhe dean-

te dos olhos e caiam-lhe compassada e friamente no ouvido, todas as outras frases, com a sua entonação, sêca e quasi feroz. Não podia precisar o significado de algumas, como o daquela de fazer o que todas as mulheres faziam no caso dela; nos casos dela, que ela soubesse, as mulheres casavam...

E lembrava-se então daquela convicção surda que a acompanhara desde sempre de que ela não casaria, e do pasmo que teve, quando um dia, em casa da Isabel, lhe viera ideia de que ela *tambem* poderia casar. Era uma admiração parecida com a de quem chegando a um espelho visse a reflexão do mundo exterior, mas no logar de si mesmo encontrasse uma arvore ou a lua; o casamento existia, sentia que era esse o unico destino em que seria feliz, mas tinha tambem a ideia de que não poderia chegar-lhe e que sempre que pretendesse alcança-lo, nem a intenção se esboçaria completamente porque ao fita-lo, em logar desse destino, surgiria qualquer coisa muito diferente.

Era convicção surda, algum tanto inconsciente e flutuante, e no entanto profundamente arraigada; uma daquelas ideias, ou modos de ser, que são como uma segunda naturesa, uma sombra indefenida mas persistente que dominam certas vidas.

Sabia que não casaria; *sabia-o* desde que no convento ouvira dia a dia gritar a inferioridade do casamento, sobre o qual nunca pensára até ahi, nem era problema para a idade dela; *sabia-o* desde que mais tarde, mulhersinha a entrar na vida, fugia envergonhada das raparigas da sua idade que se lisongeavam com as atenções dos rapazes e fa-

lavam com alegria dos namoros ou dos noivos, sentindo que o seu amor seria infinitamente maior, e que não poderia nunca expô-lo ao comentario malevolo dos indiferentes; sentira-o finalmente, quando conhecera João, e procedera sempre para com ele, com o abandono e submissão e porventura tambem com a indiferença da religiosa perante Deus, que é infinito, mas que precisamente porque é infinito constitue uma força contra a qual é inutil reagir. *Sentira-o;* nunca se atrevera a pôr o problema a João, nem mesmo depois de pertencer-lhe; e apesar dessa convicção surda que a acompanhava desde sempre, e a que agora não queria de modo nenhum dar ouvidos, sorria á ideia de casar, enganando com a *certeza* de que ele era leal, e por isso nem ela devia falar-lhe em casar, pois era ofende-lo, lembrar-lhe o dever que ele mais que todos, tinha *decerto* presente.

E todas estas *certesas* em que constantemente apoiava o seu raciocinio, como as cartas ardentes que lhe escrevia, sem que a febre, o desejo, e as palavras que ele queria que ela escrevesse, passassem nunca do papel para a boca, eram como tábuas de salvação a que a sua alma se agarrava desesperadamente, para convencer-se a si mesma, para ver se expulsava as duvidas que a laceravam constantemente, mesmo quando não queria pensar nelas, como uma ferida que doe, mesmo dormindo. Aquelas cartas, aquelas certesas, aquelas excitações eram como os remedios por sugestão, que receitam repetir muitas vezes ao dia «não estou doente, estou curado».

Cada um dos seus gritos de febre ou de felecidade, que ela atirava para o papel, eram porém tão obrigados, tão artificiais, tão filhos sómente da tal receita de ser feliz, que depois de cada uma delas, ficava mais triste e mais cansada.

Sentia que era uma luta inutil; escrever-lhe, era como escrever a um balão que houvesse partido a guita que o prendia; não tinha resposta nem quando se encontrava, via nele satisfação de a ter recebido: nem nelas falava...

Obrigava-se porém, a não refletir nestas coisas, e a pensar sómente que ele não podia deixar de quere-la, visto que vinha ve-la, embora de longe a longe, e não a desiludia.

Um homem leal não o faria, falar-lhe-hia com sinceridade; e ela não tinha o direito de duvidar dele; sómente quando soube que havia outras mulheres na sua vida, este raciocinio simples foi abalado; mas então, pensou que não tinha o direito de julgar pelo que não entendia; não podia retirar o que dera, e pudesse-o, não era de tempera para renegar o que tivesse feito ou sequer pensado.

Mas todos estes pensares eram repelidos: prometera crer além dos factos, e cumpriria. Ele era leal, decerto. E lá no fundo de alma não desaparecia nunca a sombria certeza de que não casaria nunca, abrindo-lhe o futuro como um abismo, onde nada se via.

Agora, todos estes pensamentos lhe corriam desordenada e vertiginosamente no cerebro; os mais horriveis pressentimentos a que nunca dera

ouvidos bailavam-lhe deante dos olhos, e já não tinha sequer a ideia de repeli-los.

Mas repetia-se sem descanso, em resposta a tudo para convencer-se, para ver se a sua teimosia obra o milagre das montanhas transportadas pela fé, que ele não queria que ela sofresse, que ele não queria que ela sofresse!

E na anciedade de convencer-se, e porventura de convence-lo, comovida, com o desespero nalma, tentando traze-lo a si pela suprema abnegação, confiança e ternura e escrevia-lhe:

«*Fiz bem em procurar-te; bem me dizia a voz interior que sempre me fala de ti, que neste momento supremo da minha vida, não tinha o direito de supôr sequer que o teu amor e lealdade se desmentissem.*

Ouço-te a voz surpreendida que me atemorisou ás primeiras falas; mas logo me cai nalma a doçura final do teu amor que não quer que eu sofra.

Mas tu sabes que o sofrimento não custa quando se tem ao lado o amor dum homem leal e valente; e acaso a nossa função de mulheres não é sofrer? ha porventura vida que não tenha custado dores?

E buscando mais fundo, o que poderia até enternecer as feras, a mãe, o tempo em que ele era pequenino:

«*Tambem tu custaste dores a tua mãe, meu amor; e no entanto, tua mãe não se lembra nunca*

do que sofreu por ti, e só se lembra do encanto de te ver pequenino, chegadinho a ela, de crear-te, dia a dia, do teu primeiro sorriso, do teu primeiro olhar, dos teus passinhos pequeninos e vacilantes...

Essa ideia de que vou sofrer, passa-te breve; então não sentes, não vês como seremos felizes, depois, os três? Não sentes orgulho, a alegria imensa com que te olho, a ti que tens o poder imenso de dar-me o filho?

Como vamos ser felizes, amigo! Como se me enche a alma duma alegria infinita, ao lembrar-me do meu, do nosso pequenino, de como ele viverá, e sorrirá e será um homem como tu! E como me tarda agora vêr-te novamente, como sei que esta alegria imensa de tê-lo e de ter-te a meu lado me vai fazer mais mulher, mais alegre, mais feliz, e como eu sei agora que, não haverá felecidade e prazer que não tenha para dar-te!

Não penses que vou sofrer: o sofrimento duma hora, não conta pela alegria da vida inteira! E como tu, o homem, o forte, o creador; deves sentir-te grande e feliz ao veres o fruto do teu poder e ao sentires que a tua vida se renova noutra vida que vai levar-te á eternidade, que é a tua propria vida!

Leu, releu... As duvidas e os temores apagaram-se-lhe pouco a pouco: era impossivel que aquelas palavras não o acordassem; era impossivel que ao representar-se o nascimento dele mesmo, e os

beijos da mãe, ele não se sentisse comovido e atraido por aquela vida pequenina, que despontára sob a sua acção...

E confiante, ficou-lhe lá no fundo, lá muito no fundo, aquela amarga duvida de sempre, e adormeceu nessa noite, embalando-se na convicção de que seria feliz, senão por ela, pelo menos pelo pequenino que não podia deixar de ter sobre o pai uma grande influencia.

Quando no outro dia recebeu âviso de João para ir falar-lhe sem demora, o coração apertou-se-lhe de alegria e anciedade: aquela pressa devia ser uma boa nova—mas estranhava aquela pressa desacostumada.

Recebeu-a com dureza, e repeliu-lhe logo a meiguice com que procurava enternece-lo.

—Deixa-te lá de pieguices tolas, que o momento não é para disparates. Vamos lá a saber: o que entendeste da conversa que tivemos ontem? Esta carta vem cheia de parvoices.

Todas as forças de Clara se concentraram para ouvir, não fossem as palavras escapar-lhe: entravam-lhe pelos ouvidos como marteladas, mas com dificuldade lhes ligava sentido; não sabia que responder:—Que tinha ela entendido?—Não, não, ela bem sabia que se tinha convencido voluntaria e artificialmente duma coisa que ele não tivera intenções de dizer; bem sabia que tudo que ele dissera anteriormente desmentia as ultimas frases, em cuja ligação havia um sentido que lhe escapava. Bem sabia que toda aquela carta fôra um esforço imenso para ver se ele não tinha a coragem precisa para

despedaçar uma vida, ou antes duas vidas, que se lhe entregavam e dele dependiam; fôra um esforço imenso para comove-lo...

Mas aquela atitude que ela no fundo da sua alma adivinhara sempre, que a angustiara desde o primeiro dia em que o encontrara depois de se terem falado no Club, que ela agora tinha de reconhecer como uma realidade, mostrando-lhe que fôra inutil todo o seu esforço para o comover, convencendo-o de que o via sempre como uma figura sublime de ternura e lealdade, tudo isso desaparecia; e tinha de vê-lo como ele sempre fôra, egoista e duro, naquele instante em que a vida dela dependia dele sómente.

Sentia tudo isto em turbilhão: era a angustia de sempre a envolvê-la por completo. Calou-se um pouco, de olhos baixos, desesperadamente, faltava-lhe a voz, sentia-se atordoada; chegava a crer que não tinha dito o que dissera, mas coisas completamente diversas, porventura verdadeiras tolices; olhou sem ver, e murmurou maquinalmente, a meia voz, como falando consigo:

—Que entendi...

—Sim, que entendeste? Fui bem claro: as mulheres solteiras não teem filhos, entendes? Nunca te imaginei tão parva.

Clara cravou os olhos nele, e concentrando toda a sua dôr, humilima, redarguiu:

—Não teem filhos... mas tu bem sabes que eu fui tua por ti e para ti e não por mim. Eu contentava-me com vêr-te...

João encolheu os ombros com desespero:

—Sempre a mesma idiota. Pois se foi sómente por mim, fizeste muito bem! E' preciso dizer-te tudo, não? O sofrimento de que eu falava, não é o fisico, é o da situação que resulta de seres solteira; o teu filho seria igualmente um desgraçado.

Clara compreendeu então claramente: era o sofrimento de abandono, a luta sósinha, sem recursos, contra o despreso da sociedade inteira, as humilhações eternas, o filho, creado de toda a gente, aceite em toda a parte como um intruso... E então, levantou ferozmente a cabeça, fitou-o, e disse-lhe:

—Já agora diz tudo, explica-te, podes dizer tudo!

E ele com despreso:

—E' escusado tomares essas atitudes que não tenho mêdo. O caso é simples, minha rica: no seculo XX, usam-se outros processos.

E ela, sempre feroz, de olhos nele:

—Que processos?

João avançou sobre ela, e murmurou-lhe algumas palavras.

—Minha rica, cada época com seu uso.

Clara gritou-lhe:

—Não, não e não!

E ele encolhendo os ombros:

—Pois então, governa-te. As nossas relações estão acabadas.

XXVI

Estava então tudo acabado!

Encheu-a um despreso imenso por esse homem a quem ela tinha rendido verdadeiras orações do mais enternecido e puro amor—mas orações que ela *sabia* que não eram dirigidas a ele, porque ele nunca fôra essa figura ideal de abnegação e ternura que a sua alma creára. Mas tinha-se-lhe entregado, não se cuidava com o direito de julgar aquele que elegera para seu senhor eterno, e todo o seu esforço era mostrar-lhe que o tinha em tão alta estima que ele não pudesse sequer pensar em não ser correcto,—era ser tão meiga que o comovesse.

Tudo inutil, tudo perdido...

A situação restituia-lhe o raciocinio: Ia ter um filho; não tinha meios, trabalharia nisto ou naquilo—o seu corpo bastaria para cobrir o filho, e apanhar para si todo o mal que houvesse de tocar nele. Mas não era justo que o pequenito não tivesse a quem chamar pai; julgou pela primeira vez, a sua verdadeira situação e os seus direitos: Ela não

erguera nunca os olhos para outro homem; não tivera sequer o esboço dum flirt; o seu espirito encontrara-o ele tão virgem como o seu corpo, porque até conhecê-lo, não reparara sequer que havia homens, não se lembrara de que podia namorar, não sentira um desvanecimento com uma cortesia ou uma lisonja. E ele sabia-o; ele conhecia bem até que ponto a encontrara inocente; e o dever desse homem, era casar com ela, esse homem procedera mesmo mal, não tendo casado ainda antes de lhe dar o filho.

Mas o homem estava julgado; não se tratava disso: o importante era encontrar forma de o filho poder dizer ao menos: aquele é meu pai.

E viu então que ele fôra tão cuidadoso que lhe não deixara uma carta ou um retrato, onde se pudesse suspeitar que entre eles havia relações de qualquer especie; ligou então verdadeira importancia áquele feitio dele, mais exigente que a timidês e recato dela, que chegava a passar dias e semanas sem lhe falar, mesmo quando se encontravam frequentemente em publico—para não darem nas vistas, por causa dela, dizia.

Não havia quem soubesse daquelas relações, não havia a mais leve prova: o seu filho não poderia chamar pai a ninguem, e ela não seria sequer uma abandonada, porque ninguem acreditaria, que aquele homem tão correcto e cumpridor de todos os deveres da sociedade, fôsse um sedutor, capaz de abandonar com um filho, uma rapariga inocente e honesta como ela.

Que diria ao seu filho quando ele lhe perguntasse pelo pai?

E considerou uma vez mais que se não conseguisse enternece-lo, nada conseguiria; e agora era o seu dever, porque era pelo filho que trabalhava: — Não haveria então naquele homem, um cantinho capaz de comover-se por uma mulher que o adorara, ou por um entesinho que todo dependia dele?

E escreveu novamente:

«*Deixa-me, que eu já nada te peço por mim. Vai, segue a tua vida de alegria, de victoria, segue com todos os que te estimam e sentem gloria com a convivencia do teu espirito e da tua elegancia.*

Não te peço nada para mim: eu continuarei a trabalhar como até aqui; não me quererão para professora, que não se quer por professora uma mulher perdida; mas querer-me-hão por creada; não ha creadas, e eu tenho bons braços e não ha forças que o filho me não dê.

Não te peço nada para mim: submeto-me á tua vontade, não serei um impecilho no teu caminho, não te peço sequer que me ajudes materialmente a crear o pequenino: eu vou trabalhar para mim e para ele, e ou viveremos ambos ou morreremos amços. Peço-te sómente que o reconheças, que o aceites por teu filho, para que um dia possa ter o logar que lhe pertence, e não fique creado de toda a gente, filho duma creada. E' impossivel que não me ouças, é impossivel que o não ouças a ele: olha que ele é pequenino, olha que ele só nos tem a ambos, é tão pequenino, não tem outra defesa senão o

amor que lhe tivermos... Se pudesses senti-lo! Ouve, ouve: é para ele ter pai, e depois ele gostará de ti, olhar-te-ha com ternura, irá ver-te e porá os seus bracinhos em volta do teu pescoço... João, João por tudo que te dei, pelo amor que te tive e tu pediste e aceitaste, pela minha vida inteira que levaste, eu só te peço que o reconheças como teu, para ele ter pai, para ele não ficar sendo escravo da triste situação da mãe.

Eu trabalharei João; não te peço outro auxilio, o que tiveres, o que ganhares, será teu: asseguro-te que o amor dele, me dará forças para trabalhar e educa-lo. E' só o nome para ele que te peço. E se quizeres que eu vá para longe, irei; submeto-me a todas as imposições, mas não me obrigues a não chegar a ter o meu filhinho, o meu pequenino que não póde viver sem mim, que está juntinho comigo, e que se fia do meu amor.

Dá-mo e dá-lhe o teu nome, João! Tu que tambem foste pequenino, e tiveste mãe que te creou, e te beijou, e te fez homem, não vais arrancar-me o pequenino; nem deixá-lo sem pai e sem nome.

Aparece, amanhã: eu sei, eu conheço-te, tu és bom, e darás ao menos isto... é o teu filho!»

—Olha, menina; disse-lhe João, quando se encontraram, eu tenho pouco feitio para aturar meninas nervosas. O que disse está dito. Homens de espirito superior, não se preocupam com sentimentalidade de mulheres.

— João...

— Já te disse, e escusas de gritar. Se queres

fazer o que te disse, bem; se não queres, aguenta-te com as consequencias...

Clara escreveu mais; pediu-lhe que aparecesse porque tinha de falar-lhe; resolvera falar, chorar... talvês as lagrimas o comovessem...

João não apareceu.

Tornou a escrever, tornou a pedir que aparecesse...

E João não apareceu.

XXVII

Escreveu-lhe durante oito dias, seguidamente, num crescendo de angustia e anciedade, sem receber qualquer resposta e sem o encontrar nos logares onde lhe pedia que comparecesse para lhe dizer o que decidia definitivamente a respeito do filho; nada mais pedia senão a promessa de que não abandonaria o pequenino — a ela, bastava-lhe a esperança de que ele não seria abandonado. Não podia resolver-se a perder a esperança de que ele mudasse de resolução.

Por fim, encheu-se de coragem, resolvida a arriscar as ultimas lagrimas e humilhações para comove-lo, e procurou-o em casa, onde a não conheciam. Apresentou-se como uma professora do curso que ia buscar uns livros que iá deviam estar para ela; encararam com estranhesa no seu ar perturbado, e foi-lhe respondido com secura, que o sr. Almeida (filho), não estava, e que tinha saido de Lisboa, sem dizer para onde, nem por quanto tempo,

não tendo deixado nada determinado a respeito dos tais livros.

Sentiu a cabeça andar á roda, e fugir-lhe o chão debaixo dos pés; a porta fechou-se bruscamente. E não sabia se tinha ali ficado encostada muito tempo, ou se se dirigira imediatamente para casa, nem o caminho que andára. Guardara apenas uma impressão estupida de pasmo, por ver que ainda havia gente, e carros, e predios de pé; nalguns sitios, parecia-lhe que tudo dançava e que os telhados se dobravam para a rua, e as janelas saltavam para os telhados. Nalguns sitios tudo corria, desde as pedras da calçada, até aos candieiros; quedou-se deante do gradeamento dum velho jardim, muito admirada por ele ser verde; e ao chegar finalmente a casa, entrou, espantada de que ela ainda existisse e de que tivesse porta.

Não poderia dizer quanto tempo decorrera até que recobrara serenidade suficiente, para alucinadamente pensar na situação em que se encontrava.

Tinha resolvido sujeitar-se a tudo; afastara sistematicamente a ideia do desgosto que ia dar a D. Amelia, para não enfraquecer a resolução que tomara de ir servir, para poder crear o filho, sem causar peso a ninguem, e arcar sosinha com as dificuldades e humilhações que ela mesma buscara; resolvera, e não olharia para traz. Sabia em que mundo de sofrimento, ia entrar. Não tinha habilitações para desempenhar outra missão na sociedade, que lhe garantisse o suficiente para ela e o filho viverem, senão a de professora; mas repeli-la-iam naquela situação. De resto, o tempo apertava, e

era indispensavel encontrar quanto antes, uma posição que lhe garantisse o pão de cada dia.

Viver com D. Amelia, dando-lhe como compensação do seu carinho, o desgosto permanente da sua vista, não podia pensar nisso. De resto, a vida encarecera, a pensão de D. Amelia tornara-se insuficiente, a velha creada já não recebia ordenado, o dinheiro que ela recebia das lições entrava para as despesas da casa, e a sua falta ia fazer-se sentir até na alimentação. Não podia portanto pensar em consentir que a todos os sacrificios que por ela haviam feito, se acrescentasse o de deixarem de comer para a sustentarem a ela e ao filho, juntando ás privações o desgosto de a verem naquela situação sem saida.

Enfrentava corajosamente com a sua infelecidade e resolvera trabalhar fosse como fosse: e talvez que o pai de seu filho se amerceasse dela, um dia, e se comovesse, e a levasse com o pequenino para junto dele. Observava a alegria de Carlos junto do filho, e dizia-se que quando ele visse o pequerrucho a sorrir-lhe, a estender-lhe os bracinhos, não poderia deixar de sentir pelo menos, pena de todos os sofrimentos da mãe. Mas o que nunca, nunca lhe passara pela cabeça, mesmo nos momentos de duvida mais atroz, foi que ele pudesse renegar o filho, fugir, para nem sequer responder á unica pregunta que lhe fazia.

E o seu filho, aquele ente pequenino que não fizera nada por vir ao mundo, não teria ninguem a quem chamar pai; se dissesse quem era o pai, escarneceriam da pretensão criminosa de ter um fi-

lho dum homem, correctissimo em todos os actos da sua vida, que não fazia caso dum nem doutro.

Se ela tivesse falado quando aquele amor principiára... Se como as outras, mal um cumprimento esboçava uma intenção, o tivesse comunicado senão a todos, pelo menos a D. Amelia, que era a sua verdadeira mãe, talvez nunca tivesse chegado áquele ponto...

Mas ela não sabia falar das coisas que se prendiam muito com a sua vida; qualquer sentimento, qualquer ideia que a perturbasse mais profundamente, escondia-a, porque se desabituara de falar senão consigo mesma e ao falar de coisas que a comovessem ouvia a propria voz como a dum desconhecido.

Fizera um esforço por sair daquele mutismo, que lhe custara como uma queimadura nalma e não pudera recomeçar... quando principiara a amar João, a claridade daquele novo sentimento, tornara-a mais comunicativa, mas não se começa por dizer tudo... Sorrira mais, fizera algumas reflexões sobre a vida que se abria, mas como considerações em que ninguem podia adivinhar referencias a factos verdadeiros. Habituada a ter como principio que era uma fraquesa socorrer-se de forças estranhas para resolver duvidas de consciencia, ao dever de encontrar em si mesma, forças para tudo, não queria dizer nada a ninguem, sem pedir autorisação a João, não fosse ele zangar-se...

João porém entendia que não era pressa falar; e quando pouco depois de se lhe entregar, co-

meçou a sua tortura, não podia falar; o que não dissera na alegria, não poderia dize-lo nunca na dôr; sentia que falar, era acusa-lo, e acusar é cobardia, e seria ter de reconhecer e ouvir dizerem-lho, e ter de conformar-se com a opinião de que ele procedia mal: *e ele procedia bem*. Dir-lhe-hiam que era preciso abandonar imediatamente um homem que não manifestava por ela nenhum interesse: e ele *queria-lhe muito*, e ela já não tinha o direito de deixar de viver por ele, para sempre.

Não tinha o direito de buscar auxilios que só a desviariam do que ela entendia que era dever, que seriam injurias ao homem que ela escolhera: e desde que escolhera, a sua vida e a dele eram uma só, e ainda que soubesse que ele matara, todos poderiam acusa-lo menos ela, que devia ama-lo e defende-lo até á ultima hora da sua vida. — Como é que havia de ser ela, a que havia de dar logar a que quem quer que fôsse, o julgasse mal?

Agora não havia mais nada a fazer: o mal resultante daquele silencio era irremediavel, e o seu filho não teria pai, e seria para sempre, escravo; seria creado sem mimo, sem cuidados, porque no trabalho a que teria de sujeitar-se, haviam de contar-lhe os segundos que dispendesse com ele; haveria de tentar quantas casas e sofrer quantas recusas, por não quererem a massada e despesa dum pequenino desconhecido; e ela teria de ouvi-lo chorar, sem poder acudir-lhe porque o seu tempo era dos outros, e se ele chorasse muito, teria de vêr más caras, e ouvir queixas aborrecidas, e ser despedida, por causa daquele entesinho que seria a unica ra-

são da sua vida, mas que para os outros, seria um impecilho intoleravel.

E se ele adoecesse, não teria que dar-lhe; e o filho, gerado entre angustias e anciedades, creado com um leite—se ela o tivesse—cheio de febre, havia de ser doente, triste e mal disposto para a vida... E ela havia de vê-lo doentinho e enfesado, sem ter que dar-lhe, nem tempo para acalenta-lo, nem alegria que transmitir-lhe, nem esperança dum futuro melhor. E não teria com que agasalha-lo, senão os trapos da caridade—esta caridade da nossa terra que só dá aos pobres aquilo que já não tem prestimo.

Mais tarde, quando ele andasse, e começasse a brincar, seria já o creadinho das outras creanças da mesma idade: havia de brincar ao que os outros quizessem, e a parte mais penosa das brincadeiras seria para ele; se lhe batessem, se o maguassem, teria de calar-se, porque em toda a parte seria a mesma coisa, e ela, sem amparo de ninguem, havia de ser uma inferior onde quer que estivesse; e aos inferiores compete sofrer sem recalcitrar.

As outras creanças desculpar-se-hiam com ele das maldades proprias e, quantas vezes inocente, ou tendo feito apenas aquilo a que o haviam incitado, teria de sofrer sósinho o castigo, porque era ele quem desafiava os meninos para as maldades: E ela havia de assistir, e não poderia defender o filho porque no dia seguinte não teriam pão.

E relembrando a sua infancia, relembrando a alegria dos primeiros anos e os dias penosos do convento, quando a castigavam sem razão, e de como

esses castigos e o riso escarninho das condiscipulas lhe imprimira nalma uma grande desconfiança pela vida, palpando as feridas de então que ainda doiam, compreendeu quanto mais angustiada seria a vida do seu filho que não teria sequer, como ela, a alegria sem mácula dos primeiros anos, que não conheceria nunca, a alegria de ir com ela passear quando quizessem, que não teria jámais um dia em que nascesse e se puzesse o sol sem sujeição a quem se cuidasse no direito de o mandar em tudo, tendo-o sempre como inferior.

E por mais amor que lhe tivesse, por mais que quizesse pôr-se entre todas as amarguras e o seu filho, compreendeu que não poderia fazê-lo, e que ele, creado sem alegria, sem independencia, com falta de tudo, havia de ganhar todos os estigmas da desesperança e da fatalidade.

Então, preguntou-se se quem não tem pão nem alegria para dar aos filhos, tem o direito de os deixar nascer; então preguntou-se, se quem como ela, não tivera o instinto supremo da vida de escolher o homem, capaz de ser o pai de seus filhos, tinha o direito de guardar estes, quando não podia fazê-los felizes, preguntou-se se tinha o direito de trazer para a vida um desgraçado, destinado apenas a sofrer, preguntou-se se fazê-lo não seria a suprema cobardia...

Os conselhos de João ácerca das praticas do seculo XX e da sua pieguice como ele lhes chamava, apareceram-lhe como um remedio, muito embora ela não fizesse a mais leve ideia do que isso fos-

se na prática: e pareceu-lhe que uma vóz lhe impunha como um dever, o segui-las muito embora a vida de ahi por deante fosse para ela um sepulcro, porque não devia dar a vida a desgraçados.

Mas nesse instante, alguma coisa que nunca sentira, se passou dentro dela: uma vozita pareceu chama-la, enquanto se voltava...

Pôs-se á escuta longamente, parã dentro dela mesma, com a vida completamente suspensa: estremeceu...

— E não, não, mil vezes não! ou viveriam ou morreriam os dois, ao mesmo tempo, juntos e sós para todo o sempre, como naquele instante em que só ela podia ouvi-lo e sentir aquele apelo!

XXVIII

Os dias e as noites corriam sem trazerem a Clara o milagre por que esperava. Que ela acreditava num milagre: desde o dia em que sentira o filho pela primeira vez, uma aurora surgira dentro dela, e esperava qualquer coisa que a ambos traria felecidade ou desgraça. Cria porém, que era felecidade e nessa esperança se embalava: era impossivel que o universo inteiro não se comovesse com a presença daquele pequenino cujo sentir a perturbava infinitamente, e não se desse qualquer acontecimento extraordinario que o salvasse: para ela, o centro do mundo era ele, e a natureza inteira devia até mudar as suas leis para salva-lo, e não podia deixar de fazê-lo.

Os três primeiros dias passaram-se numa exaltação inebriada, tão feliz como anteriormente fôra desgraçada; repetia-se sem cessar que havia de salva-lo; sorria-lhe e falava-lhe como se ele pudesse ouvi-la; sentia que já não estava sosinha no mundo.

Não era do pai que esperava coisa nenhuma.

esse como que morrera; aqueles dias, vivera-os com o filho sómente, numa alegria tanto maior, tanto mais absoluta, que como uma espécie de loucura lhe varrera por completo a lembrança dos perigos e da triste situação em que se encontrava. Ouvia e sentia o filho, e sentia-se viver nas nuvens, insensivel ao frio e á fome, surda e cega para quanto a rodeava. Entrara numa insensibilidade fisica e moral para tudo que não fosse sentir-se ligada áquela nova existencia; cortou-se, e só deu por isso, e com dificuldade, quando viu o sangue correr, como se estivera meia adormecida; queimou-se e não o sentiu igualmente.

Estava toda voltada para dentro de si mesma; a ver o filho, a querer vê-lo, crescendo, formando-se; e cria ouvi-lo falar-lhe com uma voz que só ela podia ouvir e entender.

... ...

Depois de três dias de exaltação, como o milagre em que vivera não descesse á terra, entrou numa nova fase de desesperada tortura. Não dormira aqueles três dias; ouvia o pequenino e era feliz.

Mas ao fim daquele tempo, acordou com uma dôr especial, atroz, pegada na nuca, que se estendia depois vagamente pela cabeça, e vinha terminar novamente pegada, no centro da testa, onde sentia um buraco.

Olhou em volta de si, pasmada de encontrar-se no quarto: e pôs-se a olhar para o fato que trazia vestido, para a cama, para os sapatos e paredes; foi á mesa de estudo e pegou nos livros um a

um, a reconhece-los, a examina-los, com a sensação estranha de os não ter visto ha muitos anos.

E aquela dôr horrivel na nuca, aquela impressão de ter um buraco na testa, não lhe abrandava de dia nem de noite.

Todos os ruidos exteriores, todos os movimentos, tudo que via, ou claro ou escuro, lhe batia dolorosamente dentro da cabeça; e o proprio andar e o proprio falar se lhe repercutiam no cerebro, como pancadas ou alfinetadas persistentes; sentia um desejo, uma necessidade insofrivel de dormir, fechar os olhos, de não pensar e não sentir mais nada; apossara-se dela um cansaço infinito, uma impossibilidade fisica de reagir, e não obstante, na sua cabeça febril passavam e repassavam num turbilhão vertiginoso as mais desencontradas imagens, como se prostrada, no cinema, lhe abrissem os olhos á força, para á força ver.

Com um esforço instintivo mas dolorosissimo parecia-lhe conseguir uma aparencia mais ou menos calma; não dexava de aparecer ás horas das refeições nem de ir ao curso; mas era-lhe preciso esforçar-se permanentemente para conseguir ligar a ideia ás conversas e ás lições e sucedia-lhe acordar num estremeção, dando pelo que em torno dela se dizia ou passava, quer em casa, quer no curso, ou mesmo na rua, como quem numa sala, vai a adormecer, e abre os olhos de repente, e se assusta da figura que está fazendo, para tornar a fechá-los numa sonolencia invencivel.

Nesse rapido acordar corria-lhe pela espinha

um longo arripio de frio, e as mãos enchiam-se de suores; depois recaia na mesma indiferença exterior e interior; *via* apenas lembranças e imagens que passavam dentro da cabeça dela, naquele buraco que se lhe abrira na testa, com a sensação longinqua, estranha e horrivel de ter-lhe desaparecido qualquer coisa, ou de ter-se passado qualquer coisa de que não tinha meio de recordar-se.

Falava, não sabia de quê, e ouvia a propria voz, como de outrem que falasse ao longe.

D. Amelia e a velha Rosa examinavam-na cheias de cuidado, sem decidirem se era melhor interrogarem aquela naturesa esquiva, se aguardarem que o acaso lhes descobrisse a causa daqueles modos estranhos; mas os dias passavam e Clara não se modificava; até que se convenceram de que só uma grande desorganisação fisica, possivelmente uma doença, talvez a tuberculose, dessem os seus primeiros passos em Clara.

A anciedade com que a examinavam crescia a cada instante, sem poder ocorrer-lhes de que sofria aquela criaturinha que elas tinham creado de pequenina, e que com elas se tinha tornado mulher, tomando-a sempre por fria, indiferente, brusca e até dura. Pensavam na tuberculose, pensavam em qualquer doença nervosa, cerebral talvez; e falavam uma com a outra, e repetiam as visitas a Isabel e Carlos, pedindo uma opinião, um conselho, sem chegarem a uma conclusão nem resolverem como proceder.

No entanto Clara tornou-se tão sombria, tão silenciosa, e as ausencias do espirito e da atenção

tornaram-se-lhe tão frequentes, não conseguindo já sequer responder de longe a longe, que D. Amelia, chegou um dia ao pé dela, e disse-lhe:

—Clara, estás doentinha? queres ir ao medico?

Clara encarou nela com estranhesa: afirmou-se demoradamente até compreender que lhe estavam falando; mas o olhar vago não poude fixar-se senão depois dum grande esforço. D. Amelia, seguia aterrada aquele olhar dolorosamente vago, e tornou a preguntar-lhe:

—Estás doentinha. Queres ir comigo ao medico?

E compreendendo enfim, cansada, com a voz muito arrastada:

— Não estou. Eu se estiver, digo para irem comigo.

E voltou á mesma ausencia, perdeu-se-lhe de novo o olhar.

D. Amelia viu-a encaminhar-se para o quarto, com um peso infinito no coração; no entanto, a doçura da resposta, a promessa de ir ao medico quando se sentisse mal, muito embora houvesse no olhar, nas palavras e nos modos, qualquer coisa indefenido que fazia medo tranquilisava-a: esperava-a rispida, selvagem; encontrara-a docil—sempre era uma esperança.

agarrado aos olhos o olhar ancioso de D. Amelia, e aos ouvidos a voz enternecida que tanto lhe custára.

Clara, ao voltar para a sua ausencia, levava ra a compreender, preguntando-lhe se estava doentinha; com a noite, virtude talvez daquele acordar momentaneo, virtude talvez daquela nova visão que

não lhe passava da vista — o ancioso olhar de D. Amelia — apoderou-se dela uma certa serenidade, onde começaram a desfilar uma a uma todas as situações da sua vida. Era como a ultima hora lucida dos moribundos.

Lembrou-se daquela alegria tão clara como a luz que enchia o espaço imenso que se estendia em volta da sua casa, quando era creança e da expontaneidade com que então sorria e abraçava quantos dela se aproximavam. D. Amelia e a velha Rosa animavam-na tanto que ela tinha a impressão de a trazerem sempre ao colo. Tudo lhe servia de riso e contentamento; de manhã á noite, a sua vozita animava a casa, cantando, palrando, da cozinha para o jardim e para a casa de estar; e mil vezes ao dia que fosse á cozinha e tornasse á casa de estar sempre a velha Rosa ou D. Amelia a recebiam com o mesmo ar de alegria, com o mesmo beijo, e sempre os bracitos dela, Clarita, iam prontos para se estenderem, e trepar até elas, que ficavam lá em cima — eram pessoas grandes.

Acreditava tudo que lhe diziam, e se fazia maldades, era daquelas que a sua cabecita descobria, como um grande acontecimento; nunca desobedecia. Uma vez em que estava no jardim—era ela tão pequenina—caiu do céu com um grande ruido, um bicho enorme, com asas. Clarita gritou cheia de mêdo; veiu a Rosa, com a vassoura e a pá; matou o bicho e disse-lhe que não tivesse medo porque aqueles bichos nunca faziam mal: aquele era muito grande, mas era um gafanhoto, não fazia mal.

Clara ficou no jardim, e pensou que se ele não fazia mal, não merecia a pena mata-lo. Momentos depois, cahia junto dela outro gafanhoto tamanho como o primeiro: e Clarita, sem mêdo—a Rosa tinha dito que não fazia mal—pôs-se de joelhos ao pé do bicho que tinha caido com a calmaria, e examinou-o até ele recolrar forças e se ir embora de novo.

Não tornou a chamar—não fossem matar um bicho que não fazia mal, sómente por ele ser pateta. Quando o gafanhoto partiu, foi contentissima ter com a Rosa e gritou-lhe:

— Veio outro bicho — não sei como se chama — mas não tive mêdo. Estive a vê-lo...

— Onde está ele? — preguntou a Rosa, cuidando que a pequenita ia ter mêdo.

— Fugiu. Não te chamei para não o matares.

Acreditava tudo que me diziam, pensava Clara, acreditei assim em tudo. Era um gafanhoto, se fosse uma vibora ou um toiro, ter-me-ia acercado dele com a mesma confiança...

E com um desalento infinito recordava um a um, os dias de convento, as predicas, os conselhos e as imposições que lá recebera com o mesmo espirito de confiança, esforçando-se por cumpri-los como salvára o segundo gafanhoto.

Fôra lá que lhe haviam arrancado toda a possibilidade de exprimir a ternura que tinha nalma por tudo e todos, convencendo-a de que era uma fraquesa imperdoavel ter outro amor além de Deus; fôra lá que a haviam convencido de que o amor, a

amisade, são sentimentos inferiores, de que os *bons* se libertam, por serem roubos feitos a Deus, impecilhos para o caminho da perfeição, e que os eleitos, os que serão reconhecidos por filhos dilectos de Deus, são aqueles que tiverem esquecido pai, mãe, irmãos e amigos.

Fôra lá que lhe haviam creado aquele exterior frio e brusco, na reacção constante para vencer a *cobardia* do seu coração que solicitava carinhos, e da sua boca e dos seus braços, que um dia, com grande escandalo, haviam beijado e abraçado uma pequenita que chorava, por não ter tido premios:

— Não chores, disse-lhe ela, quasi a chorar tambem.

Mas essas ternuras eram de tal maneira proibidas, que a propria pequenita beijada recuou cheia de espanto, e as companheiras que assistiam á scena, puzeram-se em pé, assustadas e admiradas da desobediencia, o pecado publico: e ela ia ser castigada, se a freira vira.

E Clara sentiu que fizera muito mal, sem encontrar razão, porque sentia tambem que não podia ser maldade fazer festas a uma pequenita e que chorava e estava triste. Mas as freiras que ralhavam e castigavam por isso, deviam ter razão... E de ahi por diante redobrara de cuidado, e vencera-se mais...

Fôra lá que ela contraira aquela segunda naturesa do silencio e da reserva, porque só uma palavra inutil tem por castigo o purgatorio, e inuteis são todas as palavras que não são orações ou o pedido do estrictamente indispensavel. E passara

aqueles anos, sem ter, um momento, uma pessoa a quem comunicar as duvidas que a atormentassem, com quem ter um desabafo: e ela, talvês mais que todas as creanças, precisava de ter a quem dizer as alegrias, a quem preguntar as mil coisas que todas as creanças preguntam de manhã á noite.

A sua vida, durante esse tempo em que o coração e o cerebro se desenvolvem, fôra um esforço permanente para não sentir, para não exteriorisar o que sentia, se alguma vez, contra vontade, sentira mais que amor de Deus, e para calar todas as perguntas que a sua alma, que o seu espirito formulasse, impondo-se como resposta a tudo, a submissão á palavra de Deus.

Era proibido falar em toda a parte: nos dormitorios, nas aulas, nos corredores; aos recreios, o que era permitido era cantar em côro, e ouvir em conjunto, as historias que uma pequena ou a freira contava para todas. Era proibido andar dois dias com a mesma companheira, nas formas ou nos passeios, para não haver amisades.

O unico sitio onde se podia abrir a alma, fazer preguntas, era no confessionario: mas ahi, as ordens eram rigorosas: sómente se devia dizer e rapidamente, os pecados e nada mais. Tudo o mais que se dissesse ou preguntasse, era inconveniente, e contra uma boa confissão.

Clara lembrava-se da sua necessidade de falar, de pôr o seu espirito em comunicação com os das outras pessoas, da alegria com que enfim, vira a familia, no primeiro dia de visitas, depois de estar no convento.

Levara para lá uma grande boneca, e contava que uma outra pequenita tinha outra boneca, mas que não era tão bonita como a dela. Fôra toda a conversa daquela visita.

Depois da familia ter saido, disseram-lhe que toda a sua conversa fôra a duma menina invejosa e que por isso nunca mais teria a sua boneca, que passou para toda a gente; só tornou a vê-la quando mudou de classe, lá num armario.

Além disso foi chamada e houve várias predicas para ela, em especial, ficar sabendo, e as outras não esquecerem, que nunca deviam dizer ás familias o que se passava no convento, nem falar das outras meninas, nem preguntar o que se passava em casa das familias, porque as familias não compreendiam nem praticavam o verdadeiro amor de Deus, e tudo que elas aprendiam nessas conversas, desfazia o esforço que as suas irmãsinhas empregavam para as levar ao verdadeiro caminho da perfeição. E era mesmo por isso que não se permitia a entrada de creanças naquele colegio, além dos oito anos, porque depois dessa idade levavam vicios e vontade, que tornavam muitas vezes impossivel corrigi-las.

E era para que elas, nessa conversa duma hora, de quinze em quinze dias, com a familia, não desfizessem o esforço das freiras para as levarem ao caminho do bem, que o parlatorio era uma sala quadrada, com uma imagem grande da Senhora de Lourdes ao cimo, lembrando a todas, a puresa e a obediencia, onde em volta se dispunham as cadeiras para as visitas; e durante elas, uma, ou duas frei-

ras se era dia de festa e permitido receber mais gente, passeavam vagarosamente, ouvindo tudo, e tomando nota em quanto se dizia, para que nenhuma pudesse infringir a regra, contando o que se passava no convento.

E mesmo assim—Clara lembrava-se—de longe a longe, sucedia que um pai ou mãe, condenados para sempre ao inferno, no dizer das freiras, levavam para casa as filhas que choravam por quererem lá ficar, mal passadas semanas ou meses depois de entrarem.

Porque é que D. Amelia não pudera roubala, a ela, do convento, contra vontade de todos?! Se ela soubesse bem que toda a sua aridez, a sua friesa, a sua reserva, eram produtos daquele tempo, um habito que não podia vencer!

Vivera dos oito aos doze anos naquele silencio, sem poder falar por não ter com quem, e esforçando-se constantemente por aniquilar toda a necessidade de comunicar a quem quer que fôsse uma ideia ou uma duvida. Se tinha um *máu* pensamento, se havia uma duvida na sua fé, no seu dever de obediencia, um desejo de ver aqueles a quem quizera muito e que a haviam creado, precipitava-se sobre a Imitação de Cristo, e lá encontrava que neste mundo até ao amor aos seus, tudo é vaidade e pó e cinza. Viver, só para o céu; amar, ter confiança, só em Deus...

Saira do convento com o firme proposito de voltar mal lhe fosse possivel; tornara-se dura, esquiva, tinha-se esquecido de como é que se é bom e

meigo, e perdera as palavras com que se fala aos que nos adoram.

Toda a sua pena era de não poder voltar para o convento; D. Amelia, odiava as freiras e esse sentimento cavava um abismo entre ela e Clara, que todos os dias resava pela sua conversão...

Fôra preciso que nela rompesse um sentimento novo, para compreender que tudo em que quizera basear a vida, todo esse amor de Deus, era uma falsidade, uma ilusão, uma mentira: fôra preciso que o amor lhe entrasse nalma, á fôrça, fôra-lhe previso ver Isabel e o filhinho, para alguma coisa rebentar dentro dela, numa revolta contra a mentira infame a que lhe haviam acorrentado a vida, aniquilando-lhe, a ela que precisava de carinho, e meiguice, e que precisava de ser meiga e boa, e de fazer festas e dar beijos, e de gostar de todos com quem vivia, a possibilidade de confessar sequer que estava triste porque déra uma má lição!

Não! com o chegar da sua transformação em mulher, em presença daquele pequenino, da Isabel, durante a tarde em que o embalou e se embebeu toda naquele olhar, Clara compreendeu que acima de tudo, no mundo, existe o amor pelas creanças, o amor pelos filhos, e confundido nele o amor dos pais.

Mas então, logo, a mêdo, lhe surgira aquele temor horrivel—ela não sabia e não podia fazer o que era preciso para isso—isso que não era um crime, como lhe haviam feito crer.

E ninguem sabia as tempestades, as lutas hor-

rorosas que se haviam passado dentro dela: e aquele horror de não poder desatar o nó que se lhe formava na garganta, quando queria preguntar, aquele desejo de saber, e o sentimento de vergonha, não fôssem adivinhar o que ela estava a pensar—mostrar a sua alma. E aqueles dias em que ruminara planos para saber como é que as outras chegavam ao amor e aos filhos, e a impossibilidade de encontrar uma palavra para principiar a conversa, e a fuga, o retraimento ainda maior, porque se soubessem da sua atrapalhação, haviam de cuida-la estupida e idiota.

E lembrou-se do aparecimento de João.

Em verdade, não sabia se ele não tivera razão: porque ela, eternamente retraida, devia ser diferente das outras... mas ele, se tivesse querido, podia tê-la salvado, talvez...

E ela não *pudera* dizer nada a D. Amelia, nem a ninguem; quando alvoreceu aquela esperança, fizera-se melhor, tencionara dizer: mas as palavras faltavam-lhe, antes mesmo de ser nada definitivo.

Varias vezes quizera começar, outras tantas desistira, prometendo que depois, amanhã, ainda seria tempo.

E sem dizer nada, sem um amparo, um conselho, transplatava para João, a unica concepção do amor que conhecia: amor de Deus, abnegação da vida inteira, amor sem uma duvida até ao fundo da alma onde ele lê tudo, sem uma reserva, para todo o sempre. E assim se entregou: e assim viveu naquela eterna submissão, sem raciocinar, sem querer duvidar, porque duvidar do seu amor seria ama-

lo menos do que as religiosas amam Deus, e o seu amor havia de ser superior a tudo. E como se atreveria ela, a duvidar dele, a imagem do proprio creador?

Habituara-se a ser humilde, a receber todas as amarguras e trabalhos como provas de amor que devem ser recebidas com alegria, porque é com elas que Deus prova os eleitos; quebrara todos os impetos de revolta que porventura pudessem surgir na sua naturesa naturalmente suave e meiga, porque lá diz a Escritura que quando te derem uma bofetada, oferecerás a outra face para que te dêem outra.

E de tal maneira essa humildade estupida entrára nela, que mesmo depois de quebrada a fé, não podia reagir contra as humilhações—como pudera exigir mais de João, seu senhor, seu Deus, a quem ela queria amar sobre todas as coisas, e a quem não podia provar mais amor que recebendo-lhe ternamente todo o seu abandono sem um queixume?

O filho agitava-se no seio dela, lembrando-lhe a realidade.

Agora estava tudo acabado...

Mas o olhar de D. Amelia tornou a perturba-la; lembrou-se da sua ternura, de como a queria, de como a embalava em pequenina, de como sempre a guardára como mãe, apesar da sua falta de confiança e da sua dureza. E sentiu quanto a havia de ter maguado o seu procedimento; fôra uma pedra a pizar constantemente um coração... E agora... oh! agora, em paga de tanto amor, de tanto carinho, ia encher-lhe a vida de desgosto, ia arran-

car-lhe o pão que não chegava para as três, ia ela deixar de trabalhar, ser um encargo e uma vergonha. Via D. Amelia, doente, sem forças para trabalhar; e ela, depois de toda a sua maldade, ia ainda acabar por fazer-lhe maior mal, roubar-lhe o proprio pão...

O relogio da torre deu duas horas da noite. Clara reparou que estava ás escuras, deitada vestida sobre a cama. Acendeu a luz, e mudou os pensamentos:

Apesar de tudo, tinha forças e trabalharia, oh! não, D. Amelia, era como sua mãe! *sabia* que ela havia de perdoar-lhe; *sabia* que se lhe contasse tudo que sofrera, que se lhe dissesse porque não falara, todo o sofrimento das suas hesitações de creança e de mulher, as suas lutas sósinha, sem se atrever a buscar nem a aceitar um desabafo, um carinho, ou um conselho, comove-la-hia tão profundamente, que a sua verdadeira mãe não encontraria nunca carinhos suficientes nem bastantes dias na vida para apagar-lhe a dôr daquela solidão absoluta de não poder comunicar com outra alma ou outro coração.

Era talvez cêdo ainda para descrer da vida... sabia lá se o futuro lhe não traria uma sorte grande que lhes desse pão? oh! se ela falasse, se ela pudesse chamar, abrir a alma áquela que a curaria...

Levantou-se: falaria, iria dar e buscar a ternura que não a penetrara desde a mais remota infancia: queria viver apesar de tudo, mas para isso

precisava de ternura, de carinho, precisava de dar a alguem, e sobretudo áquela santa que a embalara, o reconhecimento enternecido que nunca deixara de sentir, e cuja expansão lhe haviam ensinado a calcar como um dever para o caminho da perfeição.

Iria... e as mãos de D. Amelia tomando-lhe a cabeça carinhosamente entre elas, e os seus olhos cheios de lagrimas olhando os dela cheios de angustia, e o seu chamamento de filha, de pequenina, haviam de deixa-la desabafar aquele silencio opressor de toda a vida, e cicatrisar-lhe uma a uma, todas as feridas do seu coração precisado doutro coração que se debruçasse sobre ele, com delicadesa e ternura infinita.

Tinha-se posto de pé e dirigia-se para a porta; levantou o fecho, parou... Fóra estava escuro, e havia silencio de noite alta.

— Que ia ela fazer? que diria? como é que diria?... Não, não! sabia que chegada lá, toda aquela comoção havia de passar; lembrou-se dos mil esforços inuteis que fizera toda a vida, desde que compreendera a morte que representava aquele silencio, para falar; lembrou-se de quantas ocasiões em que procurava em vão, palavras que puzessem a sua alma em comunicação com a de D. Amelia, com a Rosa, com a Isabel, e de como se lhe varriam da memoria, ás vezes por coisas de coração bem mais simples, caindo novamente em si, mais silenciosa, mais sósinha, mais emparedada para sempre no isolamento em que a tinham metido os anos de convento, impondo-lhe o silencio e a separação de toda a humanidade para viver exclusivamente pa-

ra o amor dum Deus que se desfizera aos primeiros embates com a natureza a que ele se opunha, deixando-a naquela solidão de morte.

E com a fronte febril encostada á porta fria, lembrou-se da angustia imensa daquéla tarde em que num esforço supremo falara a D. Amelia da sua vida, em que deixara entrever que tambem quizera ser freira, em que tentara ser meiga e falar, e do horror da volta a si mesma, depois daquele esforço tão doloroso e tão inutil, que a separara ainda mais profundamente de D. Amelia e do mundo inteiro.

Não era aos vinte anos que aprenderia a falar, não era aos vinte anos que aprenderia a ser meiga, não era depois duma vida inteira passada no esforço continuo e permanente por cerrar sobre si mesma e secar toda a meiguice, que ela aprenderia a confiança e as palavras enternecidas e encantadas com que sabem sorrir e falar áqueles que de pequeninos tiveram sempre uns braços que os abraçaram, e uns olhos e uma boca que os beijaram, e receberam alvoraçadamente os seus beijos, os seus abraços, e as preguntas sobre a vida, para os aconselharem e guiarem para a luz e o sol, como o jardineiro ás flores.

Querer tornar-se numa creatura meiga e confiante, seria querer tornar um pinheiro numa flôr...

E sabia, e sabia que D. Amelia a adorava, e sabia que ela daria o proprio sangue para lhe calar toda a dôr, e sabia que se ela algum dia soubesse até onde fôra a sua falta de confiança, seria como ter-lhe roubado o esforço da vida inteira, aquela

vida que D. Amelia consagrara a crea-la, como se fosse uma filha: e sabia que D. Amelia não tinha outra afeição no mundo, e que ela fôra fria e brusca, e reservada, contra o reconhecimento infinito que tinha no fundo da alma, e que não podia—*não podia* manifestar-se.

Rompia o dia, lá muito longe e lentamente aparecia uma claridade acinzentada; Clara ainda encostada á porta, deu por si; no fundo dela, agitava-se afflita uma vida nova.

Encolheu os ombros, sorriu cheia de desalento: sabia bem tudo que scismara: estava escrito no fundo da sua vida, sabia-o muito—sabia-o desde sempre: tinham-na morto á força, antes de chegar á vida; tinham-na tornado o tumulo de si mesma, cerrando-lhe todas as possibilidades de expansão a todos os afectos e desejos, e morto pacientemente, dia a dia, instante a instante, a propria fonte de que eles nascem, incutindo-lhe a convicção de que o esboço dum desejo, mesmo que não passe do mais intimo de alma, já é imperfeição, já é pecado; tinham-lhe feito crer que no mundo, não ha afecto puro—nem sequer o dos pais pelos filhos, e que só o amor e submissão infinita á vontade de Deus, é digno; tinham-na convencido de que uma palavra inutil já é pecar e tem de ser expiada no purgatorio; e tinham-lhe aniquilado pacientemente todas as faculdades de julgar, não só a vontade de Deus, mas os actos do proximo—o fazer juizos temerarios —tinham-lhe aniquilado até á raiz todas as faculdades de reagir mesmo em espirito, com o fim de tor-

na-la instrumento humilimo da vontade de Deus— alma no céu, abstrata, longe, e corpo na terra, sem vontade, sem beleza, sem desejo, verdadeiro cadaver baloiçado indiferentemente pelas ondas da vida— a vida desprezivel, odiosa, que para ela era apenas motivo de terror e tedio.

Mas esse Deus, em nome do qual a haviam aniquilado, em contacto com essa vida que lhe haviam feito crer despresivel e odiosa, aparecera-lhe supremamente ridiculo, odioso, inexistente; e então debalde quizera viver: porque se encontrara ás portas da vida, como uma aguia a quem tivessem quebrado as asas á nascença, e arrancado as penas, e fechado num logar sem luz, e a quem, chegada a idade de voar, abrissem escarninhamente o espaço, e o lançassem fóra da escuridão em que vivera, dizendo-lhe que voasse.

Sabia, sabia tudo... Desaprendera de falar com meiguice e de ter confiança naqueles que a adoravam, porque eram afectos humanos, e essas coisas, quando assim perdidas, nunca mais se aprendem.

E esse homem, em compensação, aparecera-lhe em substituição de Deus que se esvaira mas de cuja existencia ela precisava, porque nunca tinha aprendido a andar no mundo e não podia sequer concebe-lo sem um infinito, e ela para quem não existia esse Deus catolico, feroz, egoista e estupido, mas existia Deus, amor eterno e infinito, personificando-se nas almas as mais perfeitas—transmitira para esse homem tudo que de grande albergava em si, sem nunca o ter examinado, nem estudado, nem

julgado, sem nunca ter reagido—porque lhe haviam deixado apenas o sentimento da grandesa de Deus e a submissão infinita á sua vontade: Sem nunca o ter julgado, porque sempre a haviam convencido de que só pensar mal de alguem é um pecado que póde levar ao inferno, e mesmo depois de perder a crença, não podia julgar mal de ninguem, por ser uma indignidade.

Sabia tudo: sabia... E agora sabia tambem daquele saber que tinha no fundo de alma, que tudo havia de ter remedio...

Três dias depois, o director do curso convidou-a para acompanhar o curso com outros professores á fabrica de electricidade. Foi. E ou acaso, ou instinto, ou raciocinio daquele vago raciocinio em que se debatia, levou-a a apanhar um arame e tocar com ele num dos cabos de alta tensão...

Caiu. Já não precisava de mais nenhuma alma para a arrancar ao silencio da sua vida inteira.

D. Amelia conseguiu que a autopsia fosse dispensada.

Abril — 1927 — Lisboa.

FIM

B-6453-9

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
0000164617 9